

REVISÃO DAS ESPÉCIES SUL-AMERICANAS DO  
GÊNERO *BASILIA* (*Diptera-Nycteribiidae*) (\*)

por

LINDOLPHO R. GUIMARÃES

CONTEÚDO:

Introdução

Breves considerações sobre a morfologia externa do gênero.

Distribuição geográfica do gênero e relação de suas espécies com os hospedeiros.

Discussão dos caracteres genéricos e definição do gênero.

Chave para as espécies

*Basilia ferruginea* Miranda Ribeiro, 1903

„ *mexicana mexicana* (Bigot, 1885

„ *mexicana plaumanni* Scott, 1940

„ *mexicana silvae* (Brèthes, 1913)

„ *mirandaribeiroi* Guimarães, 1942

„ *curranii* Guimarães, 1943

„ *carteri* Scott, 1936

„ *travassosi* Guimarães, 1938

„ *flava* (Weyenbergh, 1881)

„ *bellardii* (Rondani, 1878)

„ *speiseri* (Miranda Ribeiro, 1907)

„ *juquiensis*, sp. n.

„ *hughscotti*, sp. n.

„ *romãnai* Del Ponte, 1944

Lista dos hospedeiros

Explicação das letras

Abstract

INTRODUÇÃO

Entre os dípteros hematófagos, os componentes da família *Nycteribiidae* ocupam uma posição de destaque, não pelo número de espécies ou importância na patologia humana e veterinária, mas pelas modificações que apresentam, provavelmente como consequência de seu alto grau de especialização parasitária, seja em sua estrutura, seja em seu comportamento biológico.

O tipo de postura dos componentes dessa família fez com que ela fôsse colocada, juntamente com os *Streblidae* e os *Hippoboscidae*,

(\*) Entregue para publicação em 1-2-1946.

no grupo dos *Pupipara*. Esse agrupamento, segundo alguns autores que tem estudado sua morfologia, é inteiramente artificial. Já em 1892, MÜGGENBURG (1) sentiu a heterogeneidade do grupo.

Recentemente JOBLING (2), que estudou a estrutura da cabeça e das partes bucais das três famílias que formam o grupo dos *Pupipara*, concluiu que os *Hippoboscidae* são relacionados aos *Muscidae*, porém quanto aos *Streblidae* e *Nycteribiidae* "it is only possible to say that they are descended from the Acalyptrata". Nós mesmos (3) tivemos oportunidade de verificar que o sistema de respiração das larvas das espécies pertencentes às famílias incluídas nos *Pupipara* apresenta dois tipos distintos: um desses tipos é apresentado pelas larvas das espécies da família *Hippoboscidae* e o outro pelas larvas das famílias *Streblidae* e *Nycteribiidae*.

As modificações morfológicas que se verificam em *Hippoboscidae* e *Streblidae* atingem o mais alto grau em *Nycteribiidae*, tornando sumamente difícil relacionar os diversos escleritos, principalmente os torácicos, com os dos outros dípteros.

Outro fato interessante que se verifica com os membros da família *Nycteribiidae* é a disparidade existente entre o número de espécies encontrado no Novo Mundo e o encontrado no Velho Mundo e Australásia. Segundo SCOTT (4) essa diferença atingia, em 1936, a proporção de cerca de 6:1. Embora tenha aumentado de um terço o número de espécies americanas conhecidas desde aquele ano, a disparidade continua muito grande.

Presentemente reconhecemos apenas um único gênero, *Basilina*, que engloba todas as espécies americanas. De início, entretanto, foram elas incluídas nos gêneros *Nycteribia*, *Penicillidia*, *Cyclopodia*, *Basilina* e *Pseudelytromyia*.

As quatro primeiras espécies de proveniência americana foram descritas no gênero *Nycteribia*, de LATREILLE. SPEISER, em sua dissertação inaugural na Universidade de Koenigsberg (5), deixou-as nesse

---

(1) MÜGGENBURG, F. H., 1892, Der Rüssel der Diptera Pupipara. Arch. f. Naturg. 58, Pt. 1, pp. 287-322.

(2) JOBLING, B., 1929, A Comparative study of the structure of the head and mouth parts in the *Streblidae* (Diptera, Pupipara). Parasitology, XXI, n.º 4, pp. 417-445.

(3) GUIMARÃES, L. R., 1944, Sobre os primeiros estádios de alguns dípteros pupiparos. Papéis Avulsos do Dep. Zool., Vol. VI, n.º 16, pp. 181-192, 1 est.

(4) SCOTT, HUGH, 1938, Descriptions and records of *Nycteribiidae* (Diptera Pupipara), with a discussion of the genus *Basilina*. The Linnean Society's Jour.-Zoology. Vol. XXXIX (No. 267) pp. 479-505.

(5) SPEISER, P., 1901, Ueber die Nycteribien, Fledermausparasiten aus der Gruppe der pupiparen Dipteren. Arch. f. Naturg., Vol. 67, pp. 11-78, Tafel III.

gênero, embora com alguma dúvida quanto às espécies *mexicana* e *antrozoi*, que não conhecia. Esse mesmo autor, verificando em 1902 (6), que a espécie *mexicana* apresentava olhos, transferiu-a para o gênero *Penicillidia*, pois este se diferencia de *Nycteribia* pela presença de olhos. No ano seguinte MIRANDA RIBEIRO (7) descreveu sua espécie *ferruginea*, erigindo, porém, o gênero *Basilía* para recebê-la. Em 1907 esse autor (8) descreveu mais uma espécie, *speiseri*, que incluiu no seu então novo gênero *Pseudelytromyia*. Este gênero foi, logo no ano seguinte, considerado por SPEISER (9), sinônimo de *Basilía*. Em 1913 BRÈTHES (10), descrevendo um novo *Nycteribiidae* do Chile, considerou o gênero *Basilía* sinônimo de *Cyclopodia*. Em 1916 FERRIS (11) transferiu a espécie *antrozoi* para *Penicillidia* e descreveu, nesse mesmo gênero, uma nova espécie, *coryncrhini*. Embora não conhecendo nenhuma espécie pertencente ao gênero *Basilía*, SCOTT em 1917 (12), não aceitou a sinonímia proposta por BRÈTHES. Em 1924, FERRIS (13) incluiu tôdas as espécies americanas de *Nycteribiidae* no gênero *Basilía*, com exceção apenas de *bellardii* e *flava*, que considerou como *Nycteribia*. FERRIS agiu baseado em mera suposição, pois não conhecia tôdas as espécies. Uma dessas espécies foi em 1931 transferida para o gênero *Basilía* por SCHUURMANS STERKHOVEN JOR. (14). No presente trabalho transferimos para esse gênero a única espécie de *Nycteribiidae* de proveniência americana ainda incluída em gênero diferente e confirmamos a suposição de FERRIS quanto à posição genérica das outras espécies.

(6) SPEISER, P., 1902, Studien über Diptera Pupipara. Zeits. f. s. Hymenop. u. Dipt. pp. 145-180.

(7) MIRANDA RIBEIRO, A., 1903, *Basilía ferruginea* gênero novo e espécie nova da família das Nycteribias. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, vol. XII, pp. 175-180, 1 estampa.

(8) MIRANDA RIBEIRO, A., 1907, Alguns dípteros interessantes. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Vol. XIV, pp. 229-239, Estampas XXIII e XXIV.

(9) SPEISER, P., 1908, Die geographische Verbreitung der Diptera pupipara und ihre Phylogenie., Zeits. f. wiss. Insektenbiologie, IV, pp. 437-447.

(10) BRÈTHES, J., 1913, Une Nouvelle espèce de Diptère pupipare du Chili. Bol. del Mus. Nac. de Chile, Vol. n.º 2, pp. 297, 3 figs.

(11) FERRIS, G. F., 1916, Some ectoparasites of Bats (Dipt.), Ent. News, Vol. XXVII, n.º 10, pp. 433-438, Plates XXII e XXIII.

(12) SCOTT, H., 1917, Notes on Nycteribiidae, with descriptions of two new genera. Parasitology, Vol. 9, n.º 4, pp. 593-610, Pl. XXIV.

(13) FERRIS, G. F., 1924, The new World Nycteribiidae (Diptera-Pupipara). Ent. News, Vol. XXXV, pp. 191-199, Fig. 1, Pl. III.

(14) SCHUURMANS STERKHOVEN JOR., 1931, Eine seltene, Ungenügend beschriebene Basilía-Art (Diptera Pupipara) aus Venezuela. Zeits. Parasit., Vol. III, pp. 205-219, 6 figs. — Este autor, em inteira contradição com as Regras Internacionais de Nomenclatura, propõe que *B. bellardii* seja considerada o tipo do gênero *Basilía* por ser a espécie mais antiga (p. 216).

O material foi estudado em álcool; posteriormente foi clarificado no creosôto de faia ou montado em bálsamo e novamente estudado. Todos os desenhos foram feitos por nós em aparelho de desenhador d'Abbe e posteriormente corrigidos com o auxílio de um microscópio entomológico, cuja visão estereoscópica permite evitar interpretações errôneas de partes distorcidas e de superposição de planos.

Os desenhos n.ºs 13, 60, 64, 65, 73, 89 e 94 foram cobertos com nanquim pela desenhista deste Departamento, Da. LUIZA MIGLIORI.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao prof. A. COSTA LIMA o empréstimo, para estudo, dos nictéribidas da coleção do Instituto "Oswaldo Cruz"; ao Dr. JOÃO MOOJEN, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo empréstimo do material estudado pelo saudoso Prof. A. MIRANDA RIBEIRO; aos Drs. M. DOELLO JURADO e RICARDO N. ORFILA, do Museu Argentino de Ciências Naturales "B. Rivadavia" pelo empréstimo de cótipos de *Basilisa silvae* (Brèthes) e por bibliografia gentilmente cedida; ao Prof. Dr. M. FERNANDES, da Universidade de Córdoba, Argentina, pelo empréstimo do tipo de *Basilisa flava* (Weyenbergh); ao Dr. EMÍLIO URETA, do Museu Nacional de História Natural, de Santiago de Chile, por bibliografia cedida; ao Dr. PETR WYGODZINSKY, do Instituto de Experimentação Agrícola, do Rio de Janeiro, pelo empréstimo dos nictéribidas da coleção daquele Instituto; ao Prof. SAMUEL B. PESSOA, do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina de S. Paulo, pelo empréstimo do material daquele Departamento, inclusive os tipos de *Basilisa travassosi* Guimarães e ao Dr. HUGH SCOTT, do British Museum, pela comparação de material nosso com o tipo de *Basilisa mexicana* (Bigot). Também agradecemos ao Sr. C. O. DA CUNHA VIEIRA, especialista deste Departamento, o controle dos nomes dos hospedeiros.

#### BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORFOLOGIA EXTERNA DO GÊNERO

As espécies do gênero *Basilisa* apresentam o tegumento mais ou menos membranoso e de coloração uniforme, variando desde amarelo-claro ao marron-escuro. Algumas espécies mostram faixas ou manchas mais escuras em um ou outro esclerito.

#### C A B E Ç A

Em virtude, provavelmente, do grande desenvolvimento da superfície ventral do tórax, a cabeça, nas espécies deste gênero, se localiza sobre o terço anterior da superfície dorsal torácica.

Ela é levemente afunilada e comprimida lateralmente, ao contrário do que acontece nas espécies do gênero *Cyclopodia*, cuja compressão é dorso-ventral (\*). Vista de perfil, sua borda dorsal é arqueada posteriormente e a ventral, atrás da probóscida, quase reta.

Sua superfície dorsal, desde o ptilinio membranoso (p. m.) até a borda do foramen occipital (f. o.), representa o vértice (v.), que ao contrário do que acontece com as espécies de *Streblidae* e *Hippoboscidae*, não é subdividido em regiões.

Com exceção das poucas cerdas, de comprimentos vários, que se localizam entre os olhos e junto à borda anterior do vértice, essa região é inteiramente glabra nas espécies do gênero *Basilina*. Anteriormente o vértice é limitado pela borda anterior da cabeça; lateralmente êle se limita com a gena (g.), da qual é separado pelos olhos, e com a pós-gena (p. g.), da qual não há separação nítida. Com exceção da região limitada pelos olhos e pela borda anterior da cabeça, que é a gena, toda a superfície lateral é ocupada pela pós-gena. Esta é dividida no meio, ventralmente, pela região membranosa mediana (r. m. m.). De cada lado da superfície da pós-gena, encontram-se algumas cerdas pequenas e junto à região membranosa mediana, duas cerdas mais longas. A gena é bordejada por algumas cerdas, anteriormente.

Como em *Cyclopodia* os olhos (o.) são formados por duas facetas, porém se apresentam com estrutura diferente dos encontrados nas espécies daquele gênero. Em *C. sikesi* as facetas são iguais e nascem em um anel quitinoso soldado à superfície externa da cabeça. Nas espécies do gênero *Basilina* as facetas são desiguais e suas bases são fundidas em um pedestal único pigmentado.

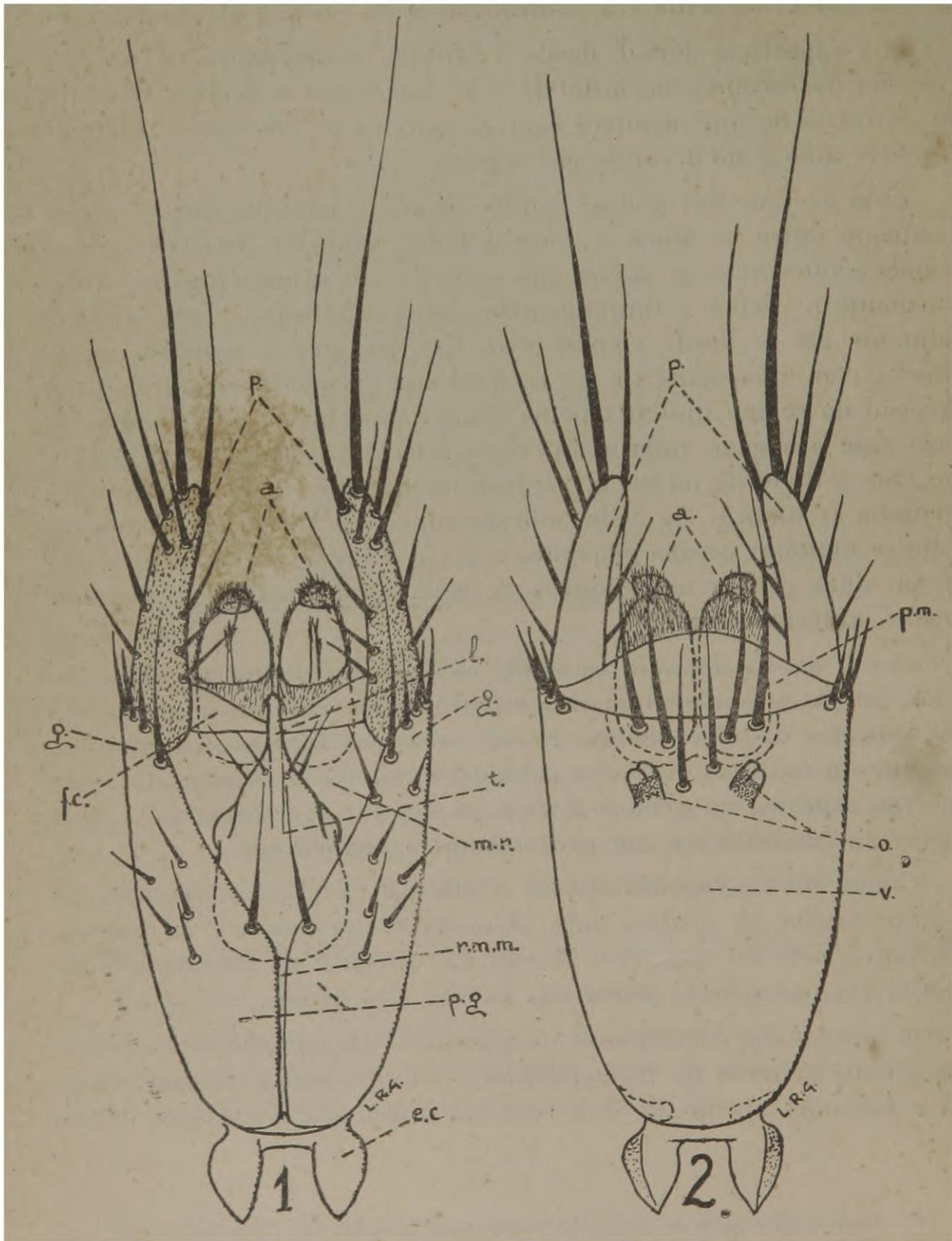
Como em *Cyclopodia sykesi*, o ptilinio (p.m.), nas espécies do gênero *Basilina*, se projeta para além da borda anterior da cabeça, cobrindo parte da superfície dorsal da antena e se estende lateralmente, acompanhando parte das bordas das genas.

A antena (a) corresponde ao tipo geral encontrado nas espécies dos outros gêneros de *Nycteribiidae*. Como mostrou JOBLING (l. c.) ela é formada apenas de dois segmentos que são homólogos com o

---

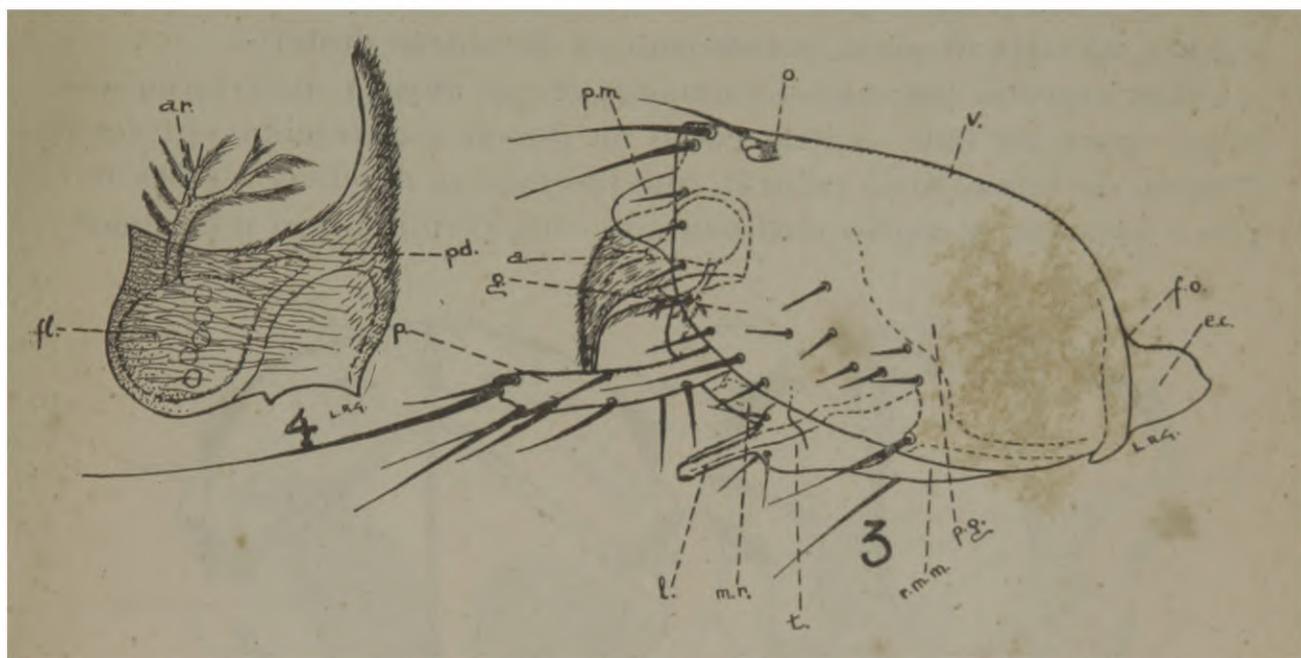
(\*) Após a publicação do magnífico trabalho de JOBLING, The Structure of the head and mouth-parts in the *Nycteribiidae* (Diptera Pupira) em *Parasitology*, XX, n.º 3, pp 254-271, baseado em *Cyclopodia sykesi* Wetsw., torna-se muito fácil o reconhecimento das diversas partes da cabeça destes dípteros.

segundo e terceiro segmentos das antenas dos *Hippoboscidae*. O escapo é ausente na antena dos *Nycteribiidae*; seu primeiro segmento é o pedicelo (pd). Êste apresenta, dorsalmente, um prolongamento



*Basilia speiseri* cabeça do ♂  
Fig. 1 ventral — Fig. 2 dorsal

recoberto por sétulas; ventralmente êle é globuloso e mostra uma cavidade onde se esconde o segundo segmento antenal. o flagelo (fl.). Êste é também globuloso e mostra, na porção dorsal, um prolongamento cônico que serve para ligá-lo ao pedicelo; sua superfície, como em *C. sykesi*, é reticulosa. A arista (ar.) tem nascimento na porção anterior da região globulosa e se projeta além das bordas da cavidade do pedicelo; ela é de tipo diferente da de *C. sykesi*. Tanto em *B. speiseri* como em *B. travassosi* a arista apresenta ramos apenas no sentido do eixo dorso-ventral.



*Basilisa speiseri*

Fig. 3 (cabeça do ♂) perfil — Fig. 4 antena do ♂.

Os palpos maxilares (p.) são unisegmentados e foliáceos. Sua superfície externa é convexa e revestida de minúsculas sétulas; cerdas longas, de vários comprimentos, bordejam êste esclerito. Em sua extremidade distal encontra-se uma longa cerda, cujo comprimento é quase igual ao da cabeça. Os palpos são ligados por sua extremidade posterior à membrana do rostro (m. r.). Segundo JOBLING (l. c.) em *Nycteribiidae* os palpos não tem músculos próprios; êles são movimentados pelos músculos do rostro, como em *Hippoboscidae*.

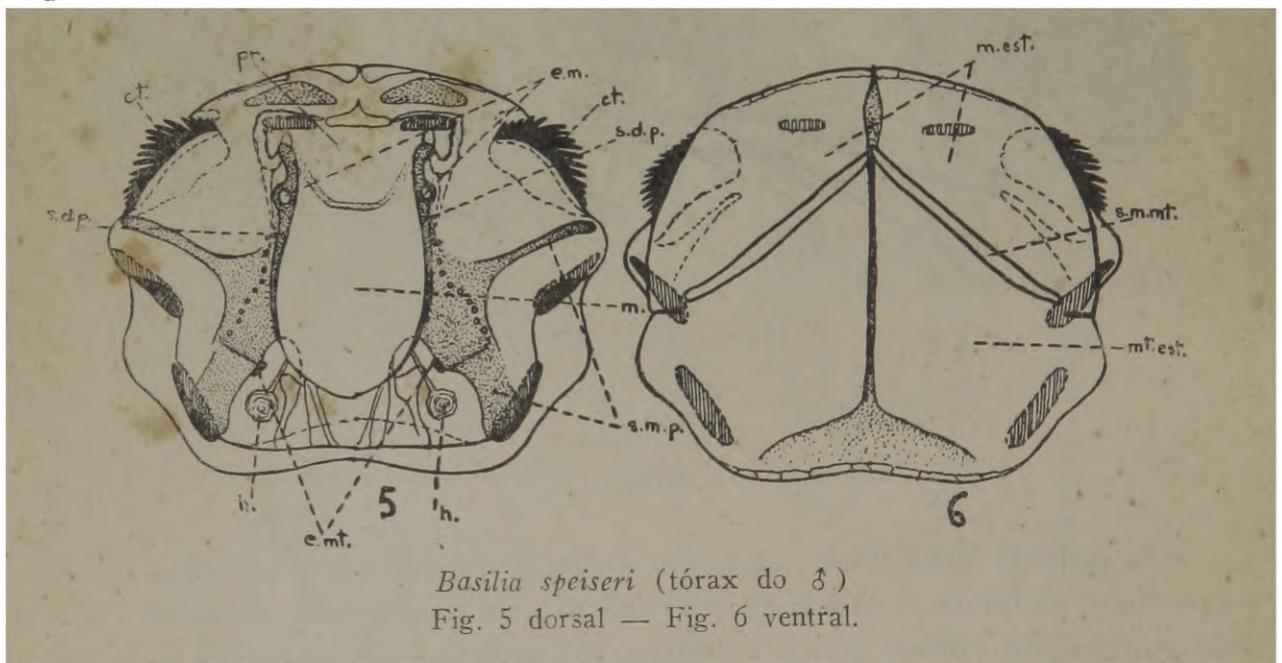
A porção externa da probóscida se compõe de duas partes: a região anterior, afilada, é a labela (l.) e a posterior, bulbosa, que forma a parte externa do haustelo, a teca (t.). Ao contrário de *C. sykesi*, em que a labela é mais longa que a teca, as espécies do gênero *Basilisa* apresentam a labela mais curta que a teca. Sôbre esta encontramos duas cerdas, ventralmente, e outras duas, dorsalmente. A pro-

bóscida está em conexão com os palpos pela membrana do rostro (m. r.), que se liga, dorsalmente, à borda do fronto-clípeo (f. c.) e, lateralmente, nas bordas da gena e da pós-gena. Quando a probóscida se encontra protrahida através às bordas da pós-gena, a membrana do rostro é facilmente reconhecida.

#### T Ó R A X

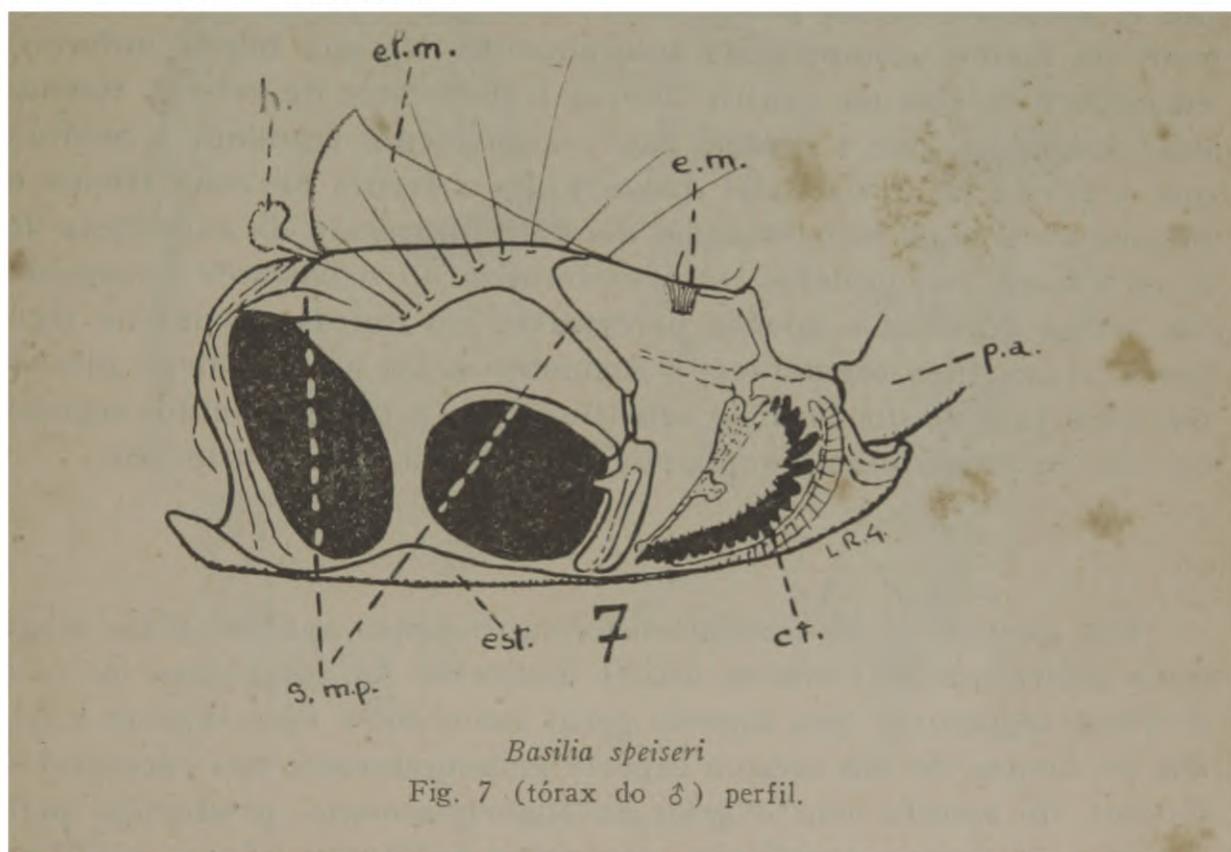
O tórax é de constituição mais ou menos simples, mas é tal o grau de modificação, que torna-se sumamente difícil fazer a homologação de suas diversas partes com as de outros dípteros.

Nas espécies por nós examinadas êle se mostra mais largo que longo, tanto no lado ventral como no dorsal e apresenta um certo número de faixas mais escuras, que limitam as diversas regiões tergaes e pleurais. A região mediana que compreende o pró e mesonoto



e onde se encontra implantada a cabeça, é limitada, lateralmente, por duas faixas escuras, longitudinais, que englobam o par de estigmas mesotorácicos e podem ser consideradas homólogas à sutura dorso-pleural (s. d. p.). O pronoto (pr.) é limitado, posteriormente, por uma faixa mais clara que contorna a inserção da cabeça e vai se unir às faixas longitudinais, logo adiante dos estigmas mesotorácicos (e. m.). As faixas que limitam as bordas laterais do pronoto acompanham a superfície do tórax na depressão existente logo adiante da inserção da cabeça; em seguida penetram na luz do tórax e vão circundar, já na superfície, parte da implantação do primeiro par de patas (p. a.). A região posterior à cabeça, que se eleva gra-

dativamente até sua borda distal, é considerada como sendo o mesonoto (m.) e não apresenta as subdivisões comuns aos outros dípteros. As faixas transversais, que dividem a região pleural e se projetam entre o primeiro e o segundo pares de patas, são consideradas por SPEISER (5 l. c.) como suturas mesopleurais (s. m. p.) e a que borda as excavações onde se implantam os alteres, como limite mesometatorácico. Junto a essa faixa encontram-se os estigmas metatorácicos (e. mt.). Entre as inserções do primeiro e segundo pares de patas, na região pleural, encontra-se um par de estruturas, muito característico, o ctenídeo torácico (ct.). Este ctenídeo, formado por numerosos dentes achatados, juxta-postos, acha-se implantado no interior de uma cápsula que se dispõe, obliquamente, entre os dois pares de patas anteriores.



Ventralmente o tórax se apresenta como uma só placa, muito desenvolvida, cuja borda se projeta além das implantações das patas e da raiz do abdômen. Acompanhando a linha mediana dessa placa, encontra-se uma faixa escura que não atinge sua borda posterior. Dividindo a porção esternal em duas regiões, meso (m. est.) e metasterno (mt. est.) segundo SPEISER (l. c.), encontra-se uma sutura em forma de V invertido, cujos ramos são bastante separados. Toda essa região é coberta por cerdas pequenas que se tornam mais raras nas proximidades da borda anterior.

## P A T A S

As patas das espécies do gênero *Basilia* são relativamente longas e, como nos outros gêneros, apresentam um anel claro localizado na metade basal dos fêmures.

As coxas (c.) do primeiro e terceiro pares de patas são subcilíndricas e mais longas que largas; as do par mediano são reduzidas a um anel esclerotizado, onde se articulam os trocânteres (tr.). Os fêmures (f.) são longos e mais ou menos comprimidos lateralmente; sua superfície externa apresenta numerosas cerdas, cujo número varia nas diversas espécies.

Na borda anterior de sua extremidade distal há uma goteira, onde se encaixa a tibia (ti) quando flexionada sobre o fêmur. A tibia é, geralmente, um pouco mais curta que o fêmur e, como este, mais ou menos comprimida lateralmente. Na sua borda anterior, encontram-se três ou quatro fileiras transversais de cerdas, formadas, cada uma, por 4 cerdas, cujo comprimento aumenta à medida que a fileira se torna mais distal. Logo a frente de cada fileira o tegumento é mais esclerotizado, dando a impressão da existência de 3 ou 4 anéis incompletos; essa esclerotização é bastante conspícua em certas espécies e apenas perceptível em outras. Os tarsos (ts.) apresentam cinco segmentos; o segmento basal é mais longo que os restantes juntos; sua forma é subcilíndrica. Os três segmentos seguintes são de comprimento subiguais e de forma cônica truncada.

## A B D Ô M E N

Em virtude de ser membranoso e apresentar apenas certas áreas mais esclerotizadas torna-se difícil descrever ou relacionar os seus diversos segmentos. Seu aspecto geral varia entre uma espécie e outra, ou dentro de uma mesma espécie principalmente nos exemplares fêmeas, de acordo com o grau de engorgitamento produzido pela gravidez. A forma dos diversos tergitos, entretanto, não se modifica pelo engorgitamento do abdômen, embora este estado possibilite uma interpretação errônea da forma dos tergitos.

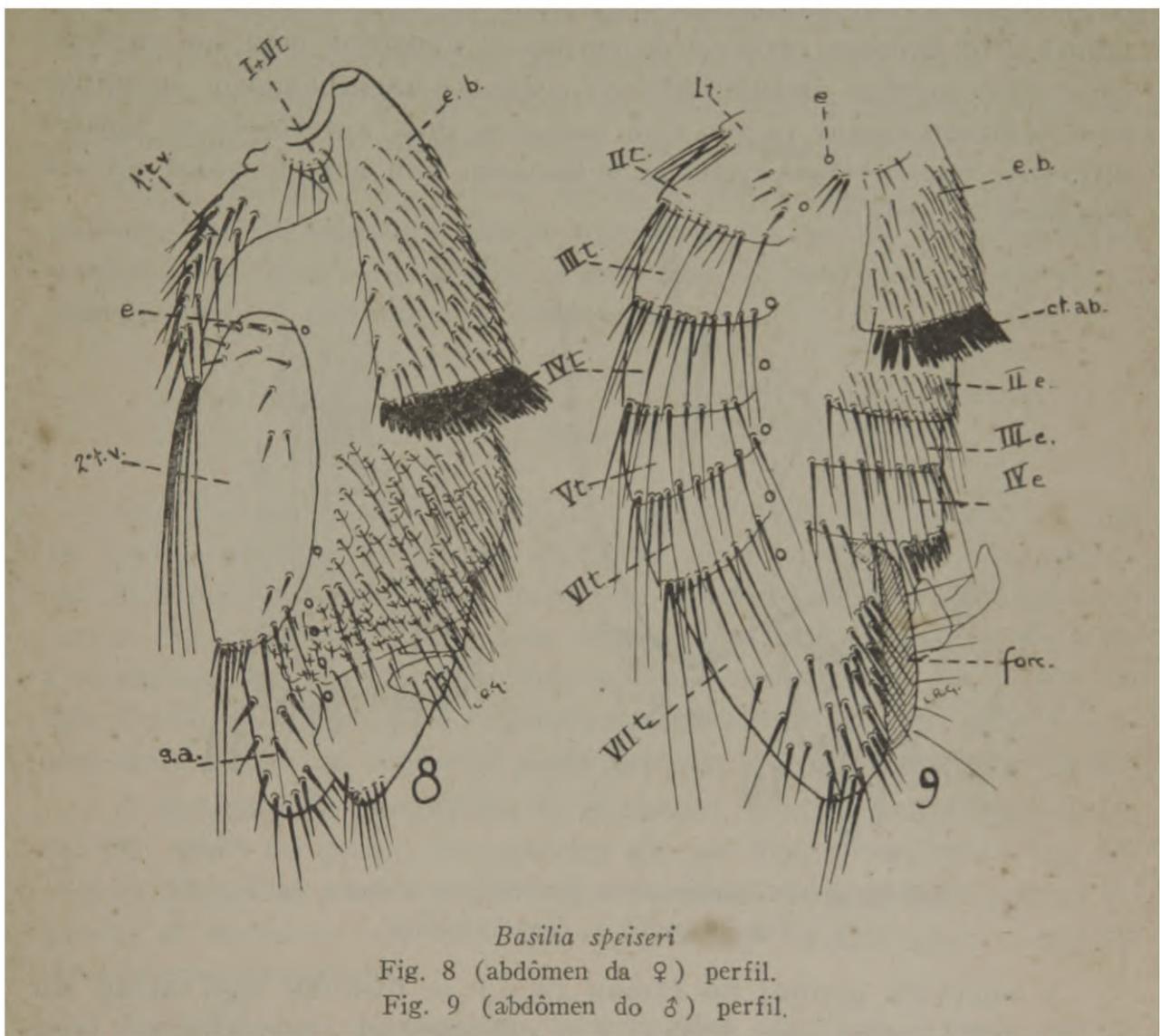
O abdômen é diferente em ambos os sexos, motivo pelo qual devemos considerá-lo separadamente.

Com exceção das fêmeas de *Basilia antrozoi* e *Basilia forcipata*, todas as espécies americanas do gênero *Basilia* mostram o abdômen de tipo mais ou menos uniforme.

As espécies por nós examinadas mostram, dorsalmente, três

áreas mais esclerotizadas, perfeitamente delimitadas, implantadas no conexivo membranoso. Para essas áreas preferimos usar a nomenclatura usada por CURRAN (15) àquela usada por FERRIS (13).

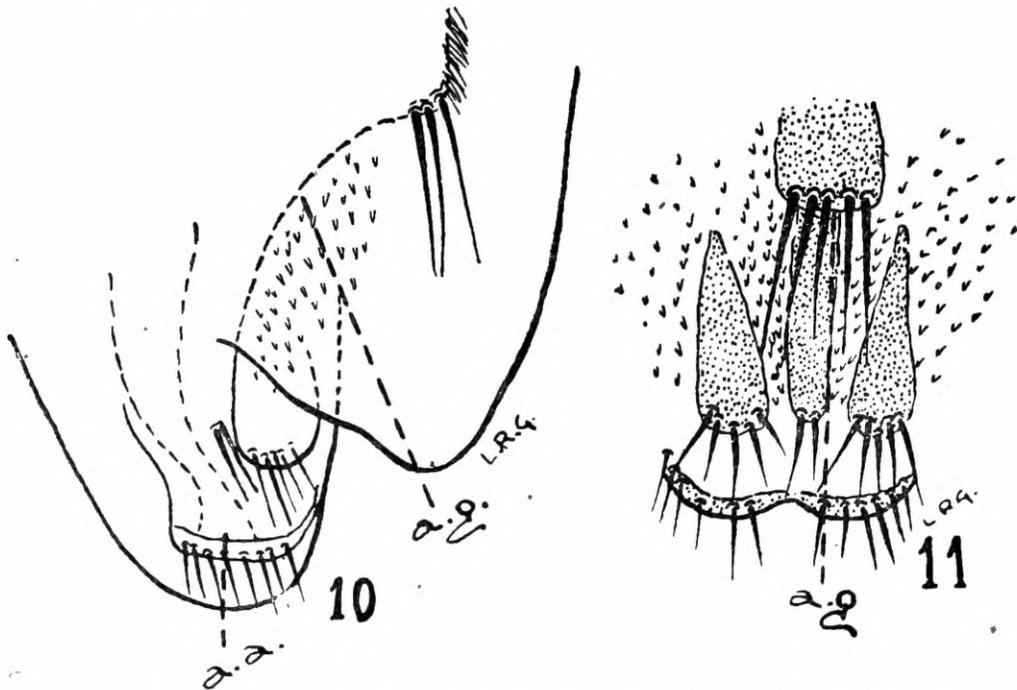
A parte basal (I+II t) do dorso do abdômen mostra uma zona que se torna bastante conspicua nas porções laterais, pela presença de cerdas, porém sem nenhum valor taxinômico. Muito provavelmente é essa placa homóloga à encontrada nos outros *Cyclorrhapha* e é, portanto, formada pela fusão do primeiro e segundo tergitos. A



essa placa segue-se o primeiro tergito visível (1.º t.v.) ou tergito basal, cuja forma varia entre uma espécie e outra. Este tergito mostra, em quase tôdas as espécies examinadas, um sinal de sutura mediana que em algumas espécies é bastante conspicuo. Em outras, co-

(15) CURRAN, C. H., 1925, News Species of *Nycteribiidae* and *Streblidae*. American Mus. Novitates, N.º 765, pp. 1-11.

mo *B. juquiensis*, n. sp., êsse tergito é dividido ao longo de sua linha mediana em quase tóda extensão. Sôbre sua superfície distribuem-se um número variável de cerdas e suas bordas livres são acompanhadas por cerdas de comprimentos diversos. O segundo tergito visível (2.º tv.) cuja forma também varia nas diversas espécies, é formado por duas placas que em algumas espécies se encontram inteiramente fundidas ao nível da linha mediana (*B. travassosi*, *B. speiseri*, *B. juquiensis*, etc.); parcialmente fundidas (*B. mexicana*, *B. ferruginea*) ou totalmente separadas (*B. corynorhini*, *B. boardmani*). Um número variável de cerdas se distribue pela sua superfície e suas bordas. Implantado no conexivo membranoso, encontra-se o segmento anal (s. a.), que como os dois anteriores se mostra diferente nas diversas espécies e também tem grande valor na sistemática do grupo.



*Basilia speiseri* (extremidade posterior do abdômen da ♀)

Fig. 10 perfil — Fig. 11 ventral.

A abertura genital da fêmea (a. g.) se localiza logo atrás do tergito anal, entre êsse tergito e a extremidade posterior do lado ventral do abdômen.

Com exceção do esternito basal, da extremidade distal e de uma ou outra área pequena, o lado ventral do abdômen é inteiramente membranoso. O esternito basal (e. b.) é formado por uma placa que abrange tóda a largura do abdômen e apresenta em sua superfície numerosas cerdas e em sua borda posterior, um ctenídeo cujo número de dentes varia nas diversas espécies. Êste lado do ab-

dômen apresenta maior quantidade de cerdas que o dorsal. Algumas dessas cerdas, principalmente as que se localizam na região pleural, são curtas e implantadas em pequenos tubérculos. Há sete pares de espiráculos.

O abdômen dos machos das espécies por nós examinadas mostram sete segmentos dorsais e cinco ventrais. Os segmentos dorsais, além de apresentarem uma segmentação nítida, são perfeitamente indicados pelos sete pares de espiráculos. O esternito basal do abdômen do macho é semelhante ao da fêmea, embora, quase sempre, de menor comprimento. Na porção mediana da borda posterior do quarto esternito se encontram algumas cerdas espiniformes, curtas e robustas, cujo número varia nas diversas espécies.

Com exceção do par de fórcepes (foc.) localizado na porção subterminal do segmento distal e cujo comprimento atinge a borda posterior do quarto esternito, a genitália do macho é inteiramente membranosa e dificilmente caracterizável.

#### DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO GÊNERO E RELAÇÃO DE SUAS ESPÉCIES COM OS HOSPEDEIROS.

São tão raros os registros de *Nycteribiidae* nas Américas, que os limites de distribuição de qualquer de suas espécies não podem ser indicados mesmo com a mais leve precisão. Não se conhece uma única espécie em toda a vasta região amazônica. Das 14 espécies encontradas na América do Sul, sete são assinaladas no Estado de São Paulo. O acúmulo de espécies nesse Estado, provavelmente, traduz uma coleta de material mais intensa, que um fenômeno real.

A distribuição geográfica do gênero é, porém, muito interessante. Há, além do grupo de espécies que se distribuem pelo sul da região Neártica, América Central e América do Sul, duas outras espécies, *B. nattereri* e *B. eileenae*, encontradas na Europa e no sul da Ásia, respectivamente.

Considerando as espécies encontradas no Novo Mundo, verifica-se que algumas delas como *B. forcipata*, *B. antrozoi*, *B. bellardii* e *B. mexicana*, tem distribuição mais ou menos ampla, embora, quanto às duas últimas tenhamos que ressaltar a possibilidade de identificação errônea. As outras espécies encontradas em mais de uma ocasião, tem distribuição mais restrita. *B. travassosi* foi encontrada em Tapera, Estado de Pernambuco e em Aracati, Estado do Pará, ambos no nordeste brasileiro; *B. ferruginea*, em Sant'Ana

do Sapé, Estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro, D. F. e São Vicente, Estado de São Paulo, localidades não muito distantes umas das outras e *B. speiseri*, encontrada em Rio de Janeiro, D. F., Angra dos Reis e Ilha Grande, Estado do Rio Janeiro e São Paulo (Capital), Juquiá, Estado de São Paulo.

A distribuição geográfica dependerá, provavelmente, da distribuição e dos hábitos de seus hospedeiros, embora, não haja sempre um parasitismo específico muito nítido. Das nove famílias de morcêgos existentes no Novo Mundo, apenas três foram até hoje assinaladas como hospedoras de nictéribidas. Algumas das espécies de morcêgos são parasitadas por mais de uma espécie de *Basilía*, como acontece com *Myotis nigricans* que é parasitado por sete espécies diferentes de nictéribidas. Há também espécies de *Basilía* que parasitam várias espécies de morcêgos, mesmo de famílias diferentes, como *B. antrozoi*, *B. forcipata* e *B. romãnai*.

Damos a seguir a distribuição geográfica e os hospedeiros das espécies do gênero *Basilía*:

*Basilía ferruginea* Miranda Ribeiro, 1903.

DISTR. BRASIL, Sant'Ana do Sapé, Estado de Minas Gerais

Rio de Janeiro, D. F.

S. Vicente, Estado de S. Paulo

HOSP. *Lasiurus borealis mexicanus* (Saussure).

*Basilía mexicana mexicana* (Bigot, 1885)

DISTR. MÉXICO.

BRASIL, S. Paulo, Estado de S. Paulo

HOSP. *Histiotus velatus* (I. Geoffroy).

*Basilía mexicana plaumanni* Scott, 1940.

DISTR. BRASIL, Nova Teutônia, Estado de Sta. Catarina

HOSP. *Histiotus velatus* (I. Geoffroy).

*Basilía mexicana silvae* (Brèthes, 1913).

DISTR. CHILE, Santiago.

HOSP. *Histiotus velatus* (I. Geoffroy).

*Basilía mirandaribeiroi* Guimarães, 1942.

DISTR. BRASIL, S. Paulo, Estado de S. Paulo.

HOSP. *Myotis nigricans nigricans* (Wied).

*Basilía currani* Guimarães, 1943.

DISTR. BRASIL, S. Paulo, Estado de S. Paulo.

HOSP. *Myotis ruber* (E. Geoffroy).

*Basilía carteri* Scott, 1936.

DISTR. PARAGUAI, Makthlawaiya (Chaco).

BRASIL, Nova Teutônia, Estado de Sta. Catarina.

## ARGENTINA, Jujuy.

HOSP. *Molossops temmincki* Burm.? *Myotis ruber* (E. Geoffroy).? *Myotis albescens* (E. Geoffroy).*Myotis* sp.*Basilia travassosi* Guimarães, 1938.DISTR. BRASIL, Tapera, Estado de Pernambuco,  
Aracati, Estado de Ceará.HOSP. *Myotis albescens* (E. Geoffroy).*Basilia flava* (Weyenbergh, 1881).

DISTR. ARGENTINA, Córdoba.

HOSP. *Histiotus velatus* (I. Geoffroy).*Basilia bellardii* (Rondani, 1878)

DISTR. BRASIL, S. Paulo (Cantareira), Estado de S. Paulo.

VENEZUELA, Puerto la Cruz.

HOSP. *Phyllostomus* sp.*Myotis* sp.*Artibeus jamaicensis lituratus* (Licht.).*Basilia speiseri* (Miranda Ribeiro, 1907)

DISTR. BRASIL, Rio de Janeiro, D. F.

Angra dos Reis e Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro.

S. Paulo e Juquiá, Estado de S. Paulo.

HOSP. *Lasiurus borealis mexicanus* (Saussure).*Myotis nigricans nigricans* (Wied).*Hemiderma perspicillatum* (L.).*Basilia juquiensis*, sp. n.

DISTR. BRASIL, Juquiá, Estado de S. Paulo.

HOSP. *Myotis nigricans nigricans* (Wied).*Basilia hughscotti*, sp. n.

DISTR. BRASIL, S. Lourenço, Estado do Rio Grande do Sul.

HOSP. *Chrotopterus auritus australis* (Thomas).*Basilia romañai* Del Ponte, 1944.

DISTR. ARGENTINA, La Fragua, Santiago del Estero,

El Mojon, Santiago del Estero,

El Zanjón, Santiago del Estero.

HOSP. *Myotis nigricans nigricans* (Wied).*Tadarida brasiliensis* (I. Geoffroy).*Mazama illicornis*.*Basilia antrozoi* (Townsend, 1893).

DISTR. ESTADOS UNIDOS, Las Cruces, Novo México,

Santa Paula, Ventura County a Snelling, Merced County, Dulzura e Stan-

- ford University, Califórnia,  
 East Painted Cave, Texas, New Orleans, Louisiana.  
 MÉXICO, Santa Anita, Baja California.
- HOSP. *Antrozous pallidus pacificus* Merriam  
*Antrozous pallidus minor* Miller  
*Myotis californicus* Aud. e Bach.  
*Corynorhinus macrotis pallescens* Miller  
*Nyctinomus cynocephalus* Lec.
- Basilisa corynorhini* (Ferris, 1916).  
 DISTR. ESTADOS UNIDOS, White River Tulare County, Califórnia.  
 HOSP. *Corynorhinus macrotis pallescens* Miller
- Basilisa boardmani* Rozeboom, 1934.  
 DISTR. ESTADOS UNIDOS, Gainesville, Flórida.  
 HOSP. *Myotis lucifugus lucifugus* Lec.
- Basilisa dunni* Curran, 1935.  
 DISTR. PANAMA, Santa Rosa.  
 HOSP. *Myotis nigricans* Wied
- Basilisa myotis* Curran, 1935.  
 DISTR. PANAMA, Tapia e Camoganti.  
 HOSP. *Myotis nigricans* Wied
- Basilisa ferrisi* Schurm. Steckh.  
 DISTR. COSTA RICA, Sipurio.  
 HOSP. *Myotis nigricans* Wied
- Basilisa forcipata* Ferris, 1924.  
 DISTR. ESTADOS UNIDOS, Covina, Old Fort Tejon, Califórnia, New Orleans,  
 Louisiana, Cloverdale Hills, Novo México.  
 MÉXICO, San Luis Potosi.  
 HOSP. *Myotis californicus quercinus* Grisnell  
*Myotis thysanodes* Miller  
*Nyctinomus cynocephalus* Lec.
- Basilisa pizonichus* Scott, 1939.  
 DISTR. MÉXICO, Ilha do Anjo da Guarda e Ilha dos Patos,  
 Golfo da Califórnia.  
 HOSP. *Pizonyx vivesi* Menegaux
- Basilisa eileenae* Scott, 1936.  
 DISTR. CEYLÃO, Gammaduwa.  
 HOSP. *Murina eileenae* Phillips
- Basilisa nattereri* (Kolénati)  
 DISTR. ALEMANHA, Mähren, Schlesien, Baden.  
 ? SUMATRA.  
 HOSP. *Myotis nattereri* Kuhl  
*Myotis daubentoni* Leisl.  
*Myotis bechsteini* Leisl.  
*Myotis myotis* Bechst.

## DISCUSSÃO DOS CARACTERES GENÉRICOS E DEFINIÇÃO DO GÊNERO

MIRANDA RIBEIRO caracterizou o seu gênero *Basilia* da seguinte maneira: "Tibias inteiras; no seu lado ventral *quatro series transversais, constituindo duas longitudinaes de cerdas mais fortes*, junto à extremidade distal; coxas mais compridas do que largas; olhos conspicuos constituídos por *dous ocellos em uma placa pigmentar* sobre cada lado da cabeça". Descrevendo em 1907 sua espécie *speiseri* aquele mesmo autor erigiu um novo gênero para ela, *Pseudelytromyia*, diferenciando-o de *Basilia* "pela presença de tres ordens transversaes de cerdas, nas tibias, em vez de quatro; pela ausencia de pigmentação nos ocellos e por apresentar o 1.º tergito visível como duas expansões medianas, superiores, providas de cerdas e que, fazem lembrar os elytros dos Coleopteros". Analizando as descrições das diversas espécies, verifica-se que os caracteres sôbre os quais MIRANDA RIBEIRO baseou o seu gênero *Pseudelytromyia* não teem realmente valor genérico. como. aliás, já foi verificado por SPEISER (91. c.), FERRIS (131. c.) e SCOTT (41. c.). A pigmentação do olho é um caráter variável mesmo dentro das espécies, pois depende da idade do inseto.

*B. hughscotti*, sp. n., apresenta quatro fileiras de cerdas nas tibias e o 1.º tergito visível como duas expansões, embora diferentes das encontradas em *B. speiseri*. Entretanto, *B. mexicana*, que tem as tibias com três fileiras de cerdas apenas, apresenta o 1.º tergito visível da mesma forma do encontrado em *B. ferruginea*, espécie tipo de *Basilia*.

O gênero *Basilia* é morfológicamente relacionado a *Penicillidia*, cuja distribuição geográfica é muito grande. O único caráter que realmente diferencia *Basilia* de *Penicillidia* é a presença de duas facetas oculares no primeiro, enquanto que as espécies do segundo apresentam apenas uma faceta ocular. Mesmo êsse caráter pode ser considerado de valor genérico relativo. pois o exemplar que identificamos como *B. bellardii* apresenta um olho com duas facetas e o outro apenas com uma. Como já tivemos oportunidade de ponderar (16) em *Streblidae*, família comumente considerada próxima a *Nycteribiidae*, o número de facetas oculares varia nas diversas espécies de um mesmo gênero e em diversos indivíduos de uma mesma espécie.

(16) GUIMARÃES, L. R., 1942, Nova espécie do gênero *Basilia* (Nycteribiidae-Diptera) do Brasil. Papéis Avulsos do Dep. Zool., Vol. II, n.º 11, pp. 145-149.

Em algumas espécies de *Basilis*, principalmente nas duas encontradas na Europa e Ásia, as tíbias são bastante largas e comprimidas lateralmente, aproximando-se do subgênero *Listropodia*, de *Nycteribia*. Nas espécies americanas, porém, êsse caráter é muito menos acentuado, havendo espécies como *B. hughscotti*, sp. n., *B. mexicana*, *B. carteri* etc., que apresentam as tíbias quase cilíndricas e com dilatação apenas perceptível. A maior largura do tórax em relação ao seu comprimento, também é um caráter homogêneo nas espécies do gênero *Basilis* e que é bastante acentuado em *B. hughscotti*, sp. n.

### Basilis Miranda Ribeiro

*Basilis* MIRANDA RIBEIRO, 1903, Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, XI/XII, pp. 177-179, pr. 1.

*Pseudelytromyia* MIRANDA RIBEIRO, 1907, Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, XIV, pp. 233-235, pr. XXIII e pr. XXIV, figs. 2-4.

Cabeça comprimida lateralmente e apresentando poucas cerdas; olhos bifacetados; palpos delgados e guarnecidos por uma longa cerda na extremidade distal. Tórax mais largo que longo; ctenídeo torácico bem desenvolvido; mesonoto mais ou menos elevado posteriormente; patas longas; tíbias predominantemente pouco dilatadas. Abdômen com sete pares de espiráculos; o abdômen da fêmea apresenta placas tergais, mais esclerotizadas que o conexivo; de forma e quetotaxia variáveis. O esternito basal, em ambos os sexos, apresenta um ctenídeo de numerosos dentes em sua extremidade distal. A região mediana do 4.º esternito do macho mostra diversas cerdas espiniformes. GENÓTIPO — *Basilis ferruginea* Miranda Ribeiro.

### CHAVE PARA AS FÊMEAS DAS ESPÉCIES AMERICANAS DO GÊNERO *BASILIS*

- |  |   |                       |
|--|---|-----------------------|
| 1 — Borda posterior do 2.º tergito visível transformada em um par de projeções apresentando cerdas curtas e longas | 2 |                       |
| Borda posterior do 2.º tergito visível reta ou arredondada   | 6 |                       |
| 2 — 2.º tergito visível formado por um par de placas inteiramente separadas ao nível da linha mediana              |   | <i>B. corinorhyni</i> |
| 2.º tergito visível formado de uma só peça, porém apresentando sinal de sutura mediana                             | 3 |                       |

- 3 — Mesonoto elevando-se posteriormente em um "finger like process" ..... *B. boardmani*  
 Mesonoto não assim ..... 4
- 4 — Área mediana do 2.º tergito visível inteiramente glabra ou com uma ou outra cerda. Conexivo com cerdas pustuladas de comprimento médio. Tibia com quatro grupos de cerdas na borda anterior ..... *B. ferruginea*  
 Área mediana do 2.º tergito visível com numerosas cerdas discas. Conexivo com cerdas pustuladas muito curtas. Tibia com apenas três grupos de cerdas na borda anterior ..... 5
- 5 — Cerdas discas do 2.º tergito visível localizadas no terço anterior e acompanhando a sutura mediana. Lóbulos pouco pronunciados, com cerca de oito cerdas longas em cada um  
 Cerdas discas do 2.º tergito visível distribuídas por quase todo o tergito. 2/4 cerdas apenas em cada lóbulo .... *B. mexicana*  
*B. forcipata*
- 6 — Borda posterior do 2.º tergito visível reta ..... 7  
 Borda posterior do 2.º tergito visível arredondada ..... 8
- 7 — Borda posterior do 1.º tergito visível com profunda reentrância, dando a impressão de ser esse tergito dividido em dois; superfície do tergito com apenas algumas cerdas pequenas ..... *B. juquiensis*, sp. n.  
 Borda posterior do 1.º tergito visível apenas reentrante ao nível da linha mediana ..... *B. travassosi*
- 8 — 2.º tergito visível formado por duas placas inteiramente separadas ao nível da linha mediana ..... *B. antrozoi*  
 2.º tergito visível formado de uma só peça, porém apresentando sinal da sutura mediana . . . . . 9
- 9 — Escudo torácico bem mais largo que longo. Ctenídeo abdominal com os dentes separados ..... *B. hughscotti*, sp. n.  
 Escudo torácico tão longo quanto largo ou apenas mais largo que longo. Dentes do ctenídeo abdominal juntos 10
- 10 — 2.º tergito visível inteiramente sem cerdas discas ou com cerdas apenas próximo às bordas ou nos ângulos látero-anteriores do tergito ..... 11  
 2.º tergito visível com cerdas discas ..... 12
- 11 — 2.º tergito visível inteiramente sem cerdas discas ..... *B. ferrisi*  
 2.º tergito visível com cerdas nos ângulos látero-anteriores. Borda posterior do 1.º tergito visível com pequenas cerdas espiniformes ..... *B. mirandaribeiroi*  
 2.º tergito com cerdas próximo às bordas laterais. Cerdas da borda posterior do 1.º tergito, longas ..... *B. myotis*

12 — 2.º tergito visível com cerdas discais junto à linha mediana	13	
2.º tergito com a região próxima à linha mediana inteiramente sem cerdas discais	14	
13 — Borda do 1.º tergito visível formando uma linha contínua		<i>B. carteri</i>
Borda do 1.º tergito visível sinuosa		<i>B. bellardii</i>
14 — Cerdas da borda posterior do 1.º tergito visível muito curtas		<i>B. pisonychus</i>
Borda posterior do 1.º tergito visível com cerdas longas	15	
15 — Tergito anal de bordas laterais sub-paralelas		<i>B. speiseri</i>
Tergito anal trapezoidal	16	
16 — Cerdas tibiais mais longas que as tíbias		<i>B. currani</i>
Cerdas tibiais mais curtas que as tíbias		<i>B. dunni</i>

### *Basilia ferruginea* Miranda Ribeiro, 1903

(Figs. 12 a 20)

*Basilia ferruginea* MIRANDA RIBEIRO, 1903, Archivos do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, vol. XII, p. 179 e ant., figs. 1 e 2; MIRANDA RIBEIRO, 1907, Archivos do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, vol. XIV, p. 231, figs. 1; FERRIS, 1924, Ent. News, vol. XXXV, p. 195; CURRAN, 1935, Amer. Mus. Nov., n.º 765, p. 2; SCOTT, 1936, The Linn. Soc. Jour., Zoology, vol. XXXIV (N.º 267), p. 503, fig. 11.

HOSPEDADOR TIPO — *Atalapha frantzii* DOBSON, 1878 (= *Lasiurus borealis mexicanus* (SAUSSURE, 1861)), proveniente de Sant'Ana do Sapé, Minas Gerais, Brasil.

OBSERVAÇÕES: — Na descrição original MIRANDA RIBEIRO indica "*Vespertilio aurantius*" como hospedeiro tipo de sua espécie. Entretanto em 1907 supõe que "o bello morcego pardo-dourado que o nosso bom e pranteado amigo, o Dr. MANOEL BASILIO FURTADO, denominara *Vespertilio aurantius*" fôsse o *Atalapha frantzii*, pois nesta espécie de morcêgo, proveniente da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, encontrara outros exemplares de sua espécie.

HOSPEDADORES OUTROS — Esta espécie só foi encontrada, até hoje, no hospedador tipo.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Um macho e uma fêmea colecionados no hospedador tipo, proveniente do Rio de Janeiro (êste casal pertence ao lote estudado por MIRANDA RIBEIRO). Um macho e duas fêmeas colecionados pelo dr. L. TRAVASSOS em 1920, no Rio de Janeiro, em *Lasiurus borealis mexicanus* (Saussure); uma fêmea colecionada em hospedeiro idêntico, proveniente de São Vicente, Estado de São Paulo.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 12).

*Cabeça* — Cabeça afunilada, comprimida lateralmente e implantada no tórax numa região logo adiante do par de espiráculos torácicos. Vértice com quatro pares de cerdas de comprimento subiguais

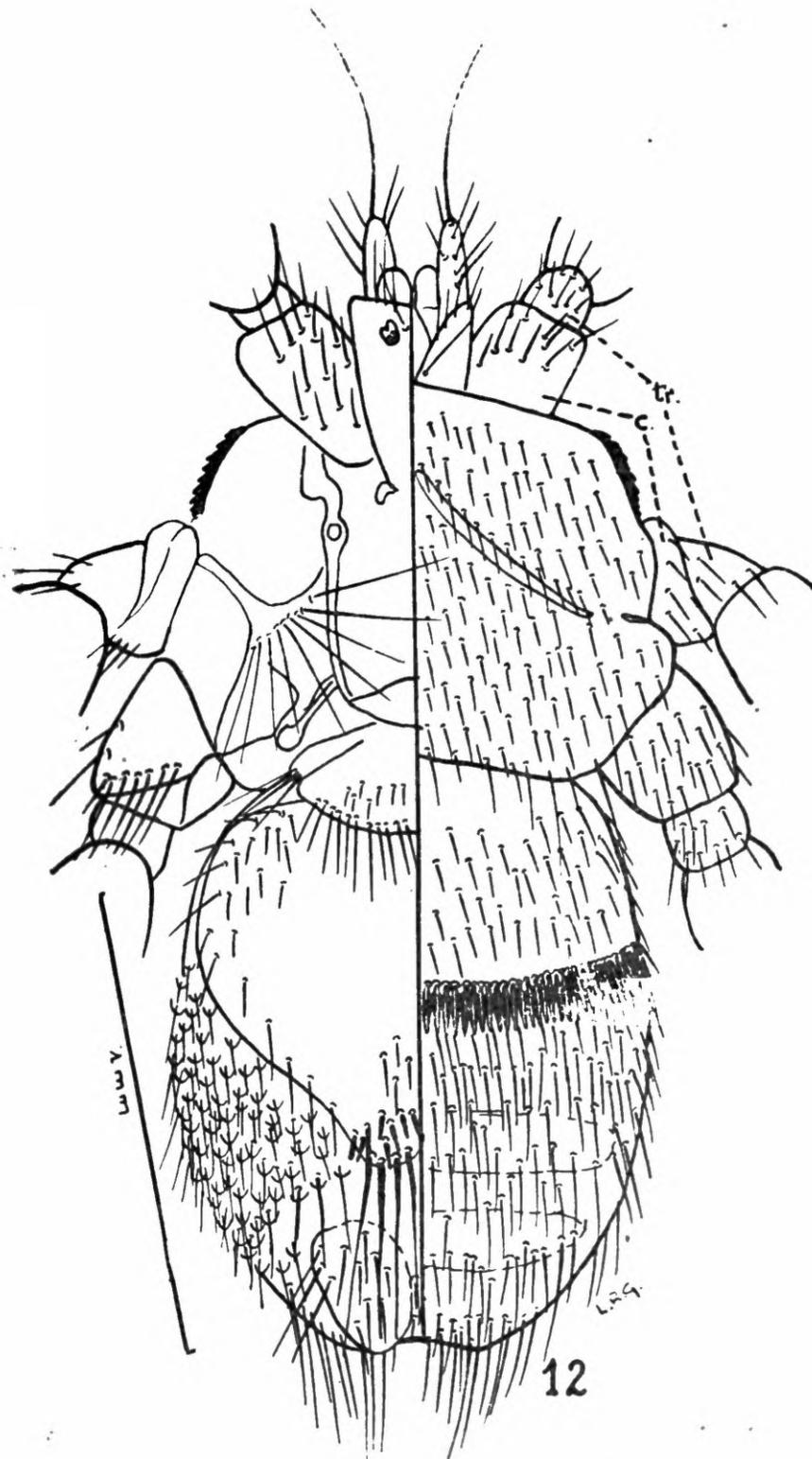
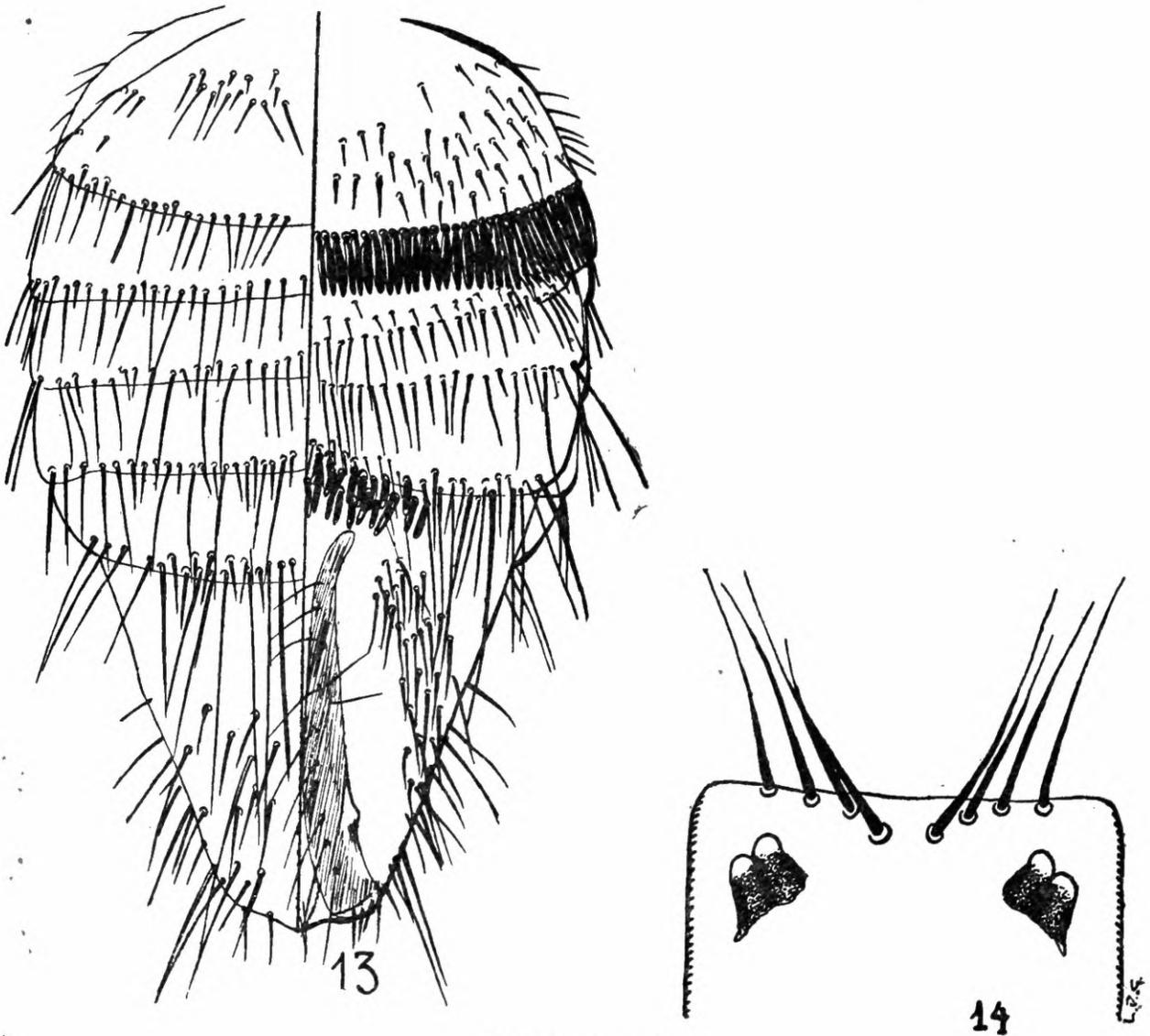


Fig. 12 — *Basilis ferruginea* ♀.

formando duas linhas levemente divergentes; o primeiro par, mais unido, está situado logo adiante dos olhos; os outros dois apresen-

tam localização submarginal e outro marginal. Seis cerdas pequenas, mas cujo comprimento aumenta à medida que se aproximam da região membranosa mediana, acompanham, de cada lado, a borda externa da gena; a última cerda dessa série é a menor de modo que apresenta um contraste com a penúltima, que é a maior. Pós-gena com duas ou três cerdas pequenas espalhadas em sua superfície. De cada lado da região membranosa mediana encontra-se uma cerda longa e fina. Olhos nitidamente bifacetados e profundamente



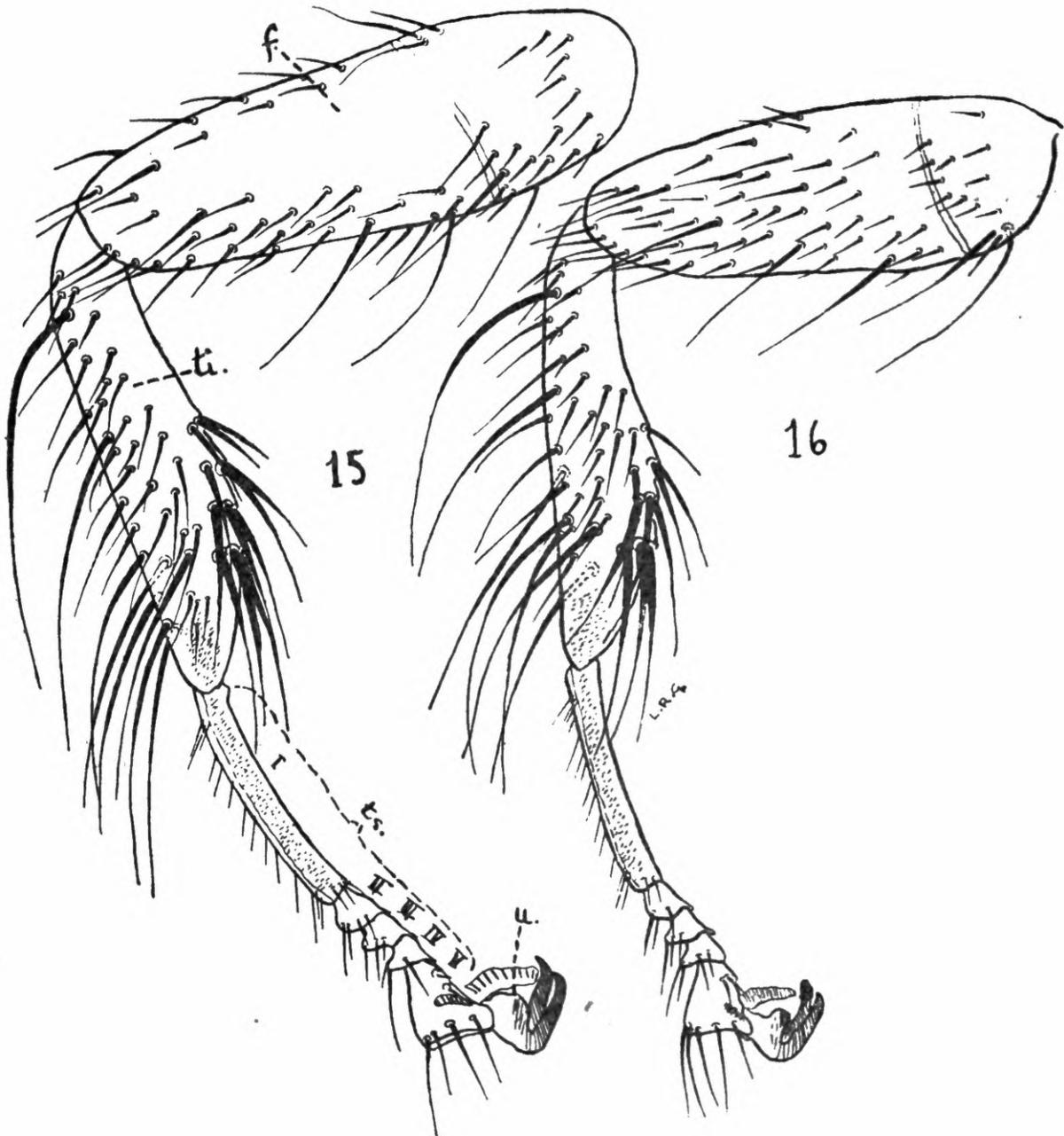
*Basilia ferruginea*

Fig. 13 abdômen do ♂ — Fig. 14 região anterior da cabeça da ♀.

pigmentados. Palpos lameliformes, estreitos, com cerca de seis cerdas sobre sua superfície ventral; as cerdas apiculares são bastante longas. Teca do lábio piriforme, mais estreita na base, alarga-se logo depois do meio e estreitando-se gradativamente se continua com a labela que apresenta uma cerda fina de cada lado da base. Antena

apresentando o processo dorsal do segmento basal desenvolvido e, como a região dorsal e borda anterior deste segmento, inteiramente revestido de finos pêlos; flagelo globuloso; arista ramificada.

*Tórax* — Ctenídeo torácico com cerca de 20 dentes. Mesonoto largo e bastante elevado posteriormente. Cerdas da faixa dorso-pleural não muito longas e em número de 8/10. De cada lado da li-



*Basilis ferruginea*

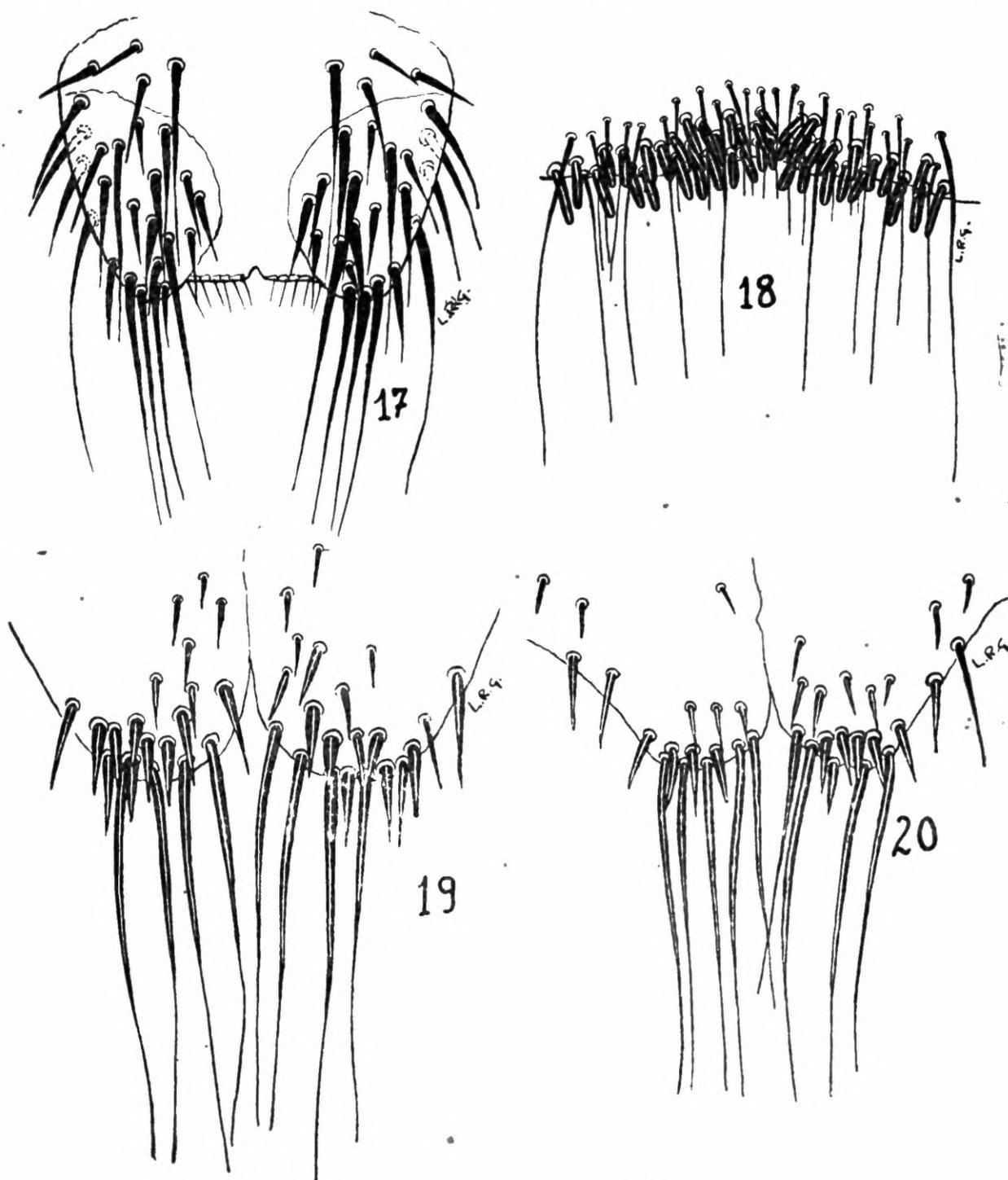
Fig. 15 pata mediana — Fig. 16 pata anterior.

nhã mediana da borda anterior do tórax, ventralmente, se encontra uma cerda fina, de comprimento médio. Ventralmente o tórax é bem mais largo que longo; bordas anteriores semi-retas formando

um largo ângulo obtuso na linha mediana do tórax; os ângulos látero-anteriores do tórax são mais ou menos pronunciados; borda posterior reintrante. Tôda porção ventral do tórax é recoberta por cerdas distribuidas em fileiras irregulares, algumas maiores que as outras; as cerdas que se localizam na região anterior do tórax e no ângulo formado pelos ramos da sutura meso-metasternal são muito pequenas; acompanhando a borda anterior dos ramos da sutura meso-metasternal encontra-se uma fileira de cerdas muito conspícua, com uma ou duas cerdas mais compridas nas extremidades; acompanhando a borda do tórax encontram-se algumas cerdas maiores que as da superfície; algumas dessas cerdas são bastante longas. Patas longas, fortes; o terço basal de todos os fêmures apresenta o anel circular mais claro; faixas anulares das tíbias, pouco conspícuas. 1.º par de patas menor que os outros dois; coxa levemente comprimida lateralmente, mais longa que larga, apresentando numerosas cerdas espalhadas sôbre a superfície externa; na superfície interna há apenas poucas cerdas delicadas, além de uma fileira, mais forte, sôbre a borda apical; como a coxa, o fêmur apresenta numerosas cerdas de comprimento médio e 4 ou 5 bem mais longas, sôbre a superfície externa; a tibia apresenta quatro fileiras transversais de cerdas sôbre a borda anterior além de numerosas cerdas, de vários comprimentos, espalhadas sôbre as superfícies externa e interna, algumas das quais são bastante longas; 5.º artigo tarsal quase tão largo quão longo, com algumas cerdas na borda distal; 2.º, 3.º e 4.º curtos, de comprimentos sub-iguais, com algumas cerdas pequenas em uma das bordas; basitarso mais longo que os três outros juntos, acompanhado em todo seu comprimento por minúsculas cerdas e apresentando uma fileira de cerdas pequenas em uma de suas bordas. 2.º e 3.º pares de patas apresentando os seus segmentos mais longos que os do primeiro, com exceção das coxas que são muito curtas no segundo par e tão largas quão longas, no terceiro; as cerdas dos fêmures dos dois pares posteriores se localizam principalmente na metade anterior do segmento.

*Abdômen* — Tergito basal pequeno, muito mais largo que longo, tendo na borda posterior, que é levemente sinuosa, uma fileira de finas cerdas, interrompidas no meio; de cada lado da linha mediana, sôbre sua superfície, há uma série de pequenas cerdas sendo as mais externas as maiores; não se observa, neste tergito, o mais leve sinal de sutura mediana. Segundo tergito visível mais largo que longo, de bordas arredondadas e dividido ao meio apenas na porção mais distal, havendo apenas uma leve indicação da sutura no restante do ter-

gito. Em virtude dessa separação parcial mediana, a região posterior do tergito se projeta em dois processos arredondados sobre a superfície e bordas dos quais se encontram algumas cerdas espiniformes curtas e fortes e 4 outras bastante longas. Acompanhando as bordas laterais, que são arredondadas na metade basal e levemente



*Basilia ferruginea*

Fig. 17 Segmento anal da ♀ — Fig. 18 Borda posterior do 4.º esternito do abdômen do ♂ — Figs. 19 e 20 região posterior do 2.º tergito visível da ♀.

sinuosas na metade distal, se encontram algumas cerdas de comprimento médio; em cada canto látero-anterior do tergito encontram-se algumas cerdas pequenas espalhadas em fileiras irregulares; a superfície central do tergito é inteiramente glabra. Tergito anal relativamente largo e curto; suas bordas laterais são levemente convergentes e acompanhadas por uma faixa larga mais esclerotizada; borda posterior com uma larga escavação mediana; a borda dessa escavação apresenta uma série de pequenas cerdas, interrompida no meio; sobre as bordas laterais e as faixas que as acompanham, encontram-se várias cerdas de comprimentos diversos, distribuídas em fileiras irregulares. O conexivo lateral é inteiramente revestido por cerdas pustuladas cujo comprimento aumenta gradativamente mais se tornam elas posteriores. Esternito basal apresentando relativamente poucas cerdas espalhadas sobre sua superfície e apenas nos dois terços distais; o ctenídeo de sua borda posterior é formado por 60/62 dentes largos e fortes. Posteriormente ao esternito basal percebe-se cinco segmentos. Os dois seguintes são assinalados apenas pelas fileiras de cerdas maiores localizadas nas bordas posteriores, pois são inteiramente revestidos de cerdas pustuladas; o terceiro e o quarto são indicados por zonas mais esclerotizadas tendo numerosas cerdas espalhadas sobre sua superfície; o segmento terminal também é revestido por numerosas cerdas mais concentradas nos cantos látero-posteriores; a borda posterior deste esternito é levemente escavada.

*Macho* — Cabeça e tórax iguais aos da fêmea. A borda anterior do tórax, entretanto, é mais arqueada que a da fêmea. As tíbias também dão a impressão de serem um pouco mais dilatadas na metade distal que as das fêmeas. No abdômen, dorsalmente, são reconhecíveis sete segmentos; o primeiro tergito é indicado por uma fileira de finas cerdas, que acompanha sua borda posterior, além de outras poucas, menores, espalhadas sobre sua superfície; os cinco segmentos seguintes também apresentam na borda posterior uma fileira de cerdas grandes intermeadas por outras pequenas; as cerdas grandes dos tergitos são bem desenvolvidas, principalmente as que se implantam próximo ao centro; o segundo tergito apresenta, além da fileira de cerdas posterior, algumas cerdas pequenas localizadas próximo às suas bordas laterais; a borda posterior do 6.º tergito é largamente arredondada. O 7.º tergito é bastante longo e apresenta cerdas, em fileiras irregulares, apenas em sua metade distal. O esternito basal é bem mais curto que o da fêmea e apresenta cerca de

59/60 dentes, no ctenídeo da borda distal. O esternito seguinte apresenta, além da fileira de cerdas da borda distal, algumas cerdas muito pequenas espalhadas sobre sua superfície; o 3.º esternito, apenas a fileira de cerdas da borda posterior; o 4.º esternito apresenta a borda posterior levemente escavada no centro, acompanhada por duas ou três fileiras irregulares de cerdas cujo comprimento aumenta à medida que se afastam da linha mediana. Cerca de 40 cerdas espiniformes fortes, curtas, com a extremidade apical romba, se localizam sobre a borda posterior do 4.º esternito, junto à linha mediana. Segmento terminal com numerosas cerdas localizadas de cada lado. Claspers fortes, esclerotizados, porém curtos, pois não atingem a borda do 4.º esternito.

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total	2,400	2,500	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,400	0,400	da extremidade anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,800	0,800		1,150	1,100	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,190		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda do tergito.	0,570		
2.º tergito	0,760			0,900		
esternito basal	0,580	0,380	da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.			

*Nota* — E' esta uma espécie bastante característica pelo comprimento das cerdas pustuladas do conexivo do abdômen e pelas quatro fileiras transversais de cerdas localizadas na borda anterior das tíbias. Os machos se caracterizam por idêntica quetotaxia das tíbias e pelo número assaz grande de cerdas espiniformes da borda posterior do 4.º esternito abdominal.

***Basilia mexicana mexicana* (Bigot, 1885)**

(Figs. 21 a 29, 32 a 38 e 43)

*Nycteribia mexicana* BIGOT, 1885, Ann. Soc. Ent. France, Ser. 6, fasc. 5, p. 245; SPEISER, 1901, Arch. Naturg., 67, p. 62.

*Penicilidia mexicana* (BIGOT), SPEISER, 1902, Zeits. fur syst. Hym. und Dipt., II, p. 172.

*Basilia mexicana* (BIGOT), FERRIS, 1924, Ent. News, vol. XXXV, p. 195; CURRAN, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 765, p. 4; SCOTT, 1936, The Linn. Soc. Jour., Zool., vol. XXXIX (n.º 267), p. 504.

HOSPEDADOR TIPO — Desconhecido.

HOSPEDADORES OUTROS — *Histiotus velatus* (I. GEOFFROY, 1824).

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Duas fêmeas colecionadas em um frasco contendo *Histiotus velatus* capturados em S. Paulo, Brasil; seis fêmeas e um macho colecionados em idêntico hospedeiro por J. L. LIMA, em X-1927, em São Paulo, Brasil.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 21).

*Cabeça* — Vértice com quatro pares de cerdas dispostas em duas fileiras divergentes, sendo o par menor localizado entre os olhos e o maior junto à borda anterior da cabeça. Seis ou sete cerdas pequenas acompanham a borda externa da gena; uma cerda maior se localiza de cada lado da região membranosa mediana; sobre a superfície da pós-gena se encontram 4 ou 6 cerdas pequenas. Palpos com cerca de 8/9 cerdas de comprimentos desiguais sobre as bordas laterais da superfície ventral; as cerdas apicais dos palpos são bastante longas. Olhos nitidamente bifacetados. Lábio com a teca globulosa, piriforme; labela quase tão longa como a teca.

*Tórax* — Ctenídeo torácico com 22/23 dentes longos. Mesonoto elevando-se posteriormente; essa elevação é bastante pronunciada e se assemelha à proa de um bote. Cerdas da sutura dorso-pleural finas, longas, em número de 12. Ventralmente o tórax é mais largo que longo; sua borda anterior é largamente arredondada e a posterior levemente reintrante. Patas longas, principalmente as tíbias e o primeiro segmento tarsal; tíbias de bordas subparalelas até o meio comprimento, depois do que afila gradativamente. Faixas anulares perfeitamente visíveis. Algumas cerdas longas se localizam sobre a borda posterior da tíbia; uma dessas cerdas apresenta comprimento quase igual ao desse segmento da pata.

*Abdômen* — Tergito basal mais largo que longo; sua largura é mais de duas vezes o comprimento; lateralmente encontra-se de ca-

da lado, uma faixa mais escura formando um arco de círculo cujo ramo posterior acompanha parte da borda posterior do tergito. Este é parcialmente côncavo, posteriormente, e bordejado por 14/15

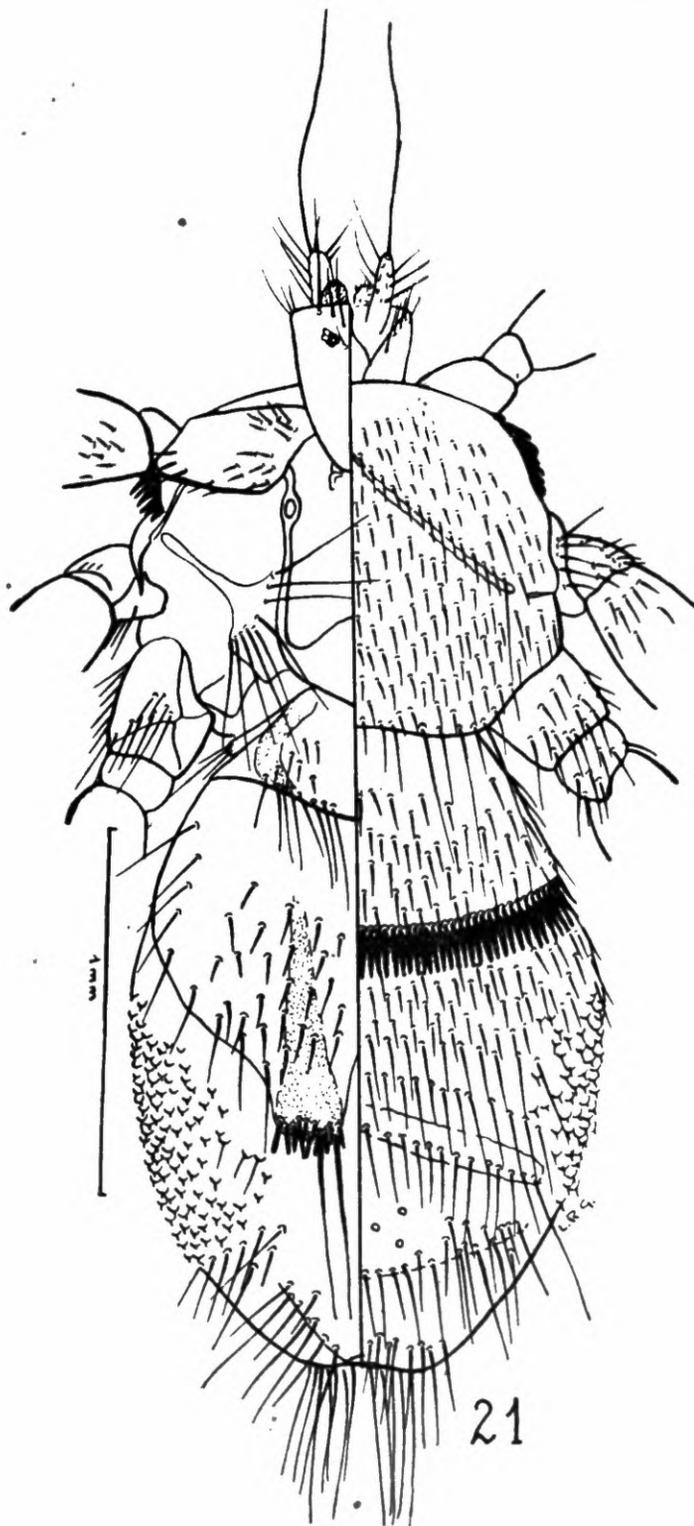


Fig. 21 *Basilia m. mexicana* ♀.

cerdas finas, de comprimento médio, que formam uma série interrompida no meio; de cada lado da linha mediana encontram-se 9

cerdas pequenas separadas por um espaço mediano glabro; as extremidades mais laterais do tergito também são glabras. Não se nota o menor vestígio da sutura mediana. Segundo tergito visível pouco mais largo que longo, parcialmente dividido ao meio; suas bordas laterais são arqueadas nos dois terços anteriores e sinuosas posteriormente. Devido à divisão parcial mediana, as bordas posteriores

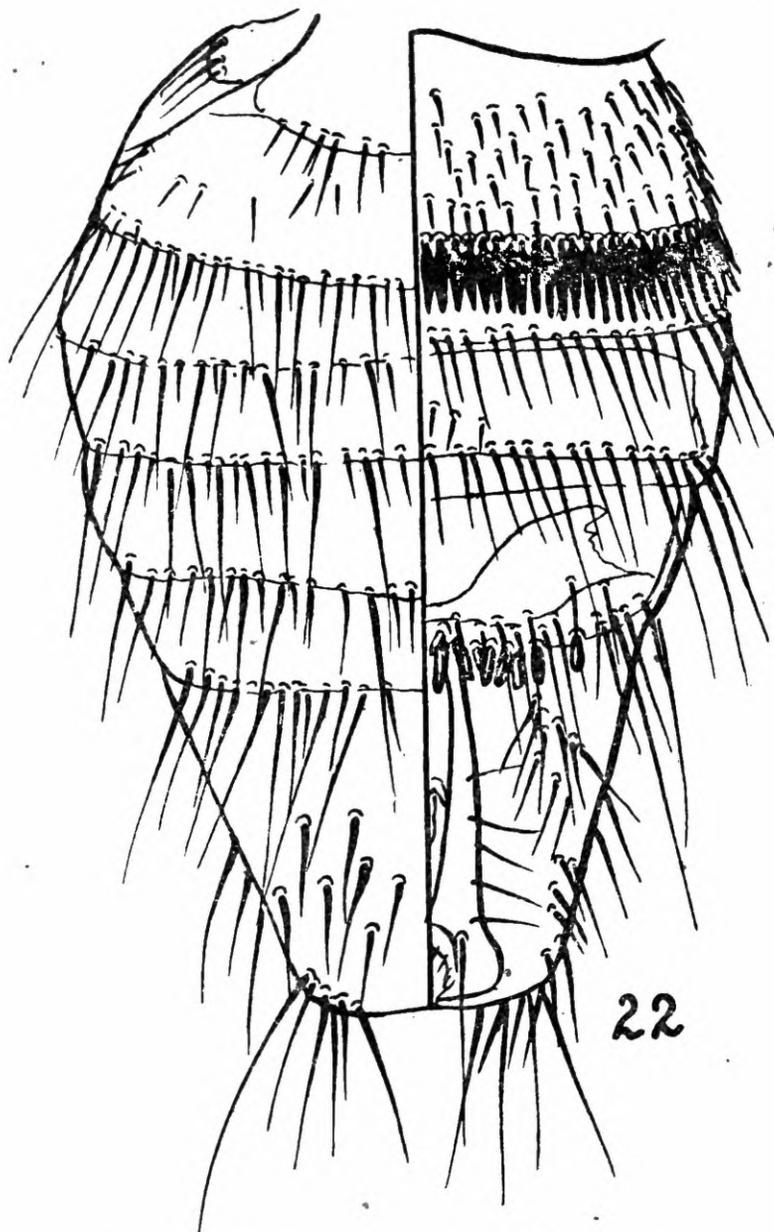


Fig. 22 *Basilia m. mexicana* abdômen do ♂.

se projetam em duas protuberâncias onde se localizam numerosas cerdas curtas, fortes, espiniformes e outras bastante longas. Este tergito é parcialmente coberto por cerdas curtas e fortes; suas bordas laterais são acompanhadas por algumas cerdas mais longas. Tergito anal relativamente pequeno, de bordas laterais convergen-

tes, borda posterior reintrante e com apenas 7/8 cerdas junto às bordas laterais; sobre cada ângulo látero-posterior se localiza uma cerda grande. Conexivo lateral inteiramente recoberto por cerdas espiniformes pustuladas muito pequenas; de cada lado da linha mediana, junto à base do tergito anal, encontra-se uma fileira irregular de cerdas. Esternito basal com cerca de 66/67 dentes compridos no ctenídeo da borda posterior. Posteriormente a êsse esternito encontram-se cinco segmentos. O primeiro dêles é inteiramente recoberto por cerdas pustuladas, maiores que as do conexivo lateral, tendo na borda posterior uma fileira de cerdas de comprimento médio; o segundo e o terceiro são indicados apenas por uma fileira de cerdas na borda posterior, convergindo para frente, tendo lateralmente algumas cerdas espiniformes pustuladas; o segmento é longo, apresenta-se levemente mais esclerotizado que os outros, tem a borda posterior um pouco projetada para trás e três ou quatro fileiras irregulares de cerdas; a fileira da borda posterior é formada por cerdas mais fortes e mais longas; segmento terminal apresentando duas ou três fileiras irregulares de cerdas delicadas na sua porção distal e um agrupamento de cerdas mais fortes, de comprimentos diversos, de cada lado da linha mediana da borda posterior que é levemente reintrante.

*Macho* — Abdomen coniforme, truncado posteriormente. Dorsalmente são reconhecíveis sete tergitos. O primeiro tergito, pequeno, apresenta uma fileira de curtas cerdas em sua borda posterior e apenas 3/4 cerdas menores de cada lado da linha mediana, sobre sua superfície; o segundo tergito apresenta poucas cerdas espalhadas sobre sua superfície, além da fileira posterior, formada de cerdas longas intercaladas por outras curtas, espiniformes; fileiras como esta são encontradas também nos tergitos 3 a 6, que apresentam a superfície inteiramente glabra; o sexto tergito apresenta as cerdas longas da fileira posterior aumentando gradativamente de comprimento à aproximação da linha mediana, onde há uma falha pequena na série; tergito terminal glabro na metade basal; a metade distal apresenta 3 fileiras irregulares de cerdas e três cerdas mais longas nos ângulos látero-posteriores. O esternito basal é bem mais curto que o da fêmea e apresenta o ctenídeo com 60 dentes. O esternito seguinte apresenta sua superfície coberta por numerosas cerdas pequenas, dispostas em fileiras irregulares e uma fileira de cerdas de comprimentos diversos em sua borda posterior; o 3.º e 4.º esternitos apresentam uma ou duas fileiras irregulares de cerdas peque-

nas em sua superfície, além da fileira da borda posterior, que é de cerdas maiores e cujo comprimento aumenta nas cerdas que se afastam da linha mediana; o 4.º esternito apresenta ainda cerca de 25/26 cerdas espiniformes, fortes, de extremidade romba, acompanhando parte de sua borda posterior e um espessamento aliforme em sua superfície; esternito terminal apresentando um número pequeno de cerdas (cerca de 12) de cada lado, além das que acompanham metade distal das bordas laterais. Claspers delgados, longos, e terminando em ponta fina sobre a borda posterior do 4.º esternito.

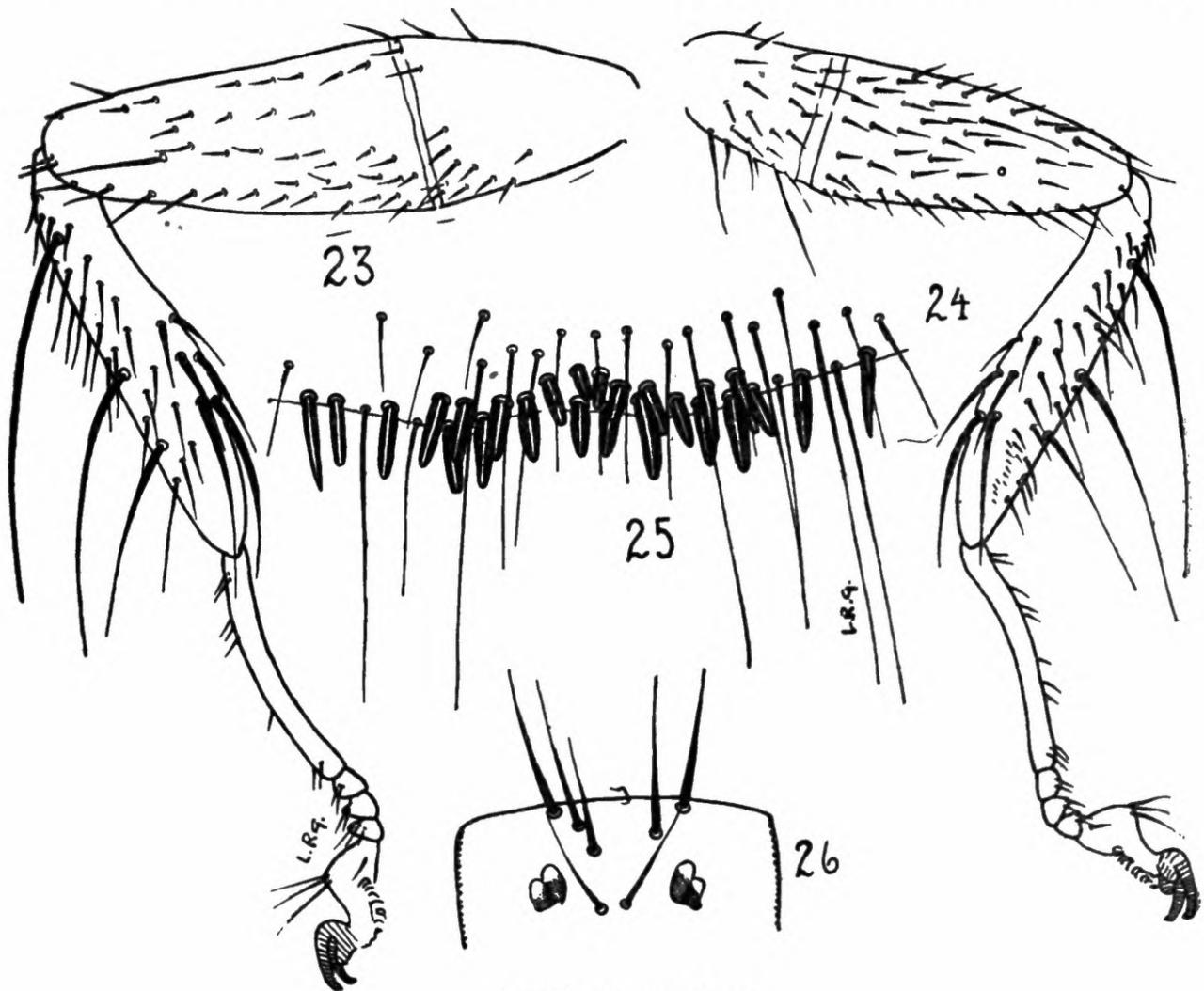
#### MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total (*)	3,000	2,500	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,430	0,430	da borda anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,970	0,930		1,200	1,050	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,300		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,720		
2.º tergito	0,970			1,050		
Esternito basal	0,680	0,430	da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.			

*Nota:* — Esta espécie, após sua descrição original, nunca mais foi encontrada. As duas redescrições que dela temos (SPEISER, 1902 e SCOTT, 1936) são bastante deficientes em virtude, sem dúvida, do péssimo estado do material examinado, que se encontra, atualmente, no British Museum, colado em cartão. Infortunadamente o único exemplar existente, tratado como tipo por SCOTT, tinha perdido a cabeça. Assim, aquele entomologista o considerou pertencente ao gênero *Basilis* apenas em virtude de certos caracteres do tórax e ab-

(\*) A ♀ medida tem o abdômen completamente distendido.

dômen. Hoje, baseado no exame de numerosos exemplares, temos oportunidade de confirmar a suposição de SCOTT. É a seguinte a redescritção de SCOTT: "The mesonotum is raised at the posterior end into erection (recalling the upcurved prow of a boat), the membranous dorsal surface of which seems to have collapsed. The abdomen in the type of *B. mexicana* is extremely shrunken, and the basal tergite has collapsed into a concave form; at its posterior margin are two transverse series of setae-bases (the setae themselves being



*Basilis m. mexicana*

Fig. 23 Pata mediana — Fig. 24 Pata anterior — Fig. 25 Borda anterior do 4.º esternito do abdômen do ♂ — Fig. 26 Região anterior da cabeça.

lost) apparently on narrow separate strips, like those in *B. boardmani*. Nearly all the rest of the dorsal surface of the abdomen is occupied by a pair of long chitinous plates, not unlike those shown in the figure of *B. boardmani*, though longer, but the greater length may be only apparent, due to the collapsed state of the rest of the abdomen; each of these plates has a few short and rather stout bristles on its narrow, posterior half (but no bristles are visible on

the broader anterior half), and at the apex a group of several short thorn-like bristles and four very long bristles (the latter have become detached and are mounted separately on the card behind the specimen). Little else can be discerned.

Tendo examinado diversos exemplares colecionados no *Histiatus velatus*, de São Paulo, que coincidiam com os principais caracteres dados por SCOTT, enviamos uma fêmea a êsse entomologista, para comparação, com o tipo de *B. mexicana*. Em resposta ao nosso pedido, SCOTT confirmou nossa suposição, informando-nos o seguinte, em carta de 10 de julho de 1940: "I have now carefully compared your specimen with the type of *Basilis mexicana* Bigot, and I think they are the same species. It is, however, difficult to be absolutely certain, because your specimen, a female, is rather shrunken, and Bigot's type now consist only of some dried fragments. But still, I have very little doubt. This raises the question, whether Bigot's type of *mexicana* was really found in Mexico, because Mexico and São Paulo are a very long way apart. But still the distribution of many Nycteribiidae is very wide."

O problema apresentado por esta espécie e pelas duas outras, *B. plaumanni* Scott, 1940 e *B. silvae* (Brèthes, 1913), que consideramos aqui suas subespécies, é digno de um tratamento mais detalhado em virtude de nos proporcionar a oportunidade de estudo das possibilidades de variação nas espécies do gênero *Basilis*.

Os caracteres taxinômicos dos componentes dêste gênero são encontrados sobretudo na forma e quetotaxia dos tergitos abdominais. A apreciação dêsses caracteres, entretanto, principalmente quanto à forma dos diversos tergitos, depende, em grande parte, do estado do exemplar examinado. Um exame das figuras 21, 27 e 28 nos dá idéia da dificuldade de interpretar corretamente as formas dos tergitos abdominais. Os desenhos 21, 27 e 28, foram feitos em câmara lúcida, baseados em exemplares de um mesmo lote, montados em bálsamo, e o desenho 29, em exemplar em álcool, com a mesma procedência dos outros, porém, colecionado em época diferente. Os exemplares em que baseamos os desenhos 30, 28 e 21 nos mostram o 1.º tergito visível de forma bem diferente do outro (fig. 27). Essa diferença é devido unicamente a um enrolamento das bordas laterais do tergito, que são livres, modificando inteiramente sua forma real. O desenho 27 nos mostra êsse tergito em sua forma verdadeira.

A forma do 2.º tergito visível, além de apresentar variações individuais, é passível de ser interpretada erroneamente em virtude

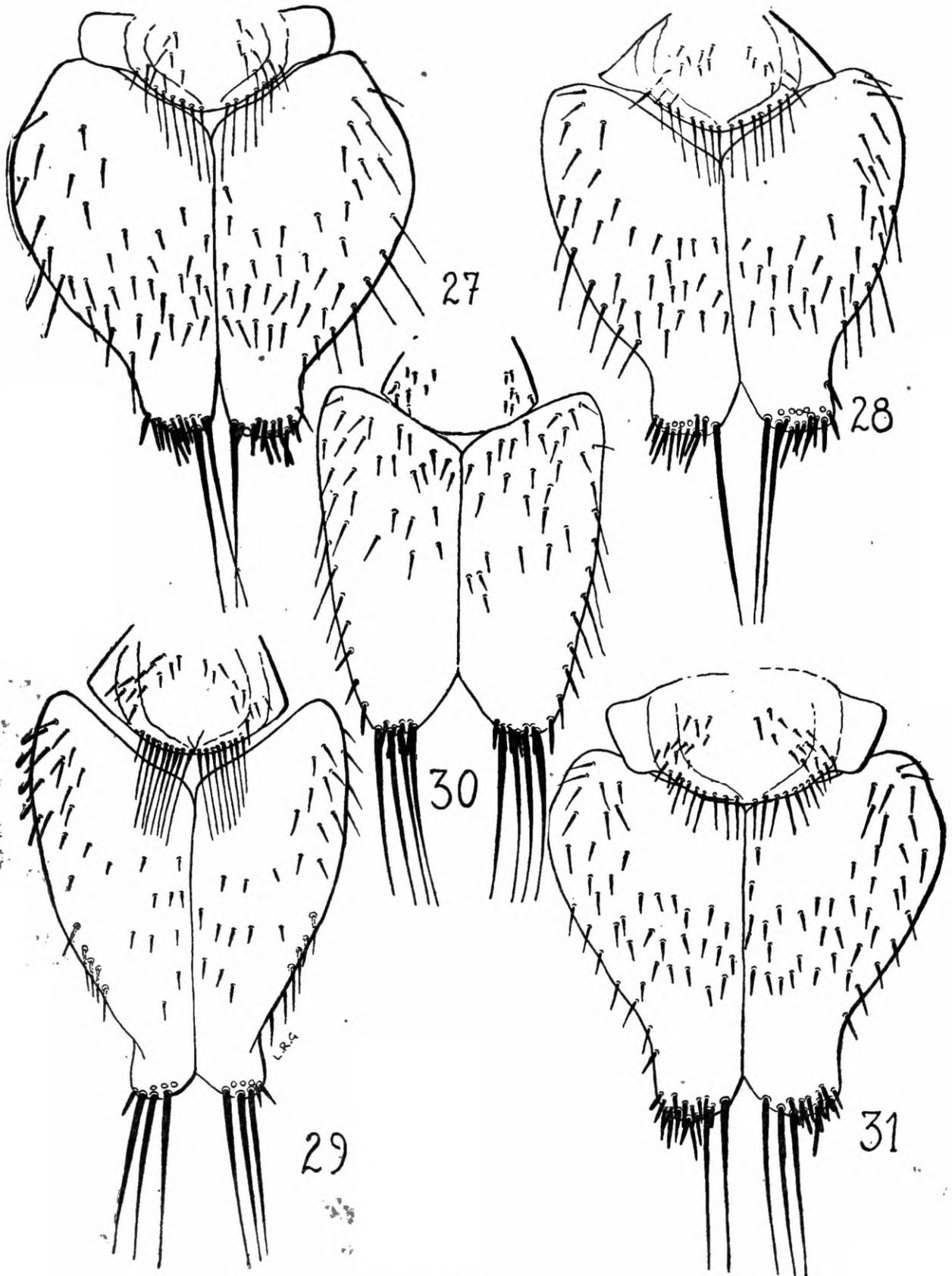
da maior ou menor dilatação do abdômen, provocada pelo estado de gravidez da fêmea. As diferenças nos desenhos apresentados são devido unicamente a esse fato. A quetotaxia e o desenvolvimento das cerdas, sem dúvida, varia de indivíduo a indivíduo, embora guardando uma certa constância. A disposição das cerdas discais que ornamentam o 2.º tergito visível do exemplar que serviu de base ao desenho 29, é diferente da encontrada em outros indivíduos; as da borda posterior do 1.º tergito também se mostram mais desenvolvidas nesse exemplar. O número de cerdas dos lóbulos posteriores do 2.º tergito visível também varia consideravelmente, não só entre os diversos indivíduos, como em cada lóbulo de um mesmo indivíduo. Nos exemplares colecionados em 1927, o número de cerdas pequenas aí localizadas variam de 9 a 19 e o de cerdas longas de 1 a 2. O exemplar que serviu de base ao desenho 29 apresenta 3 cerdas longas e 5 e 4 cerdas pequenas em cada lóbulo. Mesmo as cerdas da cabeça, do tergito anal e das patas apresentam uma certa variação tanto de localização como de desenvolvimento.

Tendo tido oportunidade de examinar material da mesma procedência que os tipos de *B. plaumanni* e o material que serviu de base à descrição de BRÈTHES, verificamos que eles caem dentro dos limites de variação aqui apresentados para *B. mexicana*, principalmente quanto a *B. plaumanni*. SCOTT descreveu o 1.º tergito visível de *B. plaumanni* como "approximately pentagonal, broadening from the base to the corners, and slightly produced to a very obtuse angle in the middle of the hind margin", o que coincide perfeitamente com os desenhos 28 e 30. A disposição das cerdas discais do 2.º tergito visível e o número de cerdas dos lóbulos da borda posterior também são idênticos nas duas subespécies (*mexicana* e *plaumanni*). As cerdas que bordejam, posteriormente, o 1.º tergito (Fig. 31) visível de um dos exemplares de Nova Teutônia, são mais curtas e mais fortes que as dos exemplares de São Paulo; o desenho de SCOTT, porém, mostra essas cerdas bem mais desenvolvidas que em nosso exemplar (1).

Se consideramos *B. plaumanni* subespécie de *B. mexicana* é com base apenas no exemplar por nós examinado. Esse exemplar apresenta a elevação do mesonoto (Fig. 40), posteriormente, bem maior que nos exemplares de *B. mexicana*, e uma projeção mediana quase como um "finger like process". O tergito anal apresenta também

---

(1) Referimo-nos apenas a um exemplar porque o outro acha-se praticamente inutilizado devido à péssima montagem.



Figs. 27, 28 e 29 *Basilia m. mexicana*

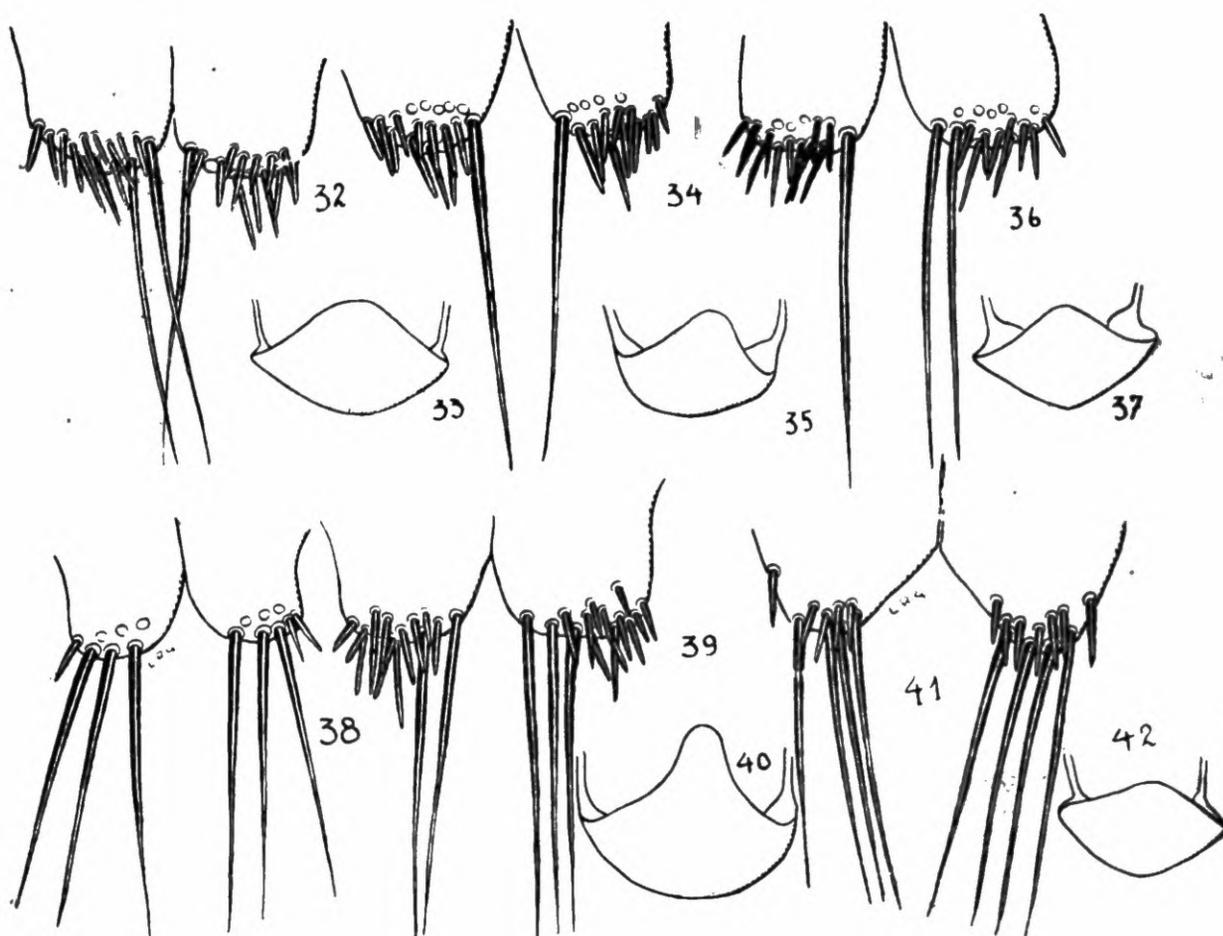
Fig. 30 *Basilia mexicana silvae*

Fig. 31 *Basilia mexicana plaumanni*

(1.º e 2.º tergitos visíveis da ♀).

um número maior de cerdas e duas cerdas longas nos ângulos látero-posteriores. O exame de mais material, porém, poderá evidenciar que essas diferenças não passam de variações individuais.

Quanto a *B. silvae*, parece-nos que apresenta caracteres diferenciais um pouco mais conspicuos que *plaumanni*, embora o estado do exemplar que temos em mãos não permita uma apreciação segura. A diferença de forma dos dois primeiros tergitos visíveis, apresentados um tanto esquematizados no desenho n.º 30, é apenas aparente. As cerdas que ornamentam o 2.º tergito visível, porém, apresentam uma disposição que não encontramos em nenhum exem-



Figs. 32 a 38 *Basilis m. mexicana*

Figs. 39 e 40 *Basilis mexicana plaumanni*

Figs. 41 e 42 *Basilis mexicana silvae*

(região posterior do 2.º tergito visível e elevação posterior do mesonoto).

plar de *mexicana*, isto é, elas se distribuem sobre toda a metade anterior do tergito. As cerdas dos lóbulos posteriores deste tergito são em número de 5/7 pequenas e 4 grandes (Fig. 41). Nenhum dos exemplares de *mexicana* ou *plaumanni* apresenta tal número de cerdas grandes. As cerdas que bordejam o 1.º tergito visível, não representadas no desenho, são de difícil observação em virtude do estado do

exemplar, porém, um exame em microscópio estereoscópio nos mostra que são do mesmo tipo das encontradas em *mexicana*. A elevação posterior do mesonoto (Fig. 42) também se apresenta como nos exemplares de *B. mexicana*. (Figs. 33, 35, 37). O tergito anal (Fig. 45) se apresenta com quetotaxia diferente de *plaumanni* (Fig. 44) e de *mexicana*, (Fig. 43) embora se aproxime mais desta última. As diferenças assinaladas são unicamente baseadas no único exemplar fêmea de *B. silvae* que examinamos. Somente o encontro de mais material, proveniente da localidade tipo, poderá, porém esclarecer a exata posição da espécie de BRÈTHES.

***Basilia mexicana plaumanni* Scott, 1940**

(Figs. 31, 39, 40 e 44)

*Basilia plaumanni* SCOTT, 1940, Proc. of the R. Ent. Soc. of London, S. B, vol. 9, part 4, p. 58, figs. 1 e 2; DEL PONTE, 1945, An. Inst. de Med. Reg., vol. I, N. 1, p. 126.

HOSPEDADOR TIPO — *Histiopus* sp. possivelmente *Histiopus velatus* I. GEOFFROY.

HOSPEDADORES OUTROS — Além do hospedador tipo esta subespécie foi encontrada no *Histiopus laephotis* (?).

ESPECIMENS EXAMINADOS — Duas fêmeas e um macho provenientes de Nova Teotônia, Estado de Santa Catarina, colecionados por FRITZ PLAUMANN em hospedeiro intederminado.

Os caracteres desta subespécie foram discutidos juntamente com *B. m. mexicana*.

***Basilia mexicana silvae* (Brèthes, 1913)**

(Figs. 30, 41, 42 e 45)

*Cyclopodia silvae* BRÈTHES, 1913, Bol. del Mus. Nacional de Chile, Tomo V, n.º 2, p. 297, 3 figs.

*Basilia silvae* (BRÈTHES), FERRIS, 1924, Ent. News, vol. XXXV, p. 199; CURRAN, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 765, p. 5; SCOTT, 1936, The Linn. Soc. Jour., Zool., vol. XXXIX (N.º 267), p. 497.

HOSPEDADOR TIPO — *Vesperugo velatus* I. GEOFFROY (= *Histiopus velatus*).

HOSPEDADORES OUTROS — Esta espécie só foi encontrada no hospedador tipo.

ESPÉCIMENS EXAMINADOS — Uma fêmea e um macho do lote tipo.

BRÈTHES baseou sua descrição em 7 exemplares, colecionados em Santiago, Chile. Desta subespécie, que sem dúvida deve ser incluída no gênero *Basilia*, tivemos oportunidade de examinar um casal pertencente ao lote tipo, depositado nas coleções do Museu de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia".

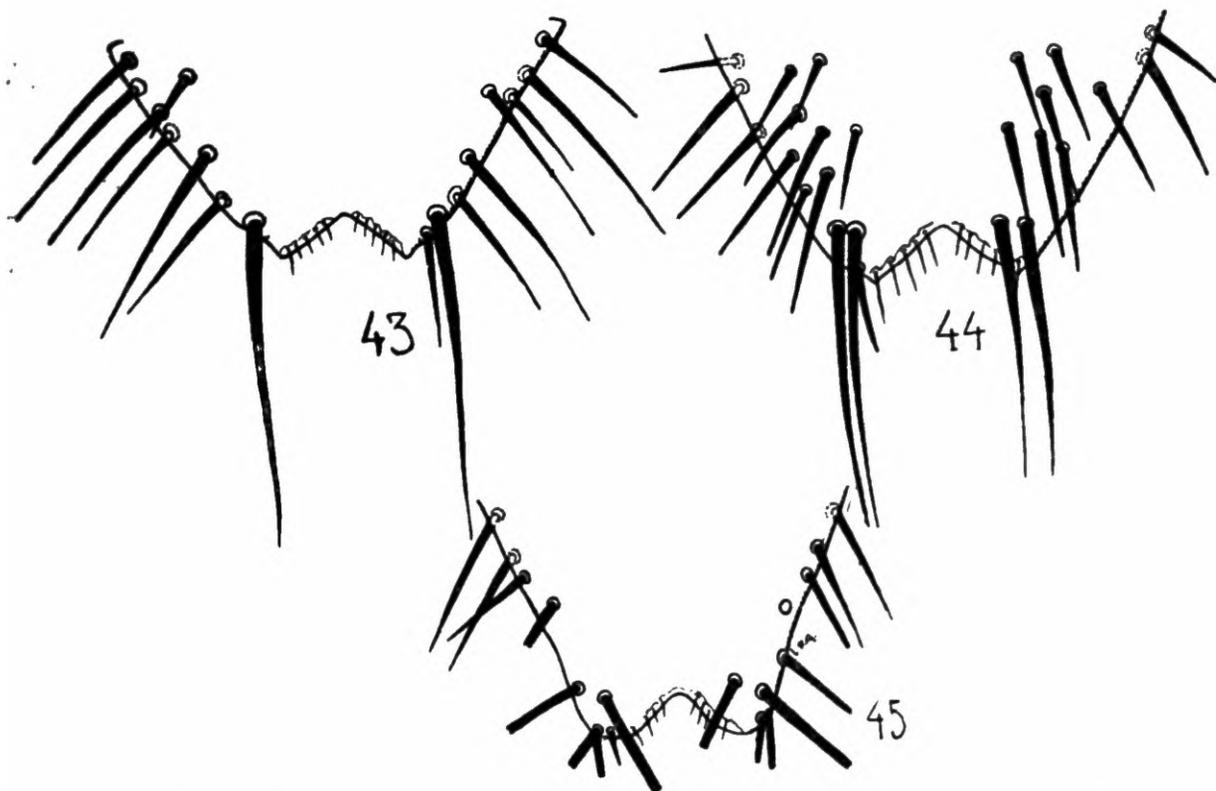


Fig. 43 *Basilia m. mexicana* — Fig. 44 *Basilia mexicana plaumanni*.  
Fig. 45 *Basilia mexicana silvae*.  
(Segmento anal da fêmea)

A discussão de seus caracteres foi feita juntamente com *B. m. mexicana*.

***Basilia mirandaribeiroi* Guimarães, 1942**

(Figs. 46 a 51)

*Basilia mirandaribeiroi* GUIMARÃES, 1942, Papéis Avulsos do Dep. de Zoologia, vol. II, n.º 11, p. 146, fig. 1.

HOSPEDADOR TIPO — *Myotis nigricans nigricans* (WIED).

HOSPEDADORES OUTROS — Esta espécie só foi encontrada no hospedador tipo.

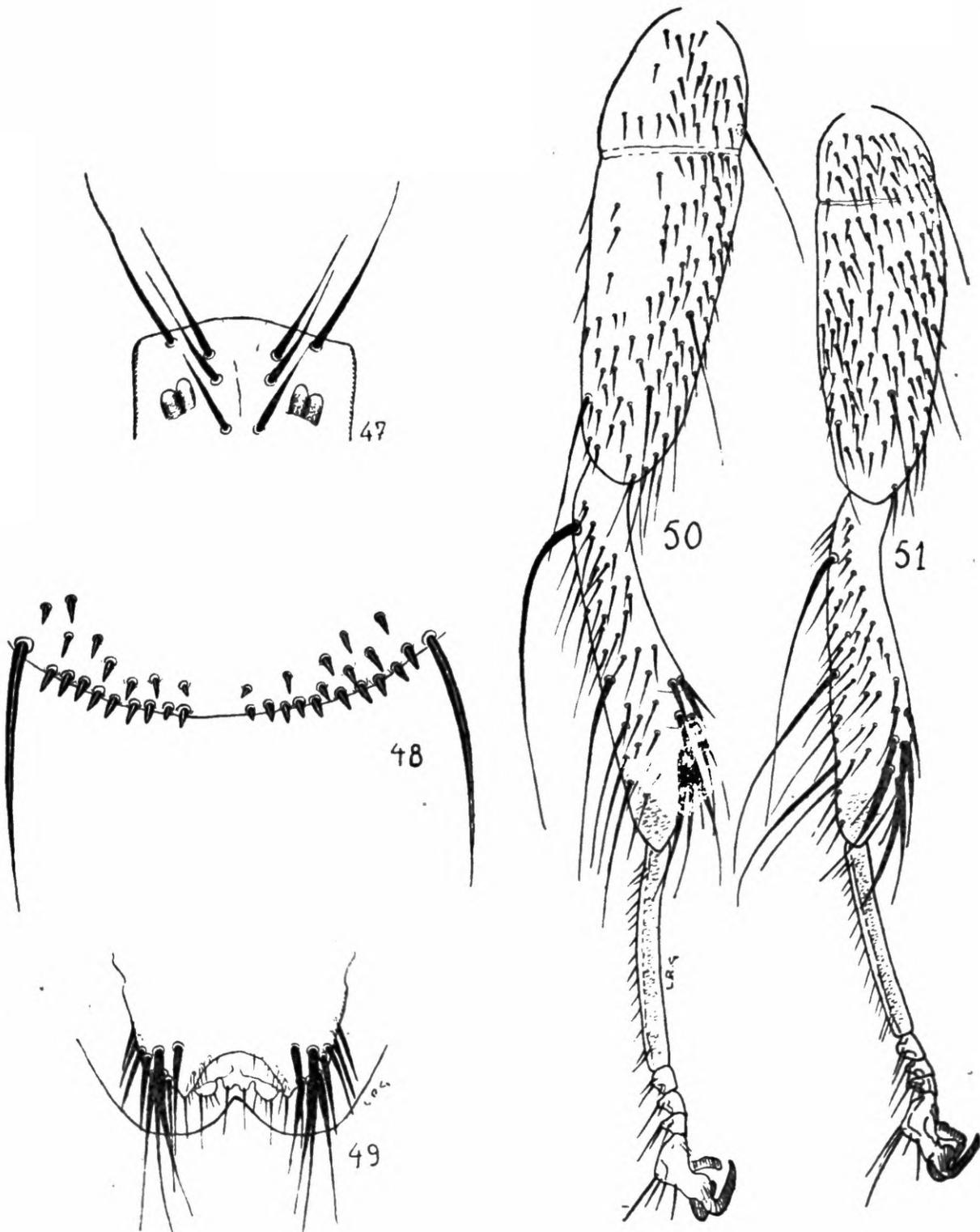
ESPÉCIMENS EXAMINADOS — Um único exemplar fêmea em que foi baseada a descrição original.

**DESCRIÇÃO — Fêmea (Fig. 46).**

Com exceção do número de dentes do ctenideo torácico que é de 22/23 e não 17/18, nada temos a acrescentar à descrição original que é como se segue:



Fig. 46 *Basilisa mirandaribeiroi* ♀.



*Basilia mirandaribeiroi*

Fig. 47 região anterior da cabeça — Fig. 48 borda posterior do 1.º tergito visível — Fig. 49 segmento anal.  
 Fig. 50 pata mediana — Fig. 51 pata anterior.

*Cabeça* — Vértice com duas cerdas entre a base dos olhos e outras seis maiores, formando duas linhas divergentes de 3 cerdas cada uma, entre os olhos e a margem anterior; cêrca de 8 cerdas acompanham cada lado da borda anterior da gena; sôbre a porção anterior da pós-gena encontram-se algumas cerdas pequenas e de cada lado da porção membranosa mediana, uma cerda maior. Palpos longos, com 9/10 cerdas, das quais as distais são as maiores, na superfície ventral. Teca do lábio piriforme, mais longa que larga, com duas cerdas de cada lado da porção apicular; labela com comprimento pouco maior que a metade do comprimento da teca. Olhos nitidamente bifacetados e de bases pigmentadas.

*Tórax* — Cada ctenideo torácico com cêrca de 22/23 dentes. Mesonoto pouco elevado posteriormente. Ventralmente o tórax apresenta-se mais largo que longo e com a borda anterior não muito arqueada. Patas apresentando as tíbias muito pouco dilatadas e as faixas anulares quase imperceptíveis.

*Abdômen* — Tergito basal grande, ocupando quase um têrço do abdômen e de borda externa arredondada. Sôbre sua superfície encontram-se numerosas cerdas fortes, cujo comprimento vai decrescendo à medida que se aproxima da margem apical, que apresenta, de cada lado da linha mediana, 9 cerdas espiniformes, curtas e robustas. A borda externa é acompanhada, de cada lado, por uma fileira de cerdas mais longas que as da superfície; as cerdas mais longas dessas fileiras são as duas apiculares, de modo que estabelece um contraste muito nítido com as cerdas espiniformes da região mediana da margem. Ao nível de tôda extensão da linha mediana há um espaço inerme e um traço obsoleto de sutura. Tergito seguinte íntegro, porém apresentando, como o tergito basal, um leve traço de sutura mediana; sua borda livre é arqueada e reintrante ao nível da linha mediana; a maior extensão de sua superfície é glabra; algumas cerdas curtas se localizam, de cada lado, nos cantos látero-anteriores; a metade posterior da borda dêste tergito é acompanhada por cerdas fortes e curtas, com exceção de quatro delas, duas de cada lado, que são bastante longas. O segmento anal, que apresenta as bordas laterais apenas levemente convergente, se implanta em uma zona glabra do conexivo; três cerdas se localizam em cada borda lateral; em seguida a essas, três outras de comprimento desiguais, dispostas em linha horizontal e logo abaixo destas, um grupo de três cerdas; borda posterior largamente escavada e acompanhada por cerdas delicadas. O conexivo lateral é recoberto

por pequenas cerdas em pustulas. O esternito basal se apresenta recoberto por cerdas; o ctenídeo da borda distal com cerca de 70 dentes. Posteriormente a êsse, encontram-se cinco segmentos visíveis. O primeiro dêles é revestido de numerosas cerdas pustuladas, mais longas que as do conexivo, e apresenta uma fileira de cerdas mais longas, na borda posterior; o segundo segmento apresenta algumas cerdas iguais às do conexivo e uma fileira de cerdas longas na margem posterior; os dois seguintes se interrompem ao nível da linha mediana e apresentam cerdas de comprimentos desiguais, próximo à margem posterior; nos cantos externos dêstes dois esternitos se implantam cerdas bastante longas. O segmento terminal apresenta algumas cerdas de cada lado e uma acentuada reintrância na borda posterior, ao nível da linha mediana; de cada lado dessa reintrância encontra-se um tufo de cerdas longas e curtas.

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento	observação	largura	observação
	♀		♀	
total	2,690	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.		
cabeça	0,430	da borda anterior do vértice ao occipício.		
tórax	0,900		1,270	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,800	da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,770	
2.º esternito	0,740			
esternito basal	0,620	da borda posterior do tórax à extremidade dos dentes do ctenídeo.		

*Nota* — Esta espécie mais se assemelha a *Basilia carteri* Scott e a *Basilia myotis* CURRAN, em virtude da forma do 1.º e 2.º tergitos visíveis. A quetotaxia dêstes dois tergitos, entretanto, é bem diferente nas três espécies. A borda posterior do 1.º tergito visível de *Basilia mirandaribeiroi* apresenta uma série de pequeninas cerdas espiniformes, enquanto que *B. carteri* e *B. myotis* apresentam-na com cerdas longas; em *B. mirandaribeiroi* êsse tergito apresenta nu-

merasas cerdas discais em contraposição a *B. myotis*, em que é ornamentado com apenas raras cerdas. O 2.º tergito visível de *B. mirandaribeiroi* apresenta cerdas discais apenas nas bordas látero-antérieures, enquanto que em *B. carteri* as cerdas se estendem até próximo da linha mediana e em *B. myotis* as cerdas se localizam nas bordas laterais do tergito.

*Basilis currani* Guimarães, 1943

(Figs. 52 a 59)

*Basilis currani* GUIMARÃES, 1943, Papéis Avulsos do Dep. de Zoologia, vol. III, n.º 18, p. 257, figs. 1 e 2.

HOSPEDADOR TIPO — *Myotis ruber* (E. Geoffroy).

HOSPEDADORES OUTROS — Esta espécie só foi encontrada na hospedador tipo.

ESPÉCIMENS EXAMINADOS — As duas fêmeas e o macho do lote tipo.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 52).

*Cabeça* — Vértice apresentando um par de cerdas entre os olhos e outro, de cerdas mais longas, junto à borda anterior da cabeça. Sete ou oito cerdas curtas bordejam cada lado da região anterior da gena; uma cerda longa é encontrada de cada lado da região membranosa mediana, Pós-gena apresentando numerosas cerdas pequenas espalhadas sobre sua superfície. Palpos longos, com cerca de 10 cerdas de comprimento desiguais sobre suas bordas externas; as cerdas apiculares são bastante longas. Olhos distintamente bifacetados. Lábio com a teca piriforme.

*Tórax* — Ctenídeo torácico com 22/23 dentes. Mesonoto elevado posteriormente e terminando em ponta. Ventralmente é mais largo que longo; sua borda anterior é arredondada; borda posterior levemente reintrante. Patas fortes e longas; faixas anulares pouco nítidas na metade distal e apresentando longas cerdas, algumas das quais tão longas como a própria tibia.

*Abdômen* — Tergito basal alongado, de forma cônica, apresentando as bordas laterais levemente côncavas e as posteriores, arredondadas, com uma pequena reintrância ao nível da linha mediana. Um sinal nítido de sutura percorre todo este tergito ao nível da

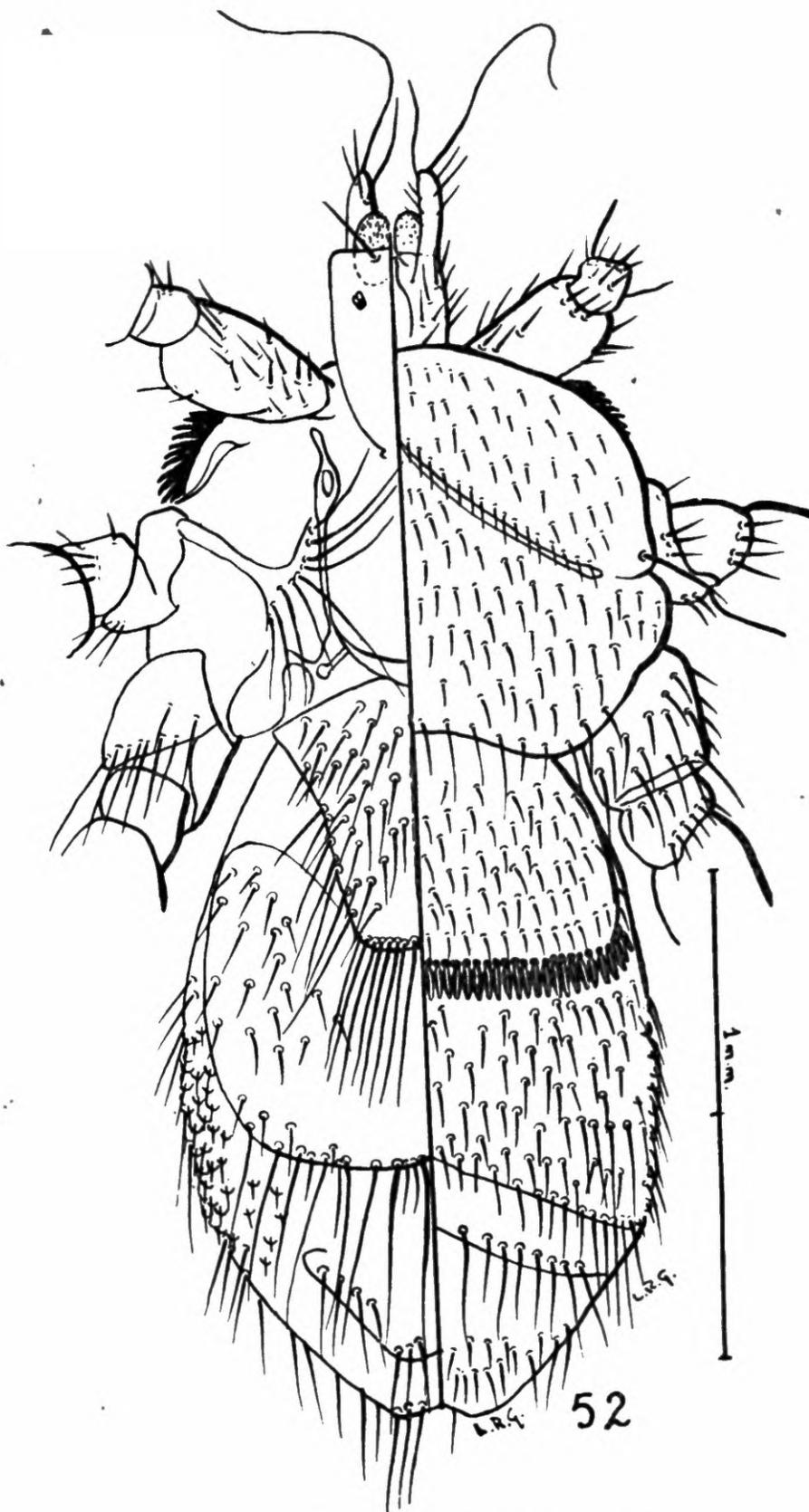
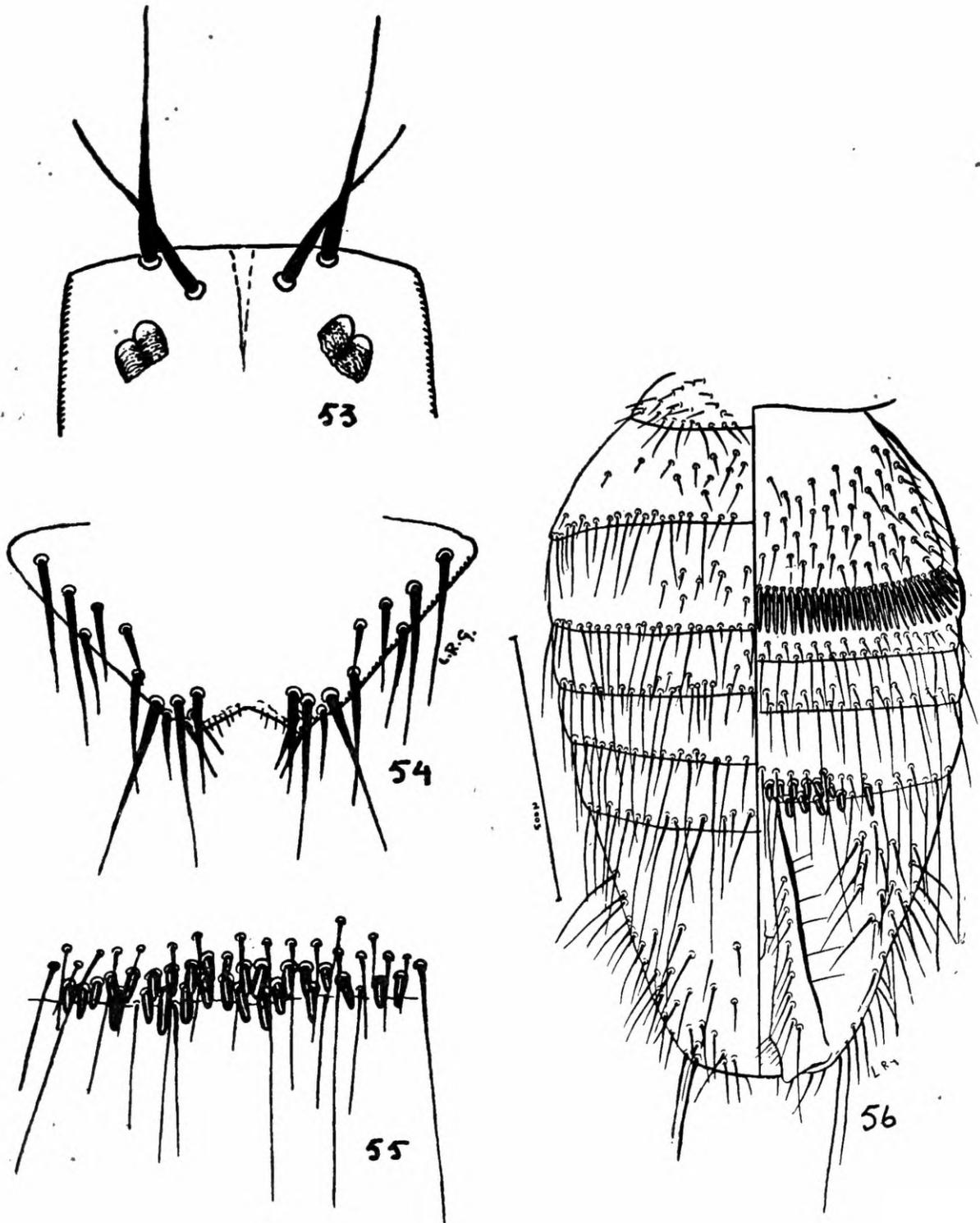


Fig. 52 *Basilia curranii* ♀.

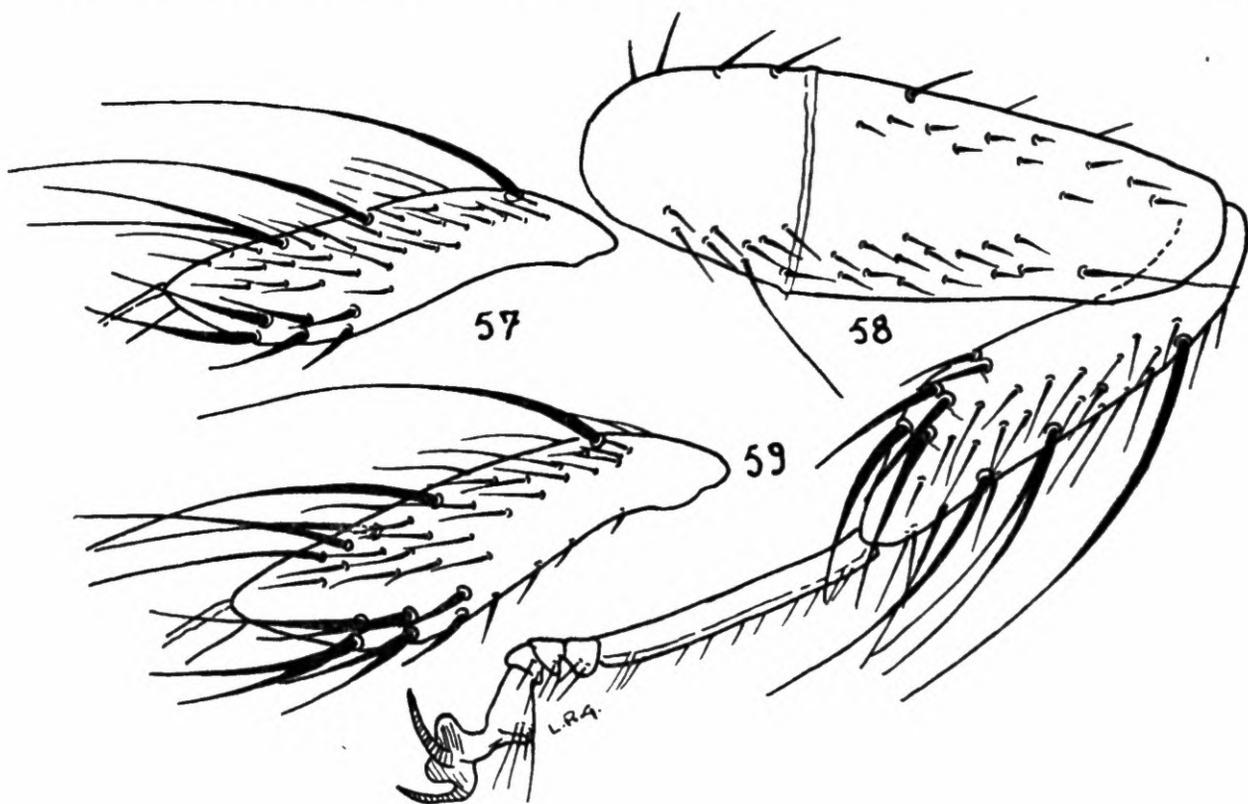


*Basilia currani*

Fig. 53 região anterior da cabeça — Fig. 54 segmento anal — Fig. 55 borda posterior do 4.<sup>o</sup> esternito do ♂.

Fig. 56 abdômen do ♂.

linha mediana. Sua superfície é recoberta por numerosas cerdas finas e relativamente longas; borda posterior com 8/9 cerdas longas, algumas com a extremidade quase atingindo o segmento seguinte. Segundo tergito visível largo, de contôrne arredondado e como o tergito basal, apresentando um esboço pouco nítido da sutura mediana. Bordas látero-anteriores glabras; borda posterior com algumas cerdas longas e outras curtas; de cada lado da região látero-anterior dêste tergito encontram-se 21/22 cerdas pequenas. Tergito anal bem



*Basilia currani*

Fig. 57 tibia da pata anterior — Fig. 58 pata posterior — Fig. 59 tibia da pata mediana.

mais largo que longo e apresentando poucas cerdas em sua superfície; suas bordas laterais são bastante convergentes; borda posterior levemente chanfrada. O conexivo lateral é recoberto por poucas cerdas espiniformes pustuladas. Esternito basal pequeno; o ctenideo de sua borda posterior apresenta cêrca de 50/52 dentes fortes. Posteriormente a êste esternito, encontram-se quatro segmentos. O primeiro dêles é inteiramente revestido de cerdas formando diversas fileiras irregulares, sendo uma, bem delimitada, em sua borda posterior; o segundo é assinalado por duas fileiras de cerdas que convergem para a linha mediana em sentido póstero-anterior; o terceiro tem a borda posterior largamente arredondada e acompanha-

da por algumas cerdas; o segmento terminal, que forma a borda posterior do abdômen, é levemente reintrante ao nível da linha mediana e apresenta de cada lado um aglomerado de cerdas fortes.

*Macho* — O único que temos apresenta no vértice, entre os olhos, três cerdas de um lado e duas do outro. O abdômen é curto, afunilado, com sete segmentos reconhecíveis, dorsalmente. O primeiro tergito é curto e o seu limite com o segmento seguinte é mal definido. 3.º, 4.º, 5.º e 6.º tergitos de comprimentos subiguais, apresentando numerosas e longas cerdas nas bordas posteriores; tergito apical quase tão longo como os quatro precedentes conjuntamente e apresentando cerdas apenas na sua metade posterior. Do lado ventral reconhecem-se apenas cinco segmentos. O esternito basal apresenta o pente com maior número de dentes (60/62) que o da fêmea. As cerdas que se localizam nos esternitos são mais finas que as dos tergitos. Os claspers são longos e atingem a borda posterior do 4.º esternito que é acompanhada, em parte, por 27 cerdas espiniformes bastante fortes.

#### MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total	2,500	2,380	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,400	0,400	da borda anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,790	0,770		1,100	0,900	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,450		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,460		
2.º tergito	0,670					
esternito basal	0,450					

*Nota* — Provavelmente *B. currani* seja apenas uma subespécie de *B. dumni*, descrita por CURRAN em 1935 de material encontrado em *Myotis nigricans*, do Panamá. Não tivemos a oportunidade de examinar *B. dumni*, mas CURRAN, a quem enviamos uma fêmea de, *B.*

*Curranii* para comparação com o tipo de *B. dunnii*, manifestou-se da seguinte maneira sobre nosso material: "The female that you thought might be *dunnii* is a different species. There are fewer and finer spines on the large tergite and on its border, a characteristic that is very noticeable when the species are compared. Also, the first tergite seems to be distinctly longer and narrower but the most striking difference is in the tibial bristles. In your specimen they are considerably longer, some being fully as long as the tibia. In *dunnii* none of them nearly approaches the tibia in length."

*Basilia carteri* Scott, 1936

(Figs. 60 a 63)

*Basilia carteri* Scott, 1936, The Linn. Soc. Jour., Zoology, vol. XXXIX, (n.º 267), p. 498. figs. 9 e 10; Scott, 1940, Proc. of the R. Ent. Soc. of London, Ser. B, vol. 9, part 4, p. 60.

HOSPEDADOR TIPO — *Molossus temminckii* Burm.

HOSPEDADORES OUTROS — *Myotis* sp. possivelmente *M. ruber* E. GEOFFROY e *Myotis* sp., possivelmente *Myotis albescens* E. GEOFFROY, proveniente de Nova Teotônia, Estado de Santa Catarina, Brasil; *Myotis* sp. proveniente de Jujuy, Argentina.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Duas fêmeas colecionadas em hospedeiro desconhecido; uma fêmea colecionada em *Myotis* sp. pelo Prof. S. MAZZA, em Jujuy, Argentina.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 60).

*Cabeça* — Vértice com três pares de cerdas; o primeiro par, de cerdas menores, se localiza próximo da linha mediana e logo atrás da base dos olhos; o segundo, de cerdas maiores e mais distanciadas, se localiza adiante dos olhos e o terceiro, junto da borda anterior do vértice. Seis ou sete cerdas acompanham a borda externa da gena; de cada lado da região membranosa mediana encontra-se uma cerda longa; sobre a pós-gena encontram-se apenas 2 ou 3 cerdas pequenas. Palpos com 9/10 cerdas de comprimentos desiguais; as cerdas apiculares são as mais longas. Olhos pequenos e nitidamente bifacetados.

*Tórax* — Ctenideo torácico com 20/21 dentes. Mesonoto elevando-se posteriormente e de borda arredondada. Ventralmente o tórax é consideravelmente mais largo que longo; sua borda anterior é levemente arqueada e a posterior apenas reintrante. Patas fortes e

longas; tíbias relativamente longas e apenas dilatadas na metade distal; faixas anulares pouco perceptíveis; cerdas longas, porém menores que o comprimento das tíbias, se localizam em sua borda posterior.

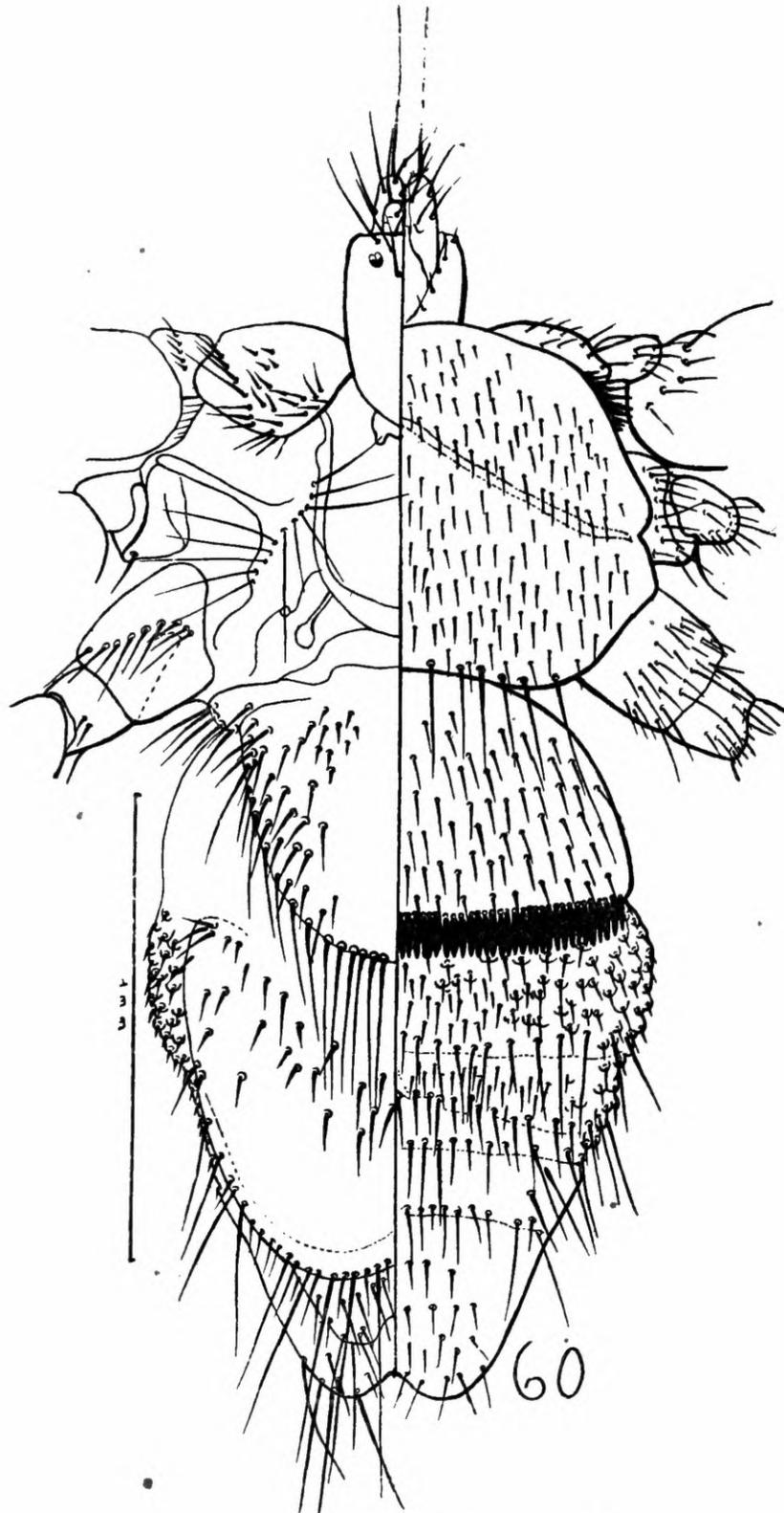
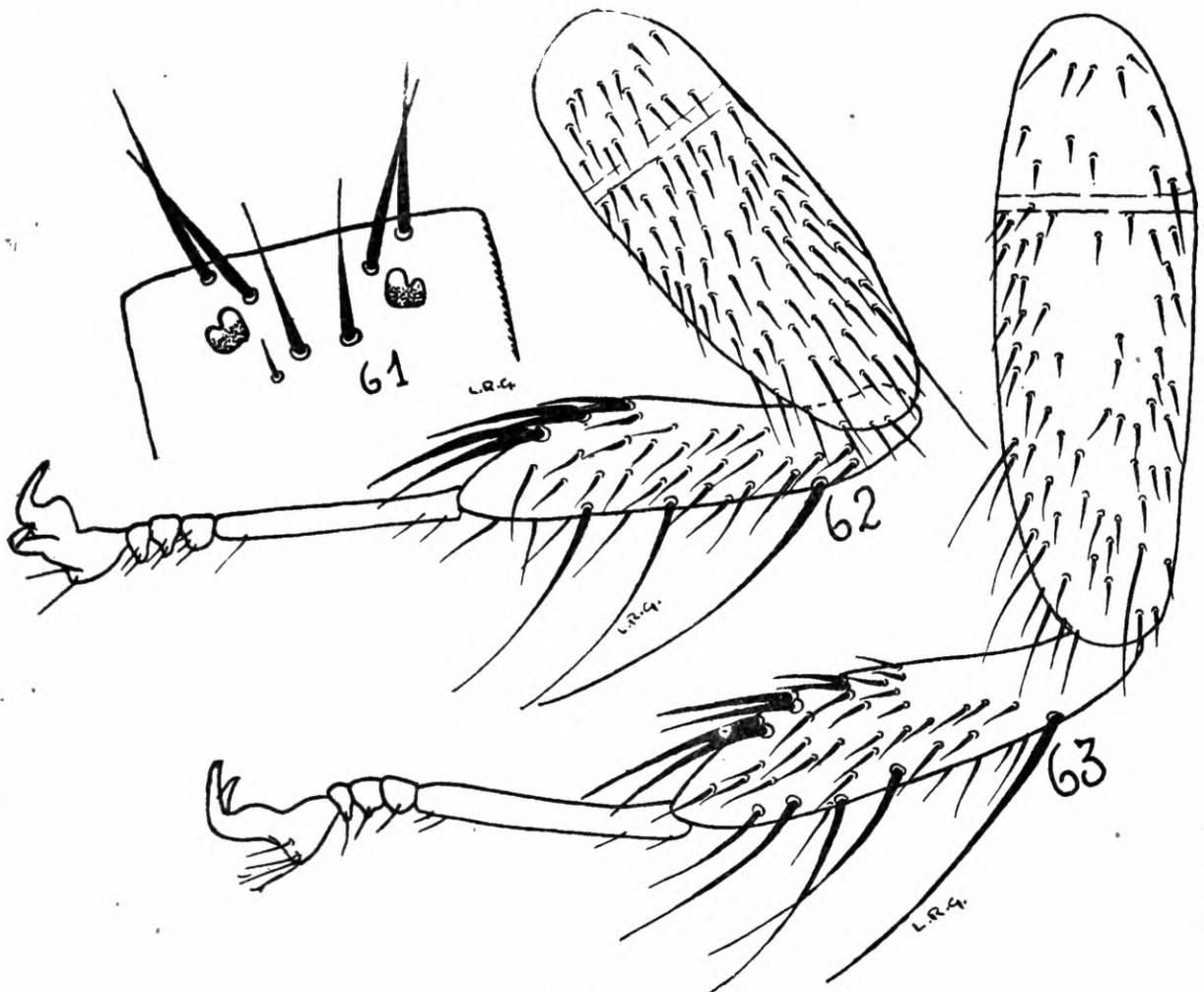


Fig. 60 *Basilia carteri* ♀.

*Abdômen* — Tergito basal mais largo que longo; suas bordas laterais são arqueadas, levemente convergentes para trás, e se continuam com a borda posterior que é sub truncada. Um sinal de sutura divide êste tergito ao meio. De cada lado da linha mediana dêste tergito encontram-se numerosas cerdas de comprimentos diversos (23 a 27), porém fortes; bordejando êste tergito encontram-se, de cada lado, 14/15 cerdas cuja implantação se torna mais unida junto à borda posterior. Segundo tergito visível mais largo que longo, de bordas arredondadas e, como o tergito basal, apresentando um sinal de sutura mediano. As bordas laterais apresentam de cada lado da linha mediana algumas cerdas longas (cêrca de 12) intercaladas por outras mais curtas, espiniformes; as cerdas mais posteriores são as mais longas. Numerosas cerdas curtas e fortes são encontradas na metade basal dêste tergito, espalhadas em fileiras irregulares e acompanhando sua borda anterior que é profundamente escavada ao nível da linha mediana. O tergito anal tem nascimento numa zona glabra do conexivo e apresenta suas bordas laterais convergentes posteriormente e a borda posterior com uma reintrância relativamente profunda; êste tergito apresenta algumas cerdas em sua superfície distribuidas em fileiras irregulares. O conexivo lateral é recoberto por curtas cerdas espiniformes pustuladas. Esternito basal relativamente curto, recoberto por numerosas cerdas em fileiras irregulares, e com cêrca de 60/62 dentes no ctenídeo de sua borda distal. Posteriormente a êsse, encontram-se cinco segmentos. O primeiro dêles é recoberto por pequenas cerdas pustuladas e apresenta em sua borda posterior uma fileira de cerdas de comprimento médio; como êsse segmento, o que lhe segue apresenta cerdas pustuladas, porém em muito menor número, e uma fileira de cerdas posteriores; os dois seguintes são formados por dois pares de placas mais esclerotizadas, separadas ao nível da linha mediana e apresentando uma fileira irregular de curtas cerdas entre as quais há algumas longas; segmento terminal com algumas fileiras irregulares de cerdas curtas localizadas na metade distal e separadas ao meio por um espaço glabro; a borda posterior dêste segmento é reintrante ao nível da linha mediana e apresenta, de cada lado, um grupo pequeno de cerdas de comprimentos diversos.

*Macho* — E' a seguinte a descrição de SCOTT, para êste sexo: "Abdomen ♂ : a chitinised fold, appearing as a black spot, is visible on either side of the membranous portion at the base of the basal tergite; the posterior chitinised part of this tergite has short setae

on its surface on either side of the middle, a little longer towards the hind corners, and a posterior marginal series of longer setae, slightly interrupted in the middle; tergites 2-6 have marginal series of long, and some short setae, some of those on 4, 5, and 6, on either side of the middle, being very long; these tergites have the surface bare, excepting 2, which has short setae, principally towards the sides, while 2-5 all have very short submarginal setae in the middle; anal segment with short and some long erect setae on its posterior half, and three or four very long at either hind corner.



*Basilia carteri*

Fig. 61 região anterior da cabeça — Fig. 62 pata anterior — Fig. 63 pata mediana.

Ventrally, the basal sternite has its surface covered with short setae nearly to the base and a ctenidium consisting of about 58-60 teeth; sternites 2 and 3 very short; with minute setae on the posterior parte of the surface, and rather longer ones right at the sides; their marginal series consist of fine setae, not very close, of varying length, mostly long, directed backwards, except for some on either

side which are erect and directed outwards, while about two on either side of the middle line on sternite 3 are erect and very long; sternite 4 nearly as long as the chitinous parts of 2 and 3 together; with short erect setae on the posterior half of its surface, and very long fine setae (with some shorter ones) close to its hind margin; the ctenidium occupies about the middle third of the hind margin of this sternite and consists of about 18 teeth, not very close, in two slightly irregular transverse series, those in the anterior series shorter; anal segment with numerous short erect setae on its ventrolateral parts; claspers slender, rather dark, nearly black at the apex, tapering and slightly curving inwards, so that the apices are almost contiguous."

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento ♀	observação	largura ♀	observação
total	2,500	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.		
cabeça	0,360	da extremidade anterior do vértice ao occipício.		
tórax	0,750		1,100	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,590	da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,650	
2.º tergito	0,780		0,930	
esternito basal	0,540	da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.		

*Nota* — Os caracteres diferenciais desta espécie foram discutidos juntamente com os de *Basilis mirandaribeiroi*.

Há certas diferenças entre o desenho da fêmea, dado por nós, e o apresentado por SCOTT, que resultam, provavelmente, mais da interpretação de certas estruturas e das condições dos espécimes estudados, que de diferenças morfológicas reais. Essas diferenças repousam principalmente na forma dos dois primeiros tergitos visíveis, pois a quetotaxia é aparentemente igual em ambos os dese-

nhos. O desenho de Scott mostra o 2.º tergito visível com as bordas laterais sinuosas e a maior largura ao nível da metade posterior do tergito; em nosso desenho as bordas laterais do tergito são contínuas e sua maior largura se verifica ao nível da metade anterior. Essas diferenças são perfeitamente explicáveis se considerarmos o estado de dilatação do abdômen dos exemplares fêmeas estudados; a fêmea desenhada por Scott apresenta o abdômen bastante dilatado, sem dúvida, em virtude do adiantado estado de gravidez. Essa, talvez, também seja a causa da menor reintrância que o exemplar apresenta na borda posterior do segmento terminal do abdômen. O 1.º tergito visível, como já tivemos oportunidade de assinalar discutindo *B. m. plaumanni*, apresenta-se quase sempre com as bordas enroladas, acompanhando a curvatura do abdômen. Quando examinada no álcool, a fêmea desenhada por nós apresentava os ângulos látero-anteriores do 1.º tergito visível como é indicado no desenho de Scott. De uma compressão maior sobre o abdômen da fêmea desenhada por nós, após o tratamento pela potassa e a posterior clarificação pelo creosôto, resultou a forma, aparentemente real, apresentada em nosso desenho. Scott, que examinou numerosos exemplares de sua espécie, provenientes de Nova Teutônia, Santa Catarina, posteriormente à descrição original, assinala algumas diferenças entre esse material e o exemplar tipo. As principais diferenças indicadas repousam na forma do 1.º tergito visível e no arranjo das cerdas do 2.º tergito. Os exemplares de Nova Teutônia apresentam o 1.º tergito visível mais estreito, com as bordas laterais menos arqueadas e estreitando-se gradativamente até a borda posterior que é definitivamente truncada, e as cerdas da borda anterior do 2.º tergito visível, mais espalhadas, formando uma linha menos definida, oblíqua. Duas fêmeas de Nova Teutônia, entretanto, apresentam-se igual ao exemplar tipo, pelo que aquele entomologista não considerou de valor específico as diferenças verificadas.

*Basilis travassosi* Guimarães, 1938

(Figs. 64 a 70)

*Basilis travassosi* GUIMARÃES, 1938, Livro Jubilar Prof. TRAVASSOS, Rio de Janeiro, p. 183, Est. I, fig. 1, 2 e 3.

HOSPEDADOR TIPO — Desconhecido.

HOSPEDADORES OUTROS — *Myotis albescens* (E. GEOFFROY).

**ESPÉCIMES EXAMINADOS** — Além dos espécimes do lote tipo, tivemos oportunidade de examinar nove fêmeas e oito machos provenientes da localidade tipo e colecionados em hospedeiros desconhecidos em IX-1927 e X-1935; uma fêmea e um macho colecionados pelos Drs. P. C. AZEVEDO ANTUNES e OLIVEIRA CASTRO em Aracati, Ceará, Brasil, em 5-V-1938, em *Myotis albecens* (E. GEOFFROY).

**DESCRIÇÃO** — Fêmea (fig. 64).

**Cabeça** — Cabeça relativamente longa; vértice com dois pares de cerdas; um desses pares se localiza entre a base dos olhos; o outro, de cerdas maiores que o primeiro, na borda anterior da cabeça. De cada lado da cabeça, acompanhando sua borda anterior e a borda da região genal, encontra-se uma fileira de 7 cerdas pequenas; a penúltima cerda dessa fileira é maior que as outras. Cada região genal e pós-genal com 7/8 cerdas pequenas. De cada lado da região membranosa mediana encontra-se uma cerda longa. Palpos com cerca de 10 cerdas de diversos comprimentos sendo as apicais as mais longas. Olhos distintamente bifacetados; as facetas de tamanho desiguais.

**Tórax** — Cada ctenídeo torácico com cerca de 20 dentes. Mesonoto elevando-se posteriormente. Ventralmente o tórax é mais largo que longo; sua borda anterior é inteiramente arqueada, formando quase um semicírculo; borda posterior levemente reentrante. Patas relativamente fortes; tibias pouco dilatadas na porção distal.

**Abdômen** — Tergito basal em forma de cone truncado, mais largo que longo e com sinal nítido de separação mediana na metade distal; suas bordas laterais são bastante convergentes ao nível da metade basal, daí dirigem-se obliquamente para trás, quase em linha reta, até atingirem a borda posterior, que é levemente arredondada e reentrante no meio, ao nível da sutura mediana. Cerca de 16/17 cerdas, de comprimentos diversos e irregularmente distribuídas, se encontram de cada lado da linha mediana do tergito; as bordas laterais são acompanhadas por 4/5 cerdas de comprimento irregular e a borda posterior apresenta, de cada lado da linha de sutura, 3 ou 4 cerdas. Segundo tergito visível bem mais largo que longo, e apresentando a linha mediana de sutura, como o tergito basal, bastante nítida; a borda anterior deste tergito é largamente excavada ao nível da linha mediana e a posterior é reta, formando, lateralmente, com as bordas laterais, que também são retas, ângulos retos. Algumas cerdas curtas se localizam junto à borda anterior; de

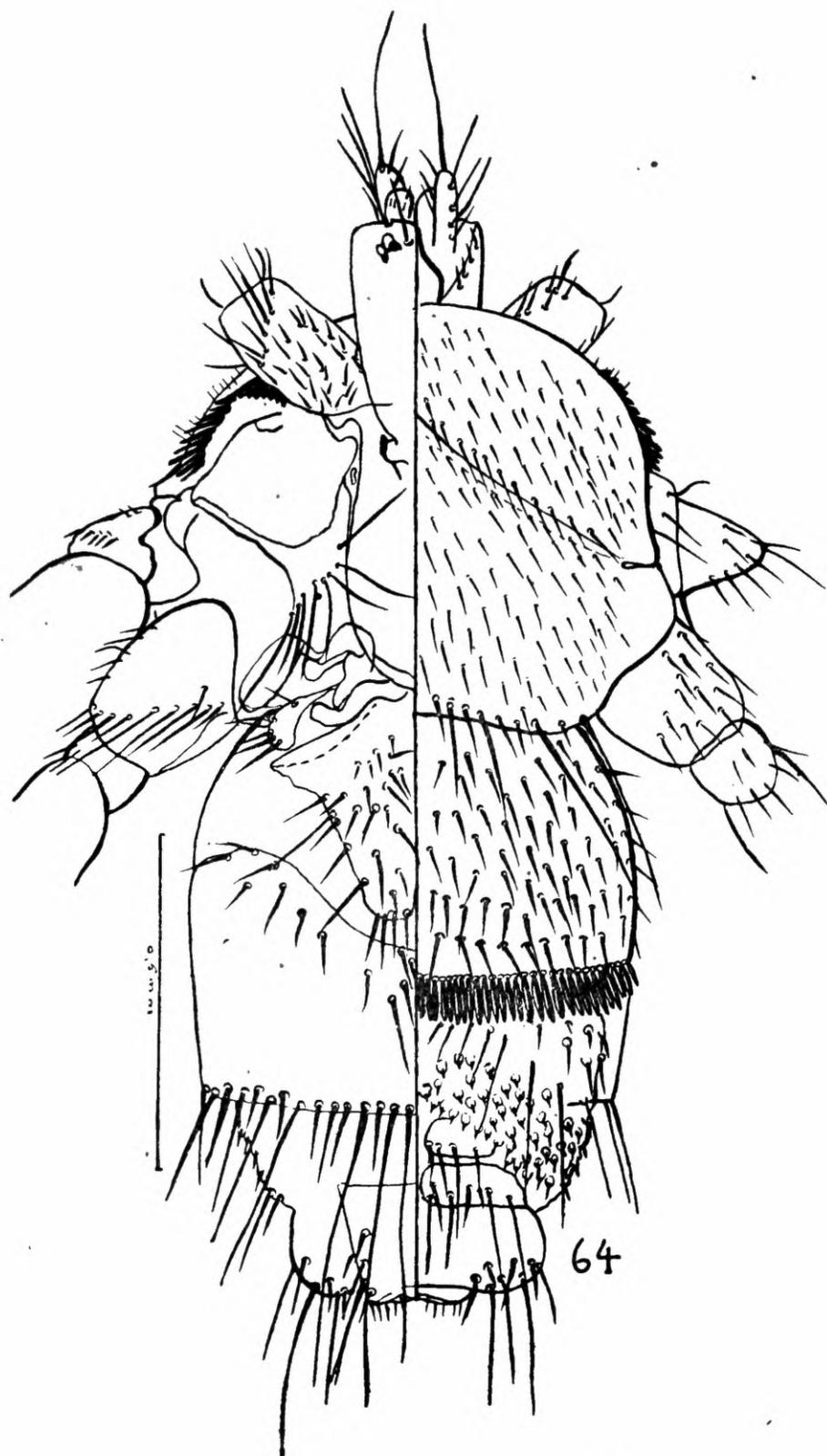
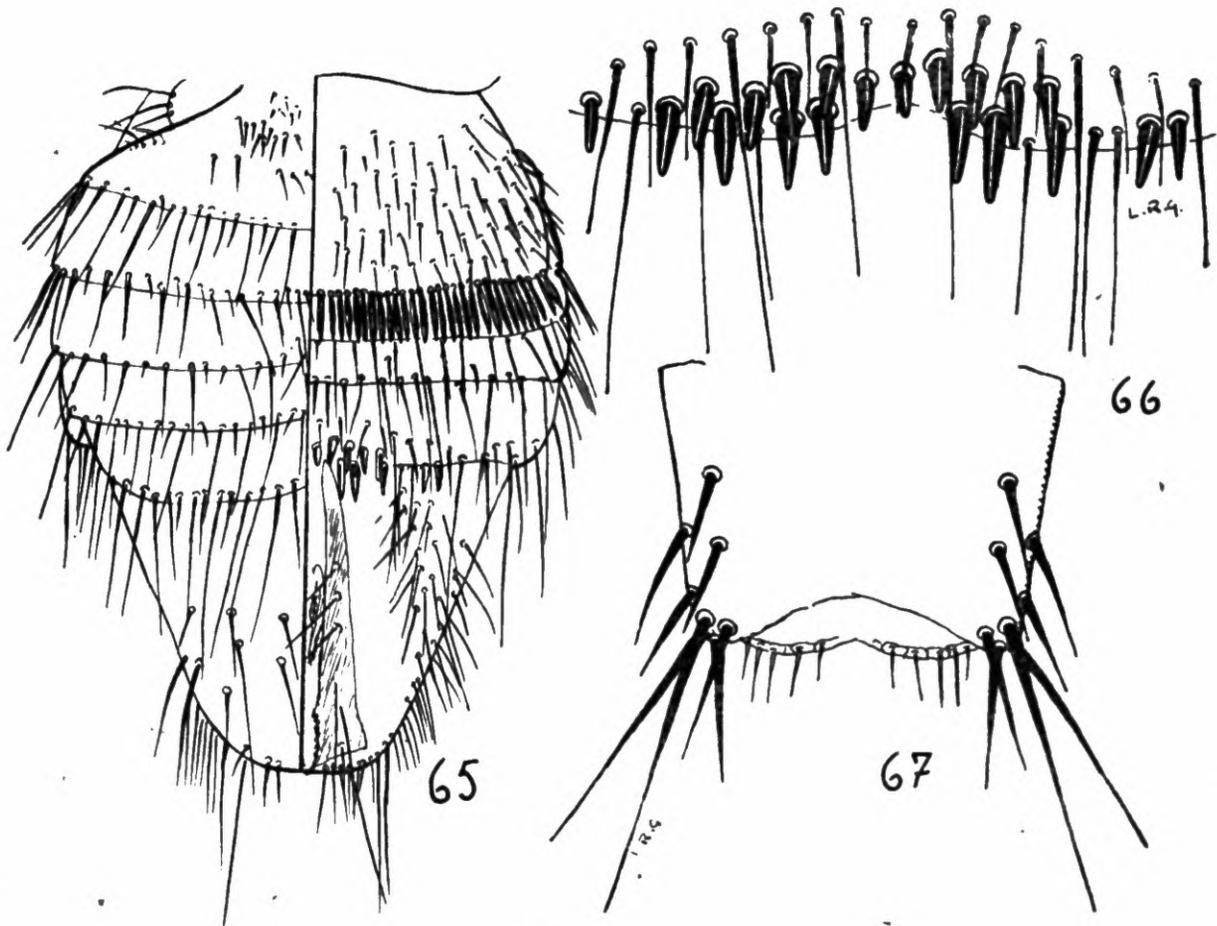


Fig. 64 *Basilia travassosi* ♀.

cada lado da sutura mediana encontram-se 6/7 cerdas mais fortes e acompanhando a borda posterior. numerosas cerdas fortes, algumas de comprimento bastante grande. O resto da superfície deste tergito é inteiramente glabro. Segmento anal com as bordas laterais pouco convergentes e a posterior levemente escavada. Acompanhando as bordas laterais encontram-se, de cada lado, 9/10 cerdas. O conexivo, na região ventral, apresenta-se quase que inteiramente glabro. Esternito basal relativamente grande, apresentando em sua su-



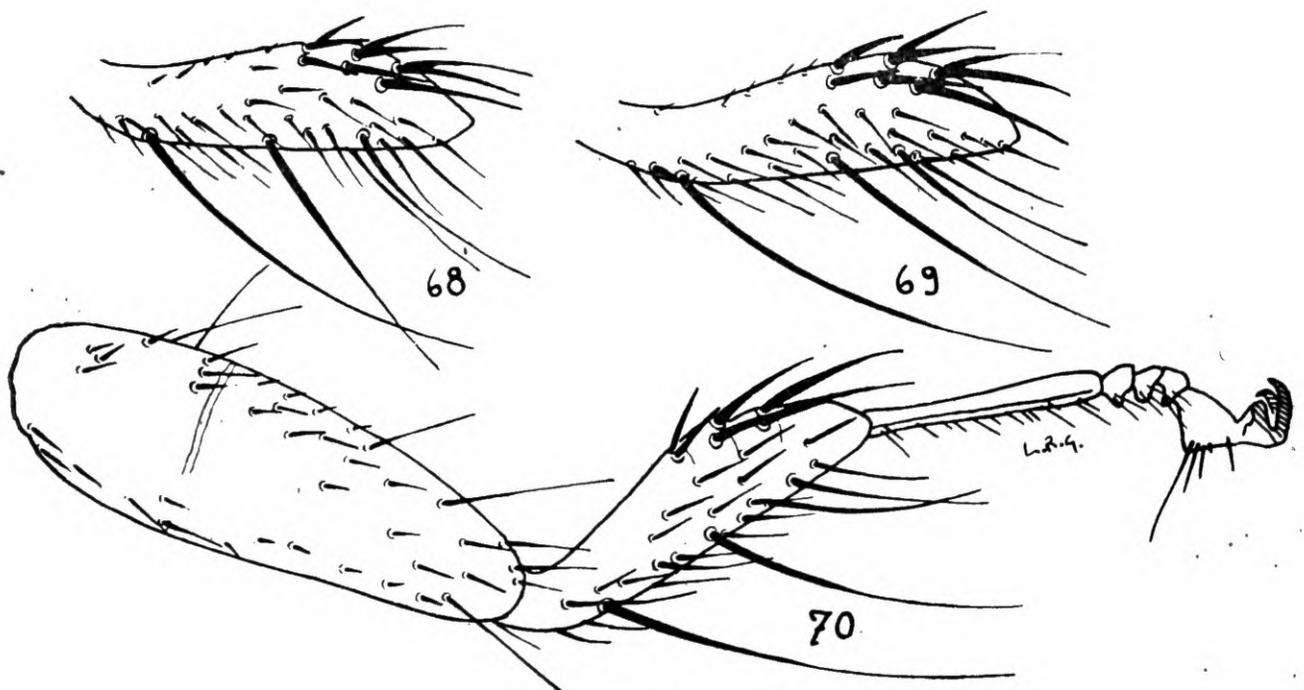
*Basilis travassosi*

Fig. 65 abdômen do ♂ — Fig. 66 borda posterior do 4.º esternito do abdômen do ♂.  
Fig. 67 segmento anal da ♀.

perficie numerosas cerdas e um ctenídeo de cêrca de 55 dentes na borda posterior. Posteriormente ao esternito basal reconhecem-se cinco segmentos. O primeiro, cuja maior parte está situada sob o esternito basal, é caracterizado pela fileira de cerdas de sua borda posterior; o segundo é inteiramente revestido por cerdas espiniformes pustuladas; os dois seguintes são representados por quatro placas mais esclerotizadas separadas na linha mediana, apresentando al-

gumas cerdas em suas superfícies; o segmento terminal, que apresenta contornos mais ou menos arredondados, mostra um tufo de cerdas de comprimentos desiguais, em cada ângulo látero-posterior.

*Macho* — O abdômen do macho tem a forma cônica, com a extremidade distal truncada. Dorsalmente reconhece-se sete segmentos. O tergito basal é pequeno e o seu limite com o segmento seguinte é apenas indicado por uma fileira de cerdas pequenas; algumas outras cerdas menores são ainda encontradas espalhadas sobre sua superfície. Segmentos 2-6 com a superfície glabra e apresentando em suas bordas posteriores uma fileira de cerdas grandes e pequenas; as cerdas da borda posterior do 6.º segmento são as mais longas. 7.º tergito glabro na porção basal, porém com diversas



*Basilis travassosi*

Fig. 68 tibia da pata anterior — Fig. 69 tibia da pata mediana — Fig. 70 pata posterior.

*Basilis flava*

cerdas, em fileiras irregulares, na metade distal e nas bordas. Esteronito basal muito mais curto que o da fêmea e apresentando cinco fileiras irregulares de cerdas curtas. Posteriormente a êsse, encontram-se quatro tergitos; os dois primeiros caracterizados pela fileira de cerdas junto à borda posterior; o seguinte por 20/21 cerdas espiniformes fortes e curtas além da fileira já encontrada nos segmentos anteriores, junto à borda posterior; o segmento terminal apresenta cerdas apenas lateralmente, sendo a região central, onde se localizam os claspers fortes e escuros, inteiramente glabra.

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total	1,700	1,650	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,320	0,320	da borda anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,650	0,650		0,870	0,850	medidas máximas da porção ventral
tergito basal	0,380		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda do tergito.	0,450		
2.º tergito	0,420					
esternito basal	0,470		da borda posterior do tórax à extremidade distal do ctenídeo.			

*Nota* — Esta é uma espécie que se caracteriza principalmente pelo pequeno tamanho, parecendo ser a menor espécie sulamericana, e pela forma do 2.º tergito visível. A largura deste tergito e a retidão de sua borda posterior tornam esta espécie inconfundível. *B. juquiensis*, sp. n. também apresenta a borda posterior do 2.º tergito visível. reta. Entretanto, o tergito é muito mais estreito que o de *B. travassosi*. O 1.º tergito visível de *B. travassosi* tem certa semelhança com o de *B. speiseri*. A quantidade e a disposição das cerdas disciais, porém, são inteiramente diferentes nas duas espécies. A diferença de forma do 1.º tergito visível, que se verifica entre o desenho apresentado na descrição do tipo e o que apresentamos agora, tem a mesma explicação dada para *B. m. plaumanni* e *B. carteri*.

O número de cerdas disciais desse tergito e o comprimento das cerdas de sua borda posterior variam nos diversos exemplares examinados. O exemplar desenhado pertence ao mesmo lote donde provém o exemplar tipo.

*Basilia flava* (Weyenbergh, 1881)

(Figs. 71 e 72)

*Nycteribia flava* WEYENBERGH, 1881. Ann. Soc. Cient. Argentina, Tomo XI, p. 194; FERRIS, Ent. News, vol. XXXV, p. 193.

*Nycteribia (Acrocholidia) flava* WEYENBERGH, SPEISER, 1901, Arch. fur Naturg., vol. 67, p. 662.

HOSPEDADOR TIPO — *Plecotus velatus* Geoff. (= *Histiotus velatus* (E. Geoffroy)).

HOSPEDADORES OUTROS — Não há.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — O exemplar tipo.

DESCRIÇÃO — Macho (fig. 71).

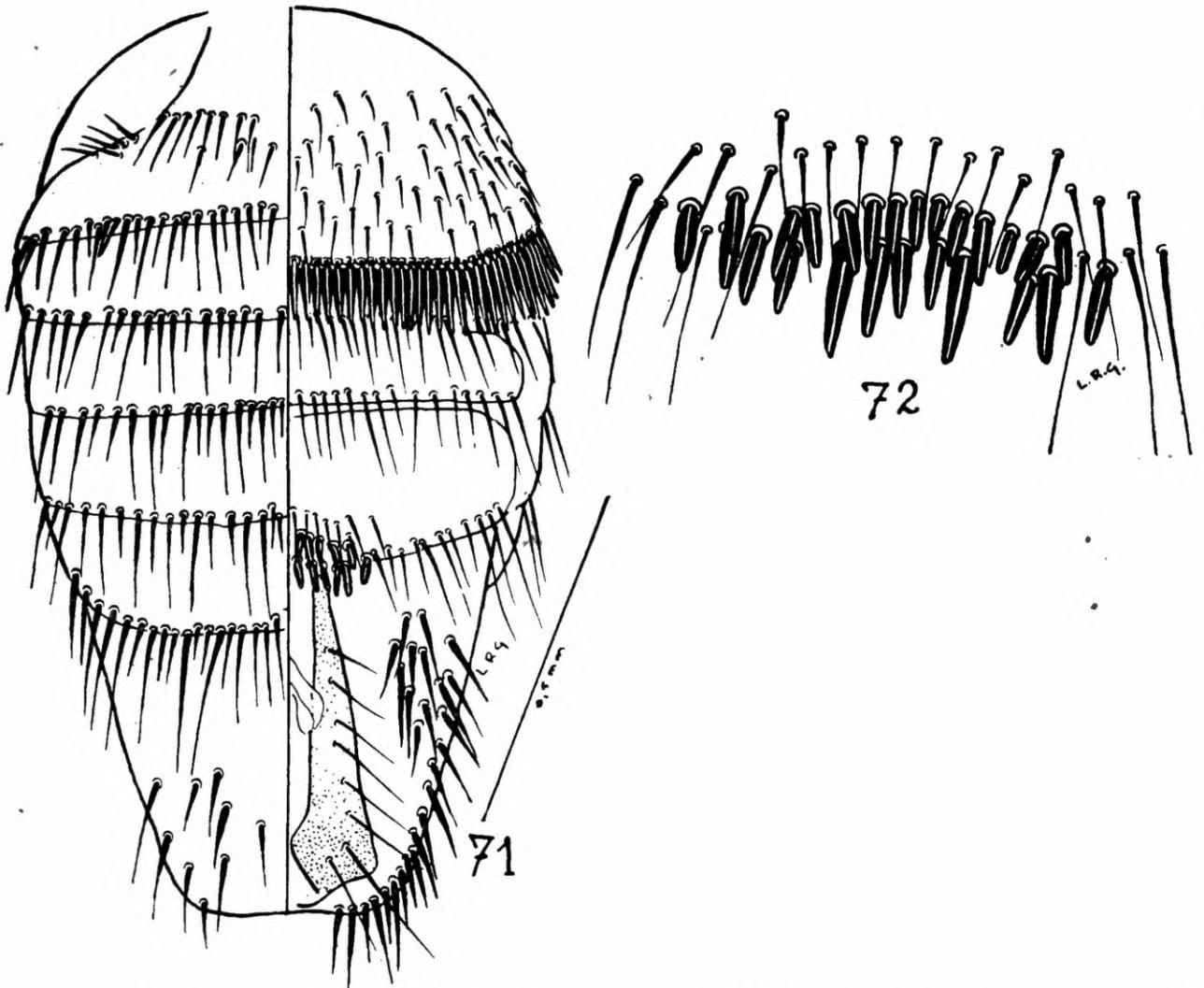


Fig. 71 abdômen do ♂ — Fig. 72 borda posterior do 4.º esternito do abdômen do ♂.

**Cabeça** — Vértice com sete cerdas entre os olhos, sendo três de um lado e quatro de outro, formando duas linhas divergentes; o par anterior dessas cerdas se localiza na borda anterior da cabeça. Cêrca de 4 cerdas acompanham cada lado da borda anterior da gena; 6/7 pequenas cerdas se localizam de cada lado da pós-gena. Palpos longos, com cêrca de 9 cerdas localizadas na superfície ventral; cerdas apiculares bastante longas. Olhos nitidamente bifacetados, porém inteiramente despigmentados.

**Tórax** — Ctenídeo torácico com cêrca de 26 dentes. Mesonoto elevado posteriormente. Cerdas da sutura dorso-pleural em número de 10. Ventralmente o tórax é mais largo que longo e apresenta sua borda anterior perfeitamente arredondada. Patas longas, principalmente os fêmures e as tíbias; as tíbias são pouco dilatadas e apresentam, na borda anterior, três fileiras transversais de cerdas, a primeira das quais se localiza cêrca da metade da tíbia.

**Abdômen** — Abdômen cônico truncado. Dorsalmente são reconhecíveis sete segmentos; o 1.º tergito é pequeno e indicado por uma fileira de cerdas curtas, de comprimentos iguais, na borda posterior; os tergitos 2.º a 6.º são bordejados, posteriormente, por uma fileira de cerdas longas, irregularmente intercaladas de cerdas curtas; borda posterior do 6.º tergito largamente arredondada; 7.º tergito longo, de bordas laterais levemente convergentes e borda posterior truncada; cêrca de 5/6 cerdas se localizam de cada lado da superfície dêste tergito, na sua metade distal. O esternito basal é curto e apresenta o ctenídeo da borda posterior com cêrca de 60 dentes. Os dois esternitos seguintes apresentam na borda posterior uma fileira de cerdas de comprimentos desiguais e poucas cerdas pequenas sôbre sua superfície; 4.º esternito com a borda posterior, levemente escavada ao nível da linha mediana, acompanhada por uma fileira de cerdas de comprimentos desiguais e de 22/23 cerdas espiniformes, curtas e grossas. Numerosas cerdas fortes se localizam de cada lado do esternito terminal. Claspers pouco esclerotizados e não atingindo a borda posterior do 4.º esternito.

#### MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento	observação	largura	observação
	♂		♂	
total	2,500	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.		
cabeça	0,400	da extremidade anterior do vértice ao occipício.		
tórax	0,920		1,150	medidas máximas da porção ventral.
abdômem	1,320			
esternito basal	0,420	da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.		

*Nota* — Infelizmente o único exemplar existente desta espécie é um macho, tornando, por isso, sumamente difícil, senão impossível, a sua caracterização específica. Esse exemplar, que nos foi enviado para estudo pela Universidade de Cordoba, estava montado em alfinete que também atravessava uma etiqueta verde com as seguintes indicações: Prov. Córdoba Wb. O Prof. MIGUEL FERNANDES, daquela Universidade argentina, nos informa que é esse o único exemplar de *Nycteribia flava* existente na coleção da Universidade, pelo que supomos ser esse material que serviu de base à descrição de WEYNBERGH. Esse exemplar foi, por nós devolvido à Universidade de Cordoba montado em bálsamo, entre lâmina e laminula.

Esta espécie foi descrita como pertencendo ao gênero *Nycteribia*, por WEYNBERGH. SPEISER, em 1901, a incluiu entre as espécies do subgênero *Acrocholidia*, de *Nycteribia*. FERRIS, em 1924, apenas baseado na informação de SPEISER, deixou-a em *Nycteribia*. A presença de duas facetas oculares não deixa dúvidas sobre sua inclusão no gênero *Basilis*. Sua semelhança com *Basilis mexicana* é muito grande.

A única diferença que encontramos entre o macho examinado e os machos de *Basilis mexicana*, repousa na disposição das cerdas espiniformes da borda posterior do 4.º esternito. Em *B. flava*, essas cerdas não são dispersas na borda do esternito, como em *B. mexicana*, conforme se pode verificar comparando as figuras das duas espécies.

#### *Basilis bellardii* (Rondani, 1878)

(Figs. 73 a 80)

*Nycteribia bellardii* RONDANI, 1878, Ann. del Mus. Cic. di St. Nat. di Genova, vol. XII, 29-30 Marzo, p. 152; FERRIS, 1924, Ent. News, vol. XXXV, p. 192.

*Nycteribia (Acrocholidia) bellardii* RONDANI, SPEISER, 1901, Archiv. fur Naturg., vol. 67 (1), p. 46.

*Basilis bellardii* (RONDANI), SCHUURMANS STERKHOVEN, 1931, Zeit. fur Parasitenkund, vol. III, p. 207, 6 figs.; HASE, 1931, Zeit. fur Parasitenkund, vol. III, p. 220; SCOTT, 1936, The Linnean Soc. Jour., Zoology, vol. XXXIX (N.º 267), p. 496.

HOSPEDADOR TIPO — Desconhecido.

HOSPEDADORES OUTROS — *Phyllostomus* sp. proveniente do Brasil (v. OLFERS col.), *Myotis* sp. proveniente de Puerto La Cruz, Venezuela e *Artibeus jamaicensis lituratus* (LICHT.), de Cantareira, S. Paulo, Estado de S. Paulo.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Duas fêmeas e um macho colecionados em *Artibeus jamaicensis lituratus* (LICHT.) por GUIMARÃES & TRAVASSOS, em Cantareira, S. Paulo, Estado de São Paulo, em 8-XII-940.

**DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 73)**

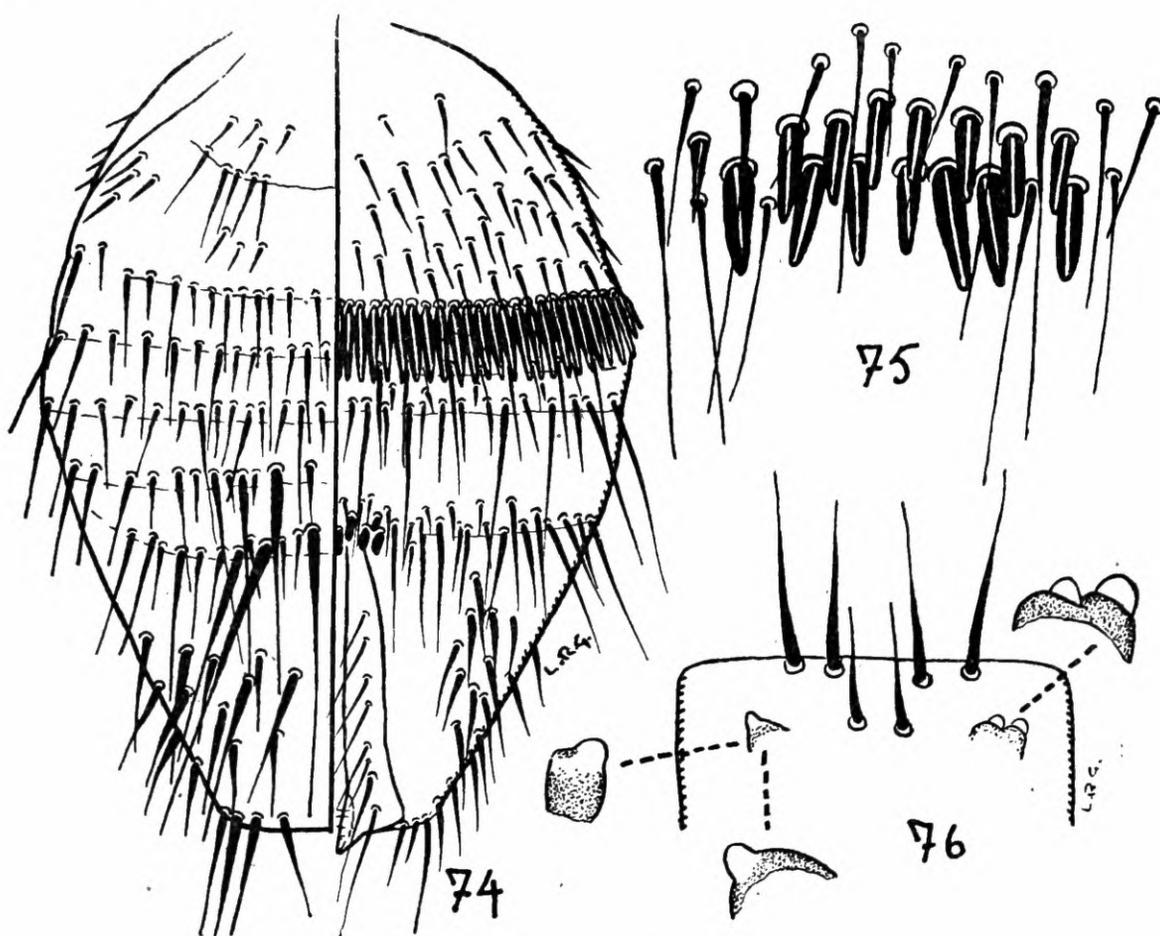
*Cabeça* — Vértice com três pares de cerdas, sendo um, de cerdas pequenas, entre as bases dos olhos e os outros dois, de cerdas maiores porém de comprimento subiguais, junto à borda anterior



Fig. 73 *Basilia bellardii* ♀.

do vértice; seis ou sete cerdas pequenas acompanham a borda externa da gena; de cada lado da região membranosa mediana encontra-se uma cerda maior. Distribuídas irregularmente sobre cada lado da pós-gena, encontram-se 4/5 cerdas pequenas. Palpos com cerca de 9/10 cerdas de comprimento desiguais sobre as bordas laterais da região ventral; as cerdas apiculares são as mais longas. Olhos muito pequenos e pouco pigmentados; o exemplar descrito apresenta o olho esquerdo unifacetado.

*Tórax* — Ctenideo torácico com 18/19 dentes fortes. Mesonoto elevando-se posteriormente. Ventralmente o tórax é mais largo que longo; sua borda anterior é arqueada e a posterior levemente reentrante. Patas fortes; tíbias curtas e dilatadas na metade distal; faixas anulares pouco visíveis.

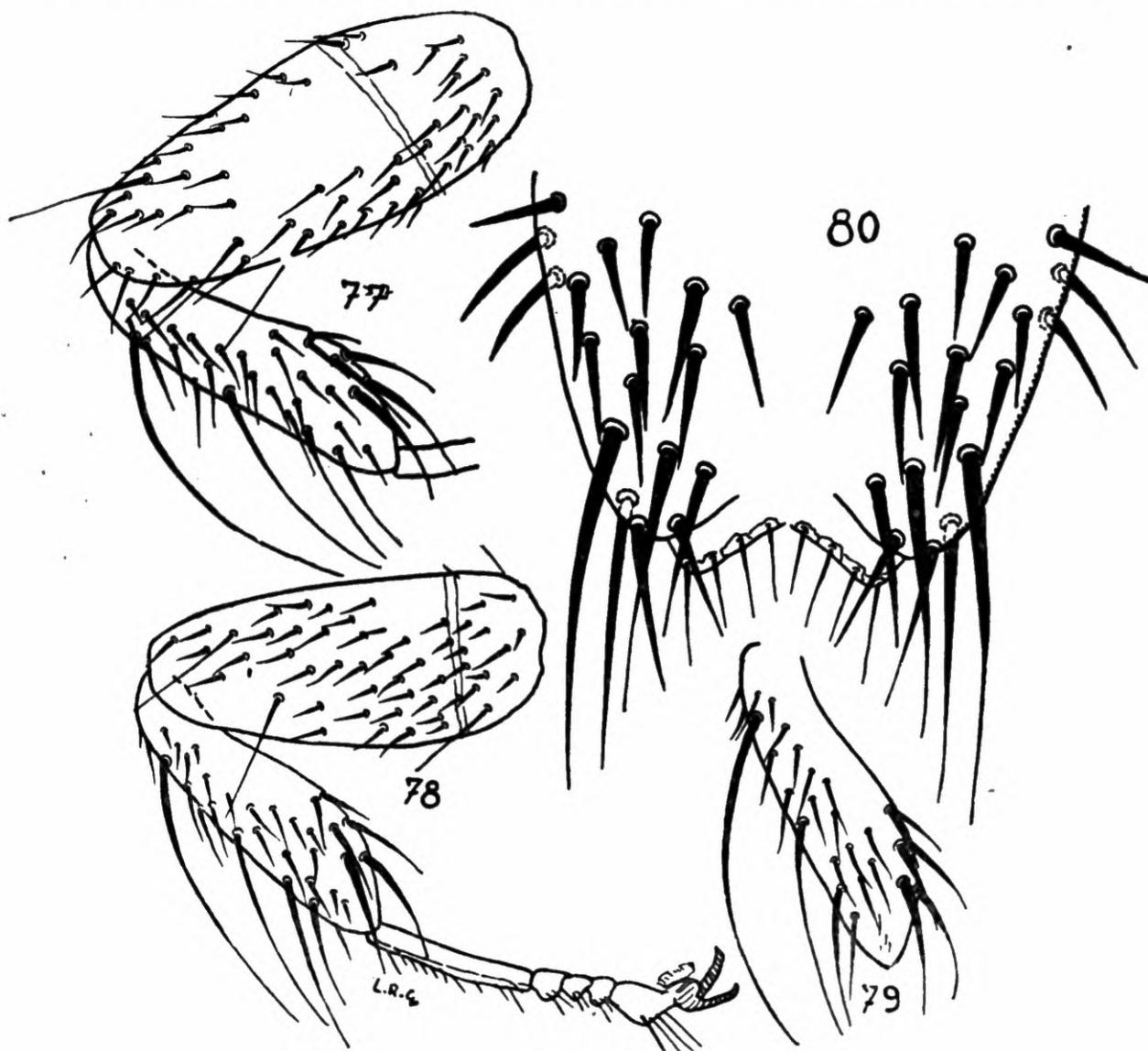


*Basilia bellardii*

Fig. 74 abdômen do ♂ — Fig. 75 borda posterior do 4.º esternito do abdômen do ♂.  
Fig. 76 região anterior da cabeça da ♀.

*Abdômen* — Tergito basal mais largo que longo, de forma cônica; seus ângulos látero-anteriores se projetam lateralmente; suas bordas laterais são convergentes e sinuosas e se continuam ininter-

ruptamente com as posteriores, que são arredondadas; cerca de 30 cerdas de tamanhos desiguais, mas cujo comprimento vai aumentando gradativamente à medida que se aproximam da borda externa do tergito. se localizam de cada lado da linha mediana; esta é parcialmente indicada por um sinal de sutura que se torna mais conspicuo na porção terminal. Cerca de 9/10 cerdas de diversos comprimentos se encontram de cada lado, nas bordas laterais e pos-



*Basília bellardii*

Fig. 77 fêmur e tíbia da pata mediana — Fig. 78 pata anterior — Fig. 79 tíbia da pata posterior — Fig. 80 segmento anal da ♀.

teriores; as que se localizam na região das bordas posteriores são as mais longas. Uma faixa mais escura que o tegumento do tergito acompanha a borda posterior e parte das bordas laterais. Segundo tergito visível pouco mais largo que longo, de bordas arredondadas e, como o tergito basal, apresentando o sinal de sutura longitudinal ao

longo da linha mediana. As bordas laterais são convergentes posteriormente, formando uma linha contínua, arredondada, com as bordas posteriores, que são reintrantes ao nível da linha mediana; as bordas anteriores apresentam-se profundamente excavadas. De cada lado dêsse tergito, espalhadas sôbre sua superfície, encontram-se numerosas cerdas (32 de um lado e 27 de outro) e acompanhando parte das bordas laterais e tôda borda posterior, encontram-se cêrca de 10/13 cerdas longas intercaladas por cerdas mais curtas e fortes. Tergito anal relativamente grande, de bordas laterais levemente arredondadas e tendo de cada lado da linha mediana algumas cerdas dispostas em 4 ou 5 fileiras irregulares, além de outras, mais finas, junto às bordas. O conexivo lateral é parcialmente recoberto por cerdas espiniformes pustuladas. Esternito basal com cêrca de 56/57 dentes fortes no ctenídeo da borda posterior. Posteriormente a êsse esternito são reconhecíveis cinco segmentos. O primeiro dêles, em grande parte escondido sob o esternito basal, é recoberto por cerdas pustuladas e apresenta uma fileira de cerdas grandes acompanhando a borda posterior. O segmento que o segue tem as mesmas características porém as cerdas pustuladas são em muito menor número; os dois seguintes são representados por dois pares de placas mais esclerotizadas, separadas ao nível da linha mediana e apresentando duas fileiras irregulares de cerdas cada uma; o segmento terminal apresenta três fileiras irregulares de cerdas além de cêrca de 12 cerdas maiores acompanhando a borda posterior.

*Macho* — O único macho que possuímos apresenta dois pares de cerdas entre as bases dos olhos em vez de um só par como na fêmea. O abdômen é curto, oboval, com a extremidade posterior truncada. O primeiro segmento apresenta algumas cerdas pequenas espalhadas sôbre sua superfície e uma fileira de cerdas maiores acompanhando sua borda posterior; os segmentos 2 a 6 apresentam uma fileira de cerdas longas e curtas acompanhando sua borda posterior; as cerdas medianas das fileiras dos segmentos 5 e 6 são bastante fortes e longas; o segmento terminal apresenta cerdas apenas na sua metade distal. O esternito basal apresenta-se mais curto que o da fêmea, porém os dentes do ctenídeo da borda posterior são mais fortes. Cada um dos três esternitos seguintes apresenta duas fileiras irregulares de cerdas junto à borda posterior; o 4.º esternito além das fileiras já assinaladas apresenta cêrca de 15 cerdas espiniformes ao nível da linha mediana. Os claspers atingem, em seu comprimento, a borda posterior do 4.º esternito.

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total	1,980	1,800	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,350	0,350	da borda anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,700	0,660		0,870	0,800	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,430		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,580		
2.º tergito	0,650			0,770		
esternito basal	0,570	0,370	da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.			

*Nota* — E' com muita reserva que identificamos nossos exemplares com a espécie de RONDANI. A descrição original e as redescrições de SPEISER e SCHUURMANS STERKHOVEN JR. são bastante incompletas e as diversas estruturas muito mal caracterizadas. Ainda mais, SPEISER não examinou o material descrito por RONDANI e SCHUURMANS STERKHOVEN JR. identificou seus exemplares como *B. bellardii* baseado na comparação feita por ENDERLEIN. com material de SPEISER.

*Basilia speiseri* (Miranda Ribeiro, 1907)

(Figs. 1 a 11 e 81 a 88)

*Pseudelytomya speiseri* MIRANDA RIBEIRO, 1907, Arch. do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, vol. XIV, p. 233, Est. XXIII e Est. XXIV, figs. 2, 3 e 4.

*Basilia speiseri* (MIRANDA RIBEIRO). CURRAN, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 765, p. 4; SCOTT, 1936, The Linn. Soc. Jour., vol. XXXIX (n.º 267), p. 497.

**HOSPEDADOR TIPO** — *Atalapha frantzii* DOBSON (= *Lasiurus borealis mexicanus* (SAUSSURE, 1861)), proveniente da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, Brasil.

**HOSPEDADORES OUTROS** — *Myotis n. nigricans* (WIED), do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro e de Juquiá, Estado

de S. Paulo; e *Hemiderma perspicillatum* (L.), proveniente de Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Um casal, proveniente do lote tipo (cótipos). Uma fêmea colecionada em *Myotis n. nigricans*, em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, pelo Prof. LAURO TRAVASSOS em 19-3-918; duas fêmeas colecionadas em hospedeiro idêntico pelo Prof. LAURO TRAVASSOS, no Rio de Janeiro, em 8-1-922; três fêmeas e um macho com a mesma procedência e o mesmo colecionador em 5-1-921; duas fêmeas e seis machos colecionados em hospedeiro indeterminado, pelo Prof. MELLO LEITÃO, em São Paulo; uma fêmea colecionada por E. GARBE em *Hemiderma perspicillatum* (L.), em Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro, em X-1905; oito fêmeas e seis machos colecionados em hospedeiros indeterminados pelo Prof. LAURO TRAVASSOS, em Angra dos Reis, em 1931; três fêmeas e dois machos colecionados pelo Prof. LAURO TRAVASSOS (sem hospedeiro e procedência); duas fêmeas colecionadas em hospedeiro indeterminado, pelo Snr. JOÃO LANE, em Juquiá, Estado de S. Paulo, Brasil, em I-1922; uma fêmea colecionada em *Myotis n. nigricans* pelo Dr. LAURO TRAVASSOS FILHO, em Cabeça da Anta (Juquiá), Estado de S. Paulo, em 1-II-1940.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 81).

*Cabeça* — Vértice com três pares de cerdas, sendo um entre as bases dos olhos e os dois restantes junto à borda anterior da cabeça; as cerdas mais externas desses dois pares são as maiores; sete ou oito cerdas pequenas acompanham a borda externa da gena; uma cerda maior é encontrada de cada lado da região membranosas mediana. Distribuídas sobre a pós-gena, encontram-se algumas cerdas pequenas. Palpos com cerca de 9-10 cerdas de comprimento desiguais sobre as bordas laterais da superfície ventral; as cerdas apiculares são as mais longas. Olhos nitidamente bifacetados. Lábio com a teca longa e piriforme.

*Tórax* — Ctenídeo torácico com 19/20 dentes. Mesonoto elevando-se posteriormente. Ventralmente o tórax é mais largo que longo; sua borda anterior é arqueada e a posterior reintrante. Patas fortes; tíbias relativamente curtas e um tanto dilatadas na metade apicular; faixas anulares pouco perceptíveis. Algumas cerdas longas se localizam na borda anterior da tíbia.

*Abdômen* — Tergito basal mais largo que longo; suas bordas laterais são convexas e as posteriores arredondadas; um sinal de sutura bastante nítido acompanha grande parte de sua linha media-

na. De cada lado dêsse sinal e espalhadas sôbre a superfície do tergito, encontram-se 20/23 cerdas de comprimentos desiguais; poucas cerdas de comprimento superior às da superfície do tergito acompanham suas bordas laterais; na borda posterior encontram-

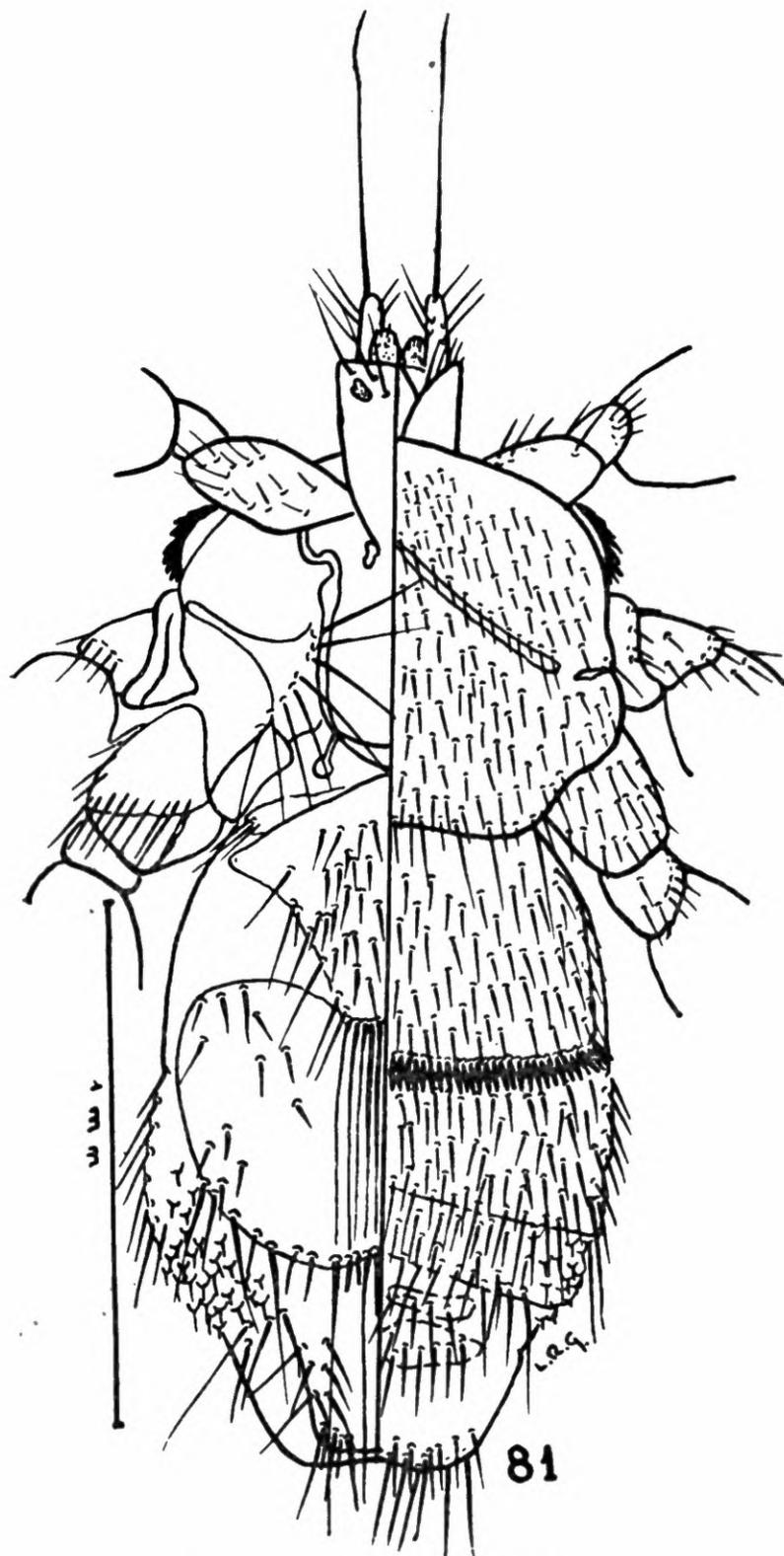
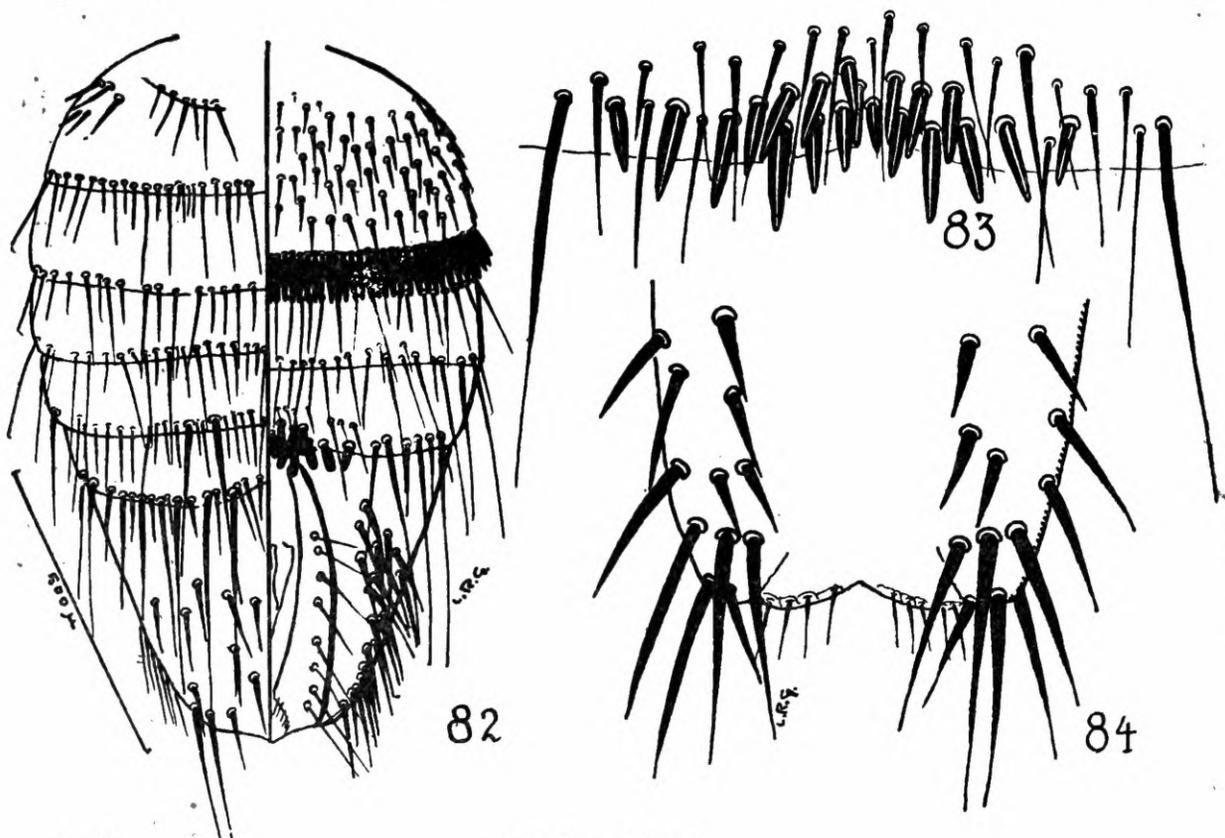


Fig. 81 *Basilia speiseri* ♀.

se 10/12 cerdas longas e divididas em dois grupos pela reintrância mediana dessa borda. Segundo tergito visível mais largo que longo, de bordas arredondadas e apresentando, como o tergito basal, uma sutura ao nível da linha mediana. As bordas laterais, que formam uma linha contínua, arredondada, com as posteriores, apresentam-se glabras na sua maior extensão. Acompanhando parte das bordas laterais e toda a borda posterior encontram-se, de cada lado da linha mediana, 12/13 cerdas de comprimentos diversos, sendo algumas muito longas; ainda de cada lado da linha mediana desse tergito encontram-se 7/10 cerdas pequenas; a região mediana do tergito é inteiramente glabra. Tergito anal relativamente pequeno,



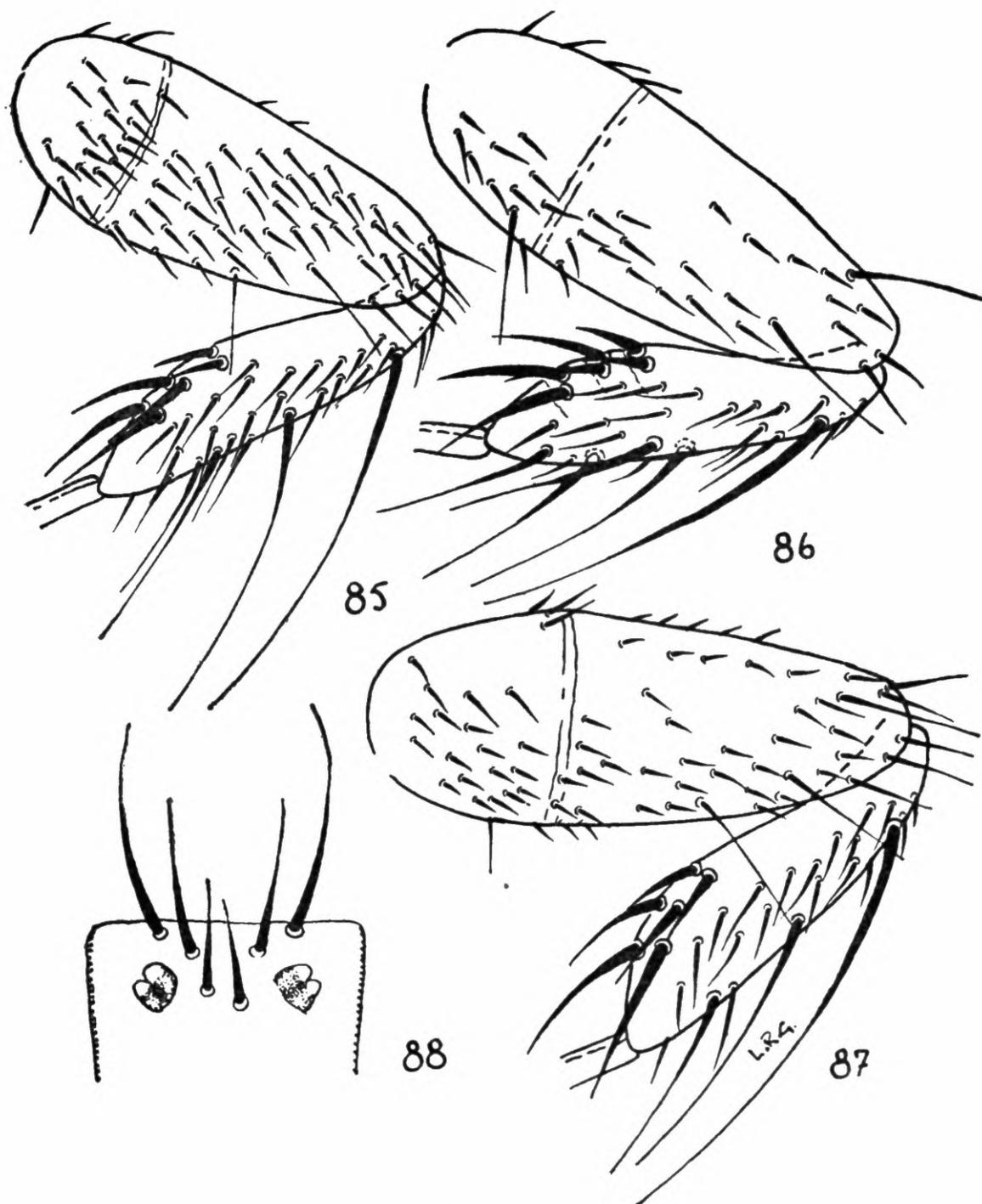
*Basilia speiseri*

Fig. 82 abdômen do ♂ — Fig. 83 borda posterior do 4.º esternito do abdômen do ♂.

Fig. 84 segmento anal da ♀.

de bordas laterais apenas convergentes e apresentando junto a estas cerca de 13 cerdas dispostas em cinco fileiras, sendo as duas anteriores de duas cerdas e as três últimas de três cerdas cada uma; borda posterior levemente reintrante. O conexivo é recoberto por cerdas espiniformes pustuladas, tendo lateralmente algumas cerdas grandes e junto à base do tergito anal, outras menores. Esternito basal com cerca de 60/62 dentes no ctenideo da borda distal. Posteriormente a êsse esternito, encontram-se cinco segmentos. O primeiro apresenta diversas fileiras de cerdas pustuladas, mais longas.

que a do conexivo dorsal, e uma fileira de cerdas longas na borda posterior; o segundo apresenta duas ou três fileiras de cerdas pustuladas iguais às do primeiro segmento, uma fileira de cerdas maiores na borda posterior e lateralmente, numerosas cerdas espiniformes pustuladas iguais às do conexivo dorsal; os dois segmentos seguintes são representados por dois pares de placas mais escleroti-



*Basilia speiseri*

Fig. 85 fêmur e tíbia da pata anterior — Fig. 86 fêmur e tíbia da pata posterior.  
Fig. 87 fêmur e tíbia da pata mediana — Fig. 88 região anterior da cabeça.

zadas, separadas ao nível da linha mediana, tendo o primeiro uma e o segundo duas fileiras irregulares de cerdas. De cada lado da borda posterior do abdômen, encontra-se um tufo de 10/12 cerdas de comprimentos diversos.

*Macho* — Abdômen conforme. Dorsalmente são reconhecíveis sete segmentos. O primeiro segmento é curto, apresenta algumas cerdas pequenas espalhadas sobre sua superfície e o seu limite com o segmento seguinte é assinalado por uma fileira de cerdas maiores; o segundo é mais longo e apresenta uma fileira de cerdas curtas e longas em sua borda posterior além de 3/4 cerdas pequenas próximo às bordas laterais; segmentos 3 a 6 de comprimentos subiguais e apresentando uma fileira de cerdas curtas e longas nas bordas posteriores; segmento terminal apresentando cerdas apenas na metade distal. Ventralmente são reconhecíveis apenas cinco segmentos; o esternito basal é mais estreito que o da fêmea e apresenta 52/53 dentes no ctenídeo da borda posterior; os três esternitos seguintes apresentam, cada um, duas fileiras irregulares de cerdas nas bordas posteriores, sendo que o quarto apresenta, além dessas fileiras, cerca de 17 cerdas espiniformes junto da linha mediana. Os claspers são relativamente curtos, pois não atingem a borda posterior do quarto esternito.

#### MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento		observação	largura		observação
	♀	♂		♀	♂	
total	2,200	2,250	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.			
cabeça	0,350	0,350	da borda anterior do vértice ao occipício.			
tórax	0,710	0,720		0,910	0,900	medidas máximas da porção ventral.
térgito basal	0,450		da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do térgito.	0,550		
2.º térgito esternito basal	0,490 0,480		da borda posterior do tórax à borda posterior do ctenídeo.	0,700		

*Nota* — Pertence esta espécie ao grupo das que apresentam o segundo térgito visível de bordas arredondadas. Juntamente com *fer-*

*risi*, *currani* e *dunni* formam um grupo mais ou menos homogêneo, principalmente pela forma do 1.º e 2.º téguitos visíveis. Todas as quatro espécies apresentam o primeiro téguito visível de forma mais ou menos cônica e a borda posterior arredondada ou subtruncada, com uma pequena reintrância ao nível da linha mediana e bordada por cerdas longas. Em *B. dunni* essas cerdas são mais numerosas (oito ou nove pares) que em *B. speiseri* e *B. ferrisi* (5/6 pares); as cerdas disciais desse téguito são também mais numerosas e mais longas nas duas primeiras espécies; *B. speiseri* apresenta o téguito anal de bordas laterais subparalelas, enquanto que em *B. currani* e *B. dunni* as bordas laterais do téguito anal são bastante convergentes. O 2.º téguito visível de *B. speiseri* é ornamentado com algumas cerdas disciais, enquanto que em *B. ferrisi* a superfície desse téguito é inteiramente glabra.

*Basilia juquiensis*, sp. n.

(Figs. 89 a 93)

HOSPEDADOR TIPO — *Myotis nigricans nigricans* (WIED).

HOSPEDADORES OUTROS — Não há.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Uma fêmea colecionada em 22-11-941 no hospedador tipo pelo Dr. LAURO TRAVASSOS FILHO, em Juquiá, Estado de São Paulo, Brasil.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 89).

*Cabeça* — Vértice apresentando três pares de cerdas; um desses pares está situado posteriormente à base dos olhos, os outros dois se situam junto à borda anterior da cabeça. Borda anterior da gena acompanhada por sete ou oito cerdas curtas. Pós-gena apresentando algumas cerdas curtas espalhadas em sua superfície. Palpos curtos, com cerca de 10/11 cerdas implantadas nas bordas laterais de sua superfície ventral; as cerdas apiculares são as mais longas. Olhos nitidamente bifacetados e deslocados para a porção anterior da cabeça. Teca do lábio piriforme, com a borda proximal apresentando uma pequena escavação ao nível da linha mediana; labela muito curta.

*Tórax* — Ctenideo torácico com 18 dentes grandes. Mesonoto elevado posteriormente. Ventralmente o tórax é pouco mais largo que longo; sua borda anterior é bastante arqueada; borda posterior apenas levemente reintrante. A sutura meso-metasternal é larga e

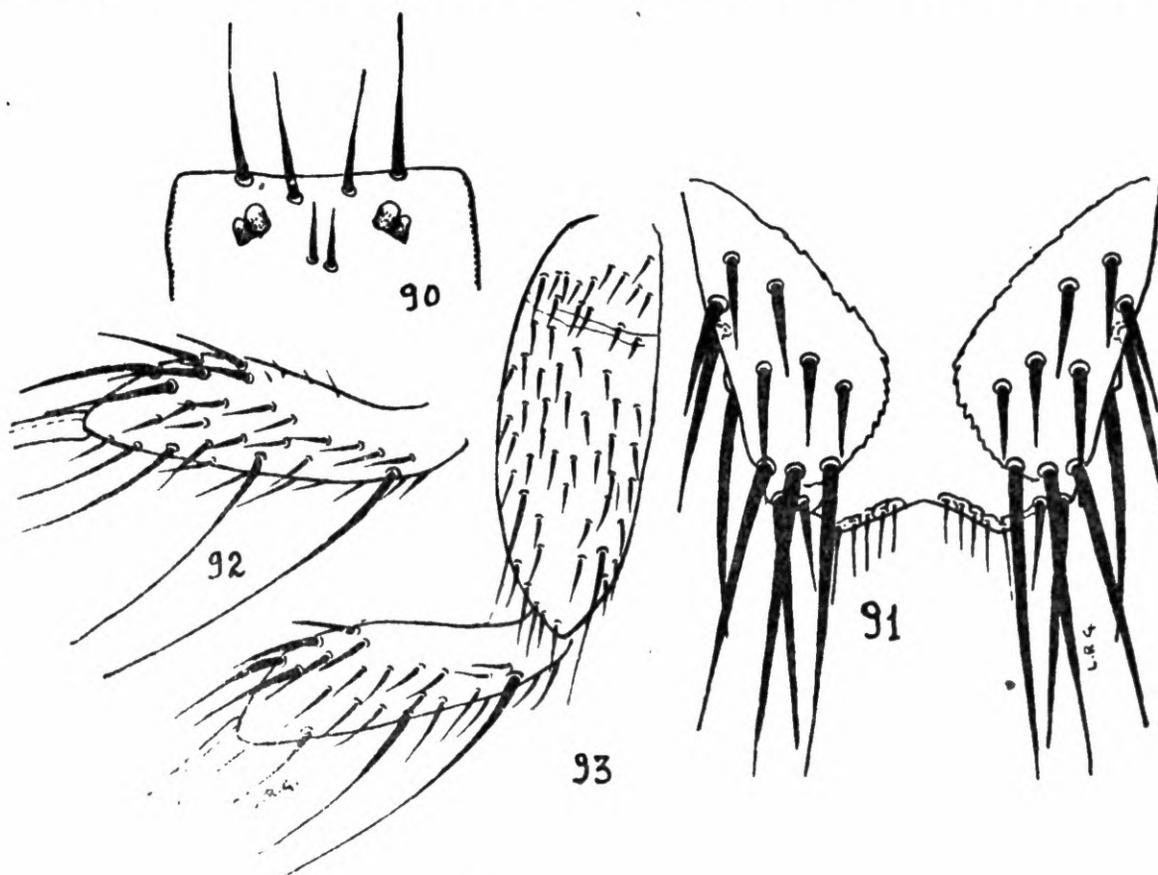
bem visível. As patas são relativamente curtas, principalmente as tíbias, que se apresentam dilatadas na metade distal; algumas cerdas longas, uma das quais é mais longa que a própria tíbia, se lo-



Fig. 89 *Basilia juquiensis*, n. sp. ♂.

calizam na sua borda posterior. As faixas anulares são apenas perceptíveis.

**Abdômen** — Tergito basal mais largo que longo, de bordas laterais e posteriores arredondadas e dividido ao meio na maior parte de sua extensão. Sua superfície apresenta, de cada lado da linha mediana e junto a esta, poucas cerdas pequenas e a borda posterior, também de cada lado da linha mediana, apresenta cêrca de 10 cerdas de comprimentos diversos. O resto do tergito é inteiramente glabro. Uma zona mais escura divide ao meio cada metade



*Basilia juquiensis*, n. sp.

Fig. 90 região anterior da cabeça — Fig. 91 segmento anal — Fig. 92 tíbia da pata mediana — Fig. 93 Fêmur e tíbia da pata anterior.

lateral do tergito. Segundo tergito visível pequeno, mais longo que largo e com um sinal, bastante, conspícuo, da sutura mediana; bordas laterais e posteriores quase retas; as bordas anteriores são arredondadas e profundamente reentrantes ao nível da linha mediana. Tôda a borda posterior é acompanhada por cerdas fortes de comprimentos diversos; as laterais são inteiramente glabras, com exceção da porção mais distal que apresenta 2 ou 3 cerdas pequenas; um grupo de 5/7 cerdas longas e finas é encontrado, de cada lado, junto à borda anterior e outro, de 3/4 cerdas menores, de cada lado da sutura mediana. Segmento anal relativamente grande,

de bordas laterais levemente convergentes; cêrca de 9/10 cerdas de comprimentos diversos se localizam sôbre cada lado dêste tergito. O conexivo é lateralmente recoberto por cerdas pustuladas, porém de comprimento médio e não espiniformes como nas outras espécies. Esternito basal relativamente grande e apresentando o ctenídeo de sua borda livre com 60/62 dentes. Posteriormente a êste esternito nota-se 4 segmentos. O primeiro dêles, revestido por cerdas pustuladas como do conexivo dorsal, esconde-se sôbre o esternito basal e apresenta, na borda posterior, uma fileira de cerdas grandes. Os dois seguintes são divididos ao nível da linha mediana e apresentam respectivamente, três e uma fileiras de cerdas. O segmento terminal é glabro na metade basal; a metade distal apresenta algumas cerdas em duas fileiras irregulares, além de outras poucas que bordejam o segmento. A borda posterior dêsse segmento é quase reta.

#### MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento	observação	largura	observação
	♀		♀	
total	2,000	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.		
cabeça	0,350	da borda anterior do vértice ao occipício.		
tórax	0,700		0,800	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,320	da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	0,500	
2.º tergito	0,590		0,500	
esternito basal	0,580	da borda posterior do tórax à extremidade dos dentes do ctenídeo.		

HOLÓTIPO — Fêmea sob n.º 45.681, nas coleções de Insetos do Departamento de Zoologia.

DISCUSSÃO TAXINÔMICA — Esta espécie diferencia-se de tôdas as outras do gênero pela forma do 1.º tergito visível. A forma do 2.º tergito visível aproxima-a de *B. travassosi*. Em *B. juquiensis*, n. sp.,

porém, esse tergito é muito menor, há uma reintrância ao nível da linha mediana da borda posterior e as cerdas disciais apresentam disposições diferentes. Os tergitos anais também são bem diferentes como se pode verificar pelas figs. 67 e 91. As cerdas pustuladas do conexivo do abdômen são longas enquanto que em *B. travassosi*, essas cerdas são curtas.

*Basilis hughscotti*, sp. n.

(Figs. 94 a 97)

HOSPEDADOR TIPO — *Chrotopterus auritus australis* (THOMAS).

HOSPEDADORES OUTROS — Não há.

ESPÉCIMES EXAMINADOS — Uma fêmea colecionada em 1904 no hospedador tipo por ENSLEN, em S. Lourenço, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

DESCRIÇÃO — Fêmea (fig. 94).

*Cabeça* — Relativamente curta e situada quase no meio da superfície dorsal do tórax, logo atrás dos estigmas mesotorácicos. Vértice com sete ou oito cerdas entre a base dos olhos e seis outras maiores, formando duas linhas divergentes de três cerdas cada uma, entre os olhos e a margem anterior da cabeça; nove ou 10 cerdas acompanham cada lado da borda anterior da gena. Palpos longos, com 10/11 cerdas bordejando a superfície ventral e apresentando duas cerdas longas na porção apicular. Lábio apresentando a teca piriforme e a labela muito curta. Olhos nitidamente bifacetados e pigmentados.

*Tórax* — Ctenideo com 14/15 dentes. Mesonoto largo e bastante elevado posteriormente. Ventralmente o tórax apresenta-se muito mais largo que longo, aproximadamente, na proporção de 3/2; sua borda anterior é pouco arqueada; a posterior é quase reta. A sutura mediana, como aliás, tôdas as suturas do tórax são bastante pigmentadas, principalmente ao nível de sua extremidade posterior. Patas fortes e bastante desenvolvidas, principalmente os fêmures. As tíbias apresentam-se apenas levemente dilatadas na porção distal. No único espécime que temos em mãos as faixas anulares são inteiramente imperceptíveis.

*Abdômen* — Tergito basal grande, mais largo que longo, com a borda externa arredondada e apresentando uma profunda reintrância ao nível da linha mediana, dando a impressão que é for-

mado por dois lobos fundidos na metade basal. Sua superfície é recoberta por numerosas cerdas cujo comprimento aumenta gradativamente à medida que se aproximam da borda externa. Esta

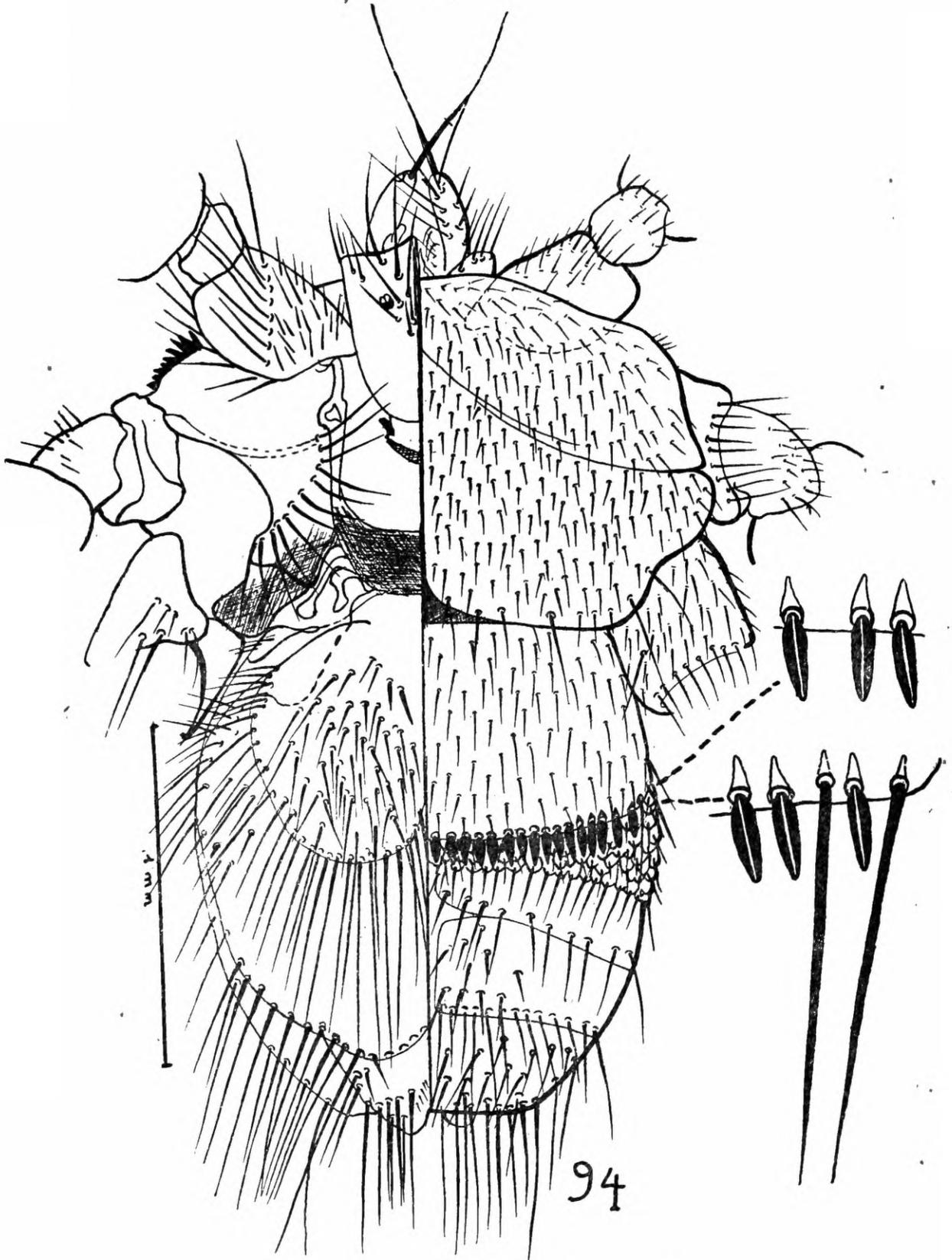
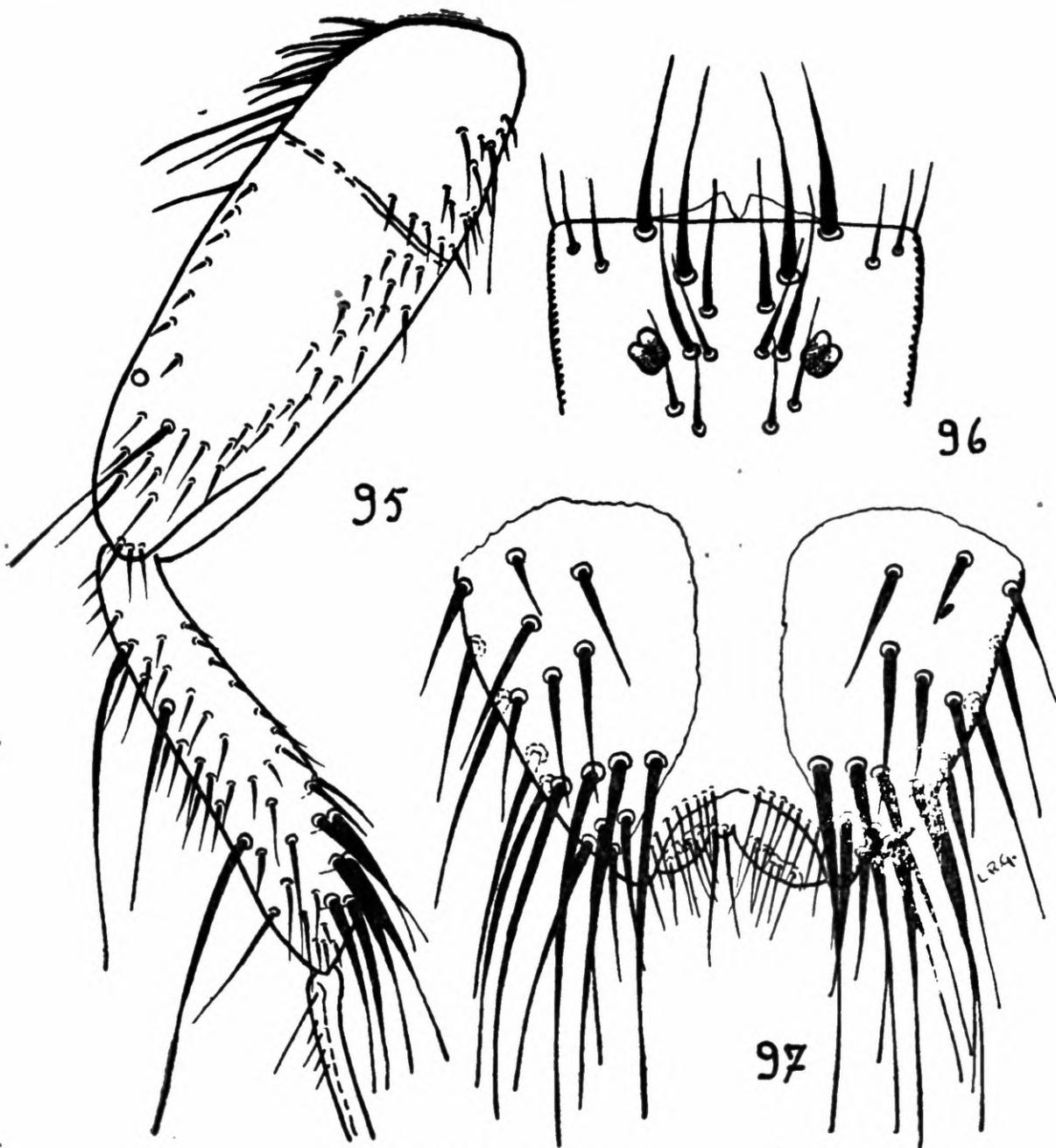


Fig. 94 *Basilia hughscotti*, n sp. ♀.

apresenta de cada lado da linha mediana cêrca de 20 cerdas longas de comprimento desiguais. A porção basal dêste tergito é glabra. Segundo tergito visível aparentemente integro, apresentando, porém, ao nível da linha mediana um sinal obsoleto de sutura. Como o tergito basal, sua borda livre é arqueada e reintrante ao nível da



*Basilis hughscotti*, n. sp.

Fig. 95 — fêmur e tíbia da pata posterior — Fig. 96 região anterior da cabeça.

Fig. 97 segmento anal.

linha mediana. Com exceção das regiões látero-anteriores que apresentam algumas cerdas de comprimento médio, êste tergito é inteiramente glabro. Parte da borda externa dêste tergito é acompanhada por numerosas cerdas cujo comprimento aumenta á medida que se

aproxima da linha mediana. O segmento anal, que é volumoso e bastante largo na base, apresenta as bordas laterais convergentes; cêrca de 8/9 cerdas se localizam de cada lado de sua metade basal; de cada lado da metade distal encontram-se duas fileiras de cerdas de 4/5 e 3/4 cerdas cada uma; borda posterior reintrante e acompanhada por cerdas delicadas. O conexivo apresenta, lateralmente, numerosas cerdas pustuladas pequenas, entre as quais algumas grandes, que se localizam sob o segundo tergito visível. O esternito basal ocupa quase a metade do comprimento do abdômen e se apresenta recoberto por cerdas; o ctenídeo de sua borda livre tem cêrca de 32/35 dentes mais ou menos separados uns dos outros. Posteriormente a êsse tergito encontram-se quatro segmentos; o primeiro deles, em grande parte escondido sob o esternito basal, se apresenta revestido de cerdas pustuladas, porém maiores que as da região dorsal; o segundo segmento é marcado por uma fileira de cerdas que acompanha sua borda posterior; o terceiro segmento, além da fileira de cerdas que acompanha sua borda posterior, apresenta algumas cerdas esparsas de cada lado da linha mediana. O segmento terminal apresenta cerdas em duas ou três fileiras irregulares, de cada lado da linha mediana e numerosas outras, maiores que as acima assinaladas, junto à posterior, que é quase reta.

## MENSURAÇÕES EM MILÍMETROS

	comprimento	observação	largura	observação
	♀		♀	
total	2,850	da extremidade distal dos palpos à borda posterior do abdômem.		
cabeça	0,500	da borda anterior do vértice ao occipício.		
tórax	1,100		1,750	medidas máximas da porção ventral.
tergito basal	0,780	da borda posterior da elevação do mesonoto à borda posterior do tergito.	1,050	
2.º tergito	1,060			
esternito basal	0,690	da borda posterior do tórax à extremidade dos dentes do ctenídeo.		

**HOLÓTIPO:** — Fêmea sob n.º 45.692, nas coleções de Insetos do Departamento de Zoologia.

**DISCUSSÃO TAXINÔMICA:** — Esta é uma espécie que se diferencia de todas as outras do gênero *Basilia*, até hoje conhecidas. A implantação da cabeça quase no meio da superfície dorsal do tórax, o grande número de cerdas localizadas no vértice, a largura exagerada do tórax em relação ao seu comprimento, a forma e quetotaxia do 1.º tergito visível e a disposição do ctenídeo do 1.º esternito abdominal, tornam inconfundível esta espécie. As tibias apresentam a quetotaxia mais ou menos parecida com as de *B. ferruginea*.

O nome desta espécie é dado em homenagem ao Dr. HUGH SCOTT, do British Museum, pelo muito que tem contribuído para o conhecimento destes interessantes dípteros.

*Basilia romañai* Del Ponte, 1944

(Fig. 98)

*Basilia romañai* DEL PONTE, 1944. Ann. del Inst. Med. Regional, vol. I, n.º 1, p. 119, fig.

**HOSPEDADOR TIPO** — *Myotis n. nigricans* (WIED) de LA FRAGUA (Santiago del Estero).

**HOSPEDADORES OUTROS** — *Tadarida brasiliensis* (I. GEOFFROY), de El Zanpon (Santiago del Estero), Rep. Argentina e "corzuela", possivelmente *Mazama illicornis* (?) de Piquete (Salta, depart. Anta), Rep. Argentina.

Não tendo tido oportunidade de examinar exemplares desta espécie, recentemente descrita, transcrevemos a seguir a descrição original:

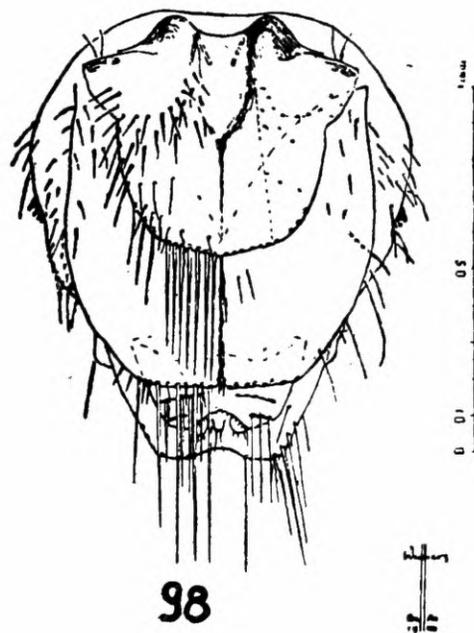
"*Hembra*". Longitud (desde al borde anterior del tórax hasta la extremidad abdominal): casi 2 mm.

Cabeza y patas aparentemente sin características específicas. Ojos bifacetados. Tibias sin anillos claros.

Tórax con su borde posterior más quitinizado que el resto del mismo, donde se une al abdomen; convexo en sentido transversal y longitudinal entre los brazos del 1er. tergito abdominal.

*Abdomen*. El 1er. tergito visible presenta el aspecto y la forma de una esclavina, con una depresión profunda mediana basal, con base anterior, como puede verse en el esquema correspondiente. A cada lado de la misma el tergito se abulta fuertemente en forma de mamelón y más hacia fuera tiene sus bordes anteriores doblados hacia abajo, los cuales se incrustan en el borde anterior abdominal, a ambos lados del tórax. La depresión central se continua hacia

atrás en forma de valle angosto, perdiendo profundidad y desapareciendo en la mitad posterior del tergito. El borde posterior de este tergito es algo posterior respecto al ctenidio ventral. A cada lado de la depresión mediana basal hay una línea de pelos o cerdas cuyas inserciones dibujan un semicírculo de diámetro anterior; otra línea de pelos, partiendo también de dicha depresión, se dirige hacia atrás y afuera; la superficie limitada por estas dos líneas, curva y casi recta, está cubierta por pelos pequeños. El borde posterior del 1er. tergito es ligeramente convexo, con 14 cerdas (en total) distribuidas muy regularmente, bien juntas y llegando, las más centrales, casi hasta el borde posterior del 2.º tergito. En los bordes laterales existen cerdas cuyas longitudes disminuyen a medida que son más anteriores. La longitud del 1er. tergito es mayor que la mitad de los tergitos basales sumados.



98

*Basilisa romanaei*

Fig. 98 abdómen da ♀, segundo Del Ponte.

Por debajo y algo paralaralmente de la inserción del 1er. tergito, se encuentran las dos extremidades anteriores simétricas de 2.º tergito visible, el cual equivale al gran tergito abdominal de la mayoría de los autores. Está formado en su parte anterior por escleritos laterales separados por un área triangular, de base anterior y cuyo vértice posterior se prolonga hacia atrás en un valle o surco angosto, con apariencia de sutura. Los dos escleritos laterales se unen francamente detrás del 1er. tergito, de tal manera que, aunque observándose una sutura entre ellos, ambos están fusionado entre

si. en una sola pieza. Los bordes laterales del tergito son mas o menos paralelos entre sí, formando hacia atrás un borde posterior casi recto. Este tergito adopta la forma general de un techo de dos aguas, ligeramente convexo. Tiene mui pequeños pelos discales en la parte anterior cubierta por el 1er. tergito visible; hacia la porción libre anterior lateral, se encuentran también algunos pelos. En su parte posterior libre, desde la porción cubierta y a lo largo de la sutura mediana hay una hilera de 5 a 7 pelos (según el lado considerado). Los bordes laterales carecen de pelos marginales; en el borde posterior hay pelos muy cortos y muy largos rigurosamente alternados.

Lo que correspondería al 3er. tergito, está formado por dos escleritos paramedianos fusionados en la línea axial, marcadamente enrollados hacia abajo y adentro en forma de cartucho o voluta en sus regiones laterales. El borde posterior del tergito forma una enseada com pequeños pelos marginales y lleva, cruzada en su parte mediana, una tenue membrana muy transparente. Los extremos póstero-externos del tergito son muy romos y tienen 3 cerdas cada uno. Una pieza cónica, mediana, que emerge por debajo de la membrana transparente, tiene en su base (cubierta) 4 cerdas dirigidas hacia atrás e insertas en un anillo más quitinizado: dos largas dispuestas según un plano horizontal y dos menores en un plano vertical; tiene también 2 cerdas apicales pequeñas. En este tergito se encuentran 4 cerdas bastante largas, paralaterales insertas en un borde quitinizado.

El abdomen por debajo de este 3er. tergito (que probablemente corresponda a la terminalia) está deprimido, observando allí algunas cerdas.

El conexivo está cubierto dorsalmente por pelos muy cortos; a nivel del ctenidio hay una hilera marginal de cerdas más largas y se vê, en los bordes de los esternitos, cerdas largas.

Ventralmente hay un ctenidio situado en la mitad del abdomen, con 66 dientes robustos y que ocupa todo el ancho abdominal. Posteriormente al ctenidio hay 2 repliegues segmentários, los cuales se interrumpen en la parte mediana axial. El resto del abdomen es ligeramente cónico, con un borde apical recortado en la parte central y con 5-7 cerdas, largas y cortas, a cada lado del recorte o muesca mediana.

*Macho*: — Abdomen con 7 tergitos. El 1.º tiene pelos discales paramedianos que forman dos grupos divergentes hacia atrás y afuera; borde posterior con pelos en toda su extensión. El 2.º tergito

tiene cerdas discales y dos filas de cerdas marginales en su borde posterior; las cerdas de la fila posterior son, en general, más largas que las de la fila anterior. Los tergitos 3 a 6, de igual longitud libre, son más cortos que el 2.º o el 1.º, prácticamente sin cerdas discales. Tienen también 2 filas de cerdas marginales en sus bordes posteriores, algunas de ellas muy largas en los tergitos 5 y 6 que llegan casi hasta el borde apical del abdomen. El 7.º tergito corresponde al resto del abdomen y está cubierto por pelos en toda su superficie. Hay dos filas de pelos apicales en el borde posterior, cada una de ellas con 8 pelos paramedianos (4 a cada lado); en la fila anterior los pelos son más robustos y más largos, exceptuando los dos medianos.

Ventralmente se observan 4 esternitos. El 1.º con el ctenidio característico, formado por 59 dientes y que se encuentra colocado a la altura de la unión del 1.º con el 2.º tercio abdominal. Segundo esternito casi totalmente cubierto por los dientes del ctenidio. Tercer esternito con dos filas marginales de dientes gruesos y oscuros, aunque no tanto como los del ctenidio: la fila anterior con 12 dientes y la posterior con 11 dientes. El 4.º esternito, formado por el resto del abdomen, cuya porción mediana longitudinal ahuecada, lisa y desnuda, está limitada a ambos lados por una zona cubierta por fuertes pelos. La terminalia está alojada en esta depresión longitudinal mediana y aunque su estructura no parece ser muy complicada, es difícil de describir sin efectuar su disección.

Forceps abdominales articulados en la misma extremidad abdominal, bien quitinizados, con una fila rala de cerdas en el borde ventral, mayores hacia la base de los mismos y algunas otras cerdas, menos fuertes y menos numerosas en la cara externa. Estos forceps protegen la terminalia.”

*Nota* — Pela descrição e desenho dados por DEL PONTE, verifica-se que *B. romanã* se aproxima muito de *B. carteri* SCOTT, sendo possível, mesmo, que não passe de um mero sinônimo dessa espécie.



## LISTA DOS HOSPEDEIROS

## VESPERTILIONIDAE

<i>Antrozous pallidus minor</i> Miller	<i>B. antrozoï</i>
<i>Antrozous pallidus pacificus</i> Merriam	<i>B. antrozoï</i>
<i>Corynorhinus macrotis pallescens</i> Miller	{ <i>B. antrozoï</i>
	{ <i>B. corynorhini</i>
<i>Histiotus velatus</i> (I. Geoffroy)	{ <i>B. mexicana mexicana</i>
	{ <i>B. mexicana plaumanni</i>
	{ <i>B. mexicana silvae</i>
	{ <i>B. flava</i>
<i>Lasiurus borealis mexicanus</i> (Saussure)	{ <i>B. ferruginea</i>
	{ <i>B. speiseri</i>
<i>Myotis albescens</i> (E. Geoffroy)	{ <i>B. carteri</i>
	{ <i>B. travassosi</i>
<i>Myotis bechsteini</i> Leisl.	<i>B. nattereri</i>
<i>Myotis californicus</i> Aud. e Bach.	<i>B. antrozoï</i>
<i>Myotis californicus quercinus</i> Grinnell	<i>B. forcipata</i>
<i>Myotis daubentoni</i> Leisl.	<i>B. nattereri</i>
<i>Myotis lucifugus lucifugus</i> Lec.	<i>B. boardmani</i>
<i>Myotis myotis</i> Bechst.	<i>B. nattereri</i>
<i>Myotis nattereri</i> Kuhl	<i>B. nattereri</i>
<i>Myotis nigricans nigricans</i> (Wied.)	{ <i>B. mirandaribeiroi</i>
	{ <i>B. speiseri</i>
	{ <i>B. romanaï</i>
	{ <i>B. juquiensis</i>
<i>Myotis nigricans</i> (Wied.)	{ <i>B. dunni</i>
	{ <i>B. myotis</i>
	{ <i>B. ferrisi</i>
<i>Myotis ruber</i> (E. Geoffroy)	{ <i>B. currani</i>
	{ <i>B. carteri</i>
<i>Myotis thysanodes</i> Miller	<i>B. forcipata</i>
<i>Myotis</i> sp.	<i>B. bellardii</i>

## PHILLOSTOMIDAE

<i>Artibeus jamaicensis lituratus</i> (Lichts.)	<i>B. bellardii</i>
<i>Chrotoperus auritus australis</i> (Thomas)	<i>B. hughscotti</i>
<i>Hemiderma perspicillatum</i> (L.)	<i>B. speiseri</i>
<i>Phyllostoma</i> sp.	<i>B. bellardii</i>

## MOLOSSIDAE

<i>Molossops temminckii</i> Burm.	<i>B. carteri</i>
<i>Nyctinomus cynocephalus</i> Lec.	{ <i>B. antrozoï</i>
	{ <i>B. forcipata</i>
<i>Tadarida brasiliensis</i> (I. Geoffroy)	<i>B. romanaï</i>

## EXPLICAÇÃO DAS LETRAS

*a* — antenas; *a.a.* — abertura anal; *a.g.* — abertura genital; *ar.* — arista; *c.* — coxa; *ct.* — ctenídeo; *e.b.* — esternito basal; *e.c.* — esclerito cervical; *el.m.* — elevação do mesonoto; *e.m.* — espiraculo do mesonoto; *e.mt.* — espiraculo do matanoto; *est.* — esterno; *f.* — fêmur; *f.c.* — fronto-clipeo; *f.c.* — foramen occipital; *fl.* — flagelo; *g.* — gena; *h.* — halteres; *l.* — labela; *m.* — mesonoto; *m.est.* — meso-esterno; *mt.est.* — meta-esterno; *m.r.* — membrana do rostro; *o.* — olho; *p.* — palpos; *p.a.* — pata anterior; *p.g.* — post-gena; *p.m.* — ptilíneo membranoso; *pd.* — pediculo; *pr.* — pronoto; *r.m.m.* — região membranosa mediana; *s.a.* — segmento anal; *s.d.p.* — sutura dorso-pleural; *s.m.mt.* — sutura meso-meta-esternal; *s.m.p.* — sutura meso-pleural; *t.* — teca; *ti.* — tíbia; *tr.* — trocanter; *ts.* — tarsos; *u.* — unhas; *v.* — vértice.

## A B S T R A C T

In this paper the A., dealing with the South American species of *Nycteribiidae*, concludes that they belong to the genus *Basilis*.

Some observations on the morphology of the genus, its geographical distribution and relationship of the species to their hosts are given. The A. also gives the synonymy and the definition of the genus, and a detailed description of every species. Two new species found on Brazilian bats, *Basilis juquiensis*, sp. n. and *Basilis hughscotti*, sp. n. are described.

